

SOB O CÉU DE ANIL

Histórias da Turma 71 na EPCAR



SOB O CÉU DE ANIL

Histórias da Turma 71 na EPCAR

Uma livre interpretação dos fatos e das histórias
que marcaram a passagem da Turma 71 na
EPCAR em Barbacena, Minas Gerais.



TÍTULO

Sob o céu de anil - Histórias da Turma 71 na EPCAR

AUTORES

Vide *in loco*

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Oscar Machado Junior

FOTO DA CAPA

Divulgação

FOTOS E IMAGENS INTERNAS

Arquivo pessoal

TRATAMENTO DAS FOTOS E IMAGENS

Madi Lalli

EDITORAÇÃO GRÁFICA

Madi Lalli

IMPRESSÃO

Gráfica União Uberlândia

2021

Impresso no Brasil

APOIO



Esta é uma obra de ficção criada com base na interpretação de fatos vivenciados ou do conhecimento de seus autores, o que poderá, em alguma medida, sugerir a semelhança com fatos e personagens reais.

Lei nº 9610/98. É proibida a reprodução total ou parcial, sem autorização dos autores.

PREFÁCIO

Quantas vezes reunimos os amigos e na conversa que se segue pipocam lembranças dos nossos três anos de convívio na Escola Preparatória de Cadetes do Ar – EPCAR? Algumas histórias que, com o passar dos anos, acabaram caindo no campo obscuro do esquecimento e outras que, de tão ricas em detalhes, parecem ter ocorrido ainda ontem.

Lá se vão cinquenta anos desde que pisamos pela primeira vez naquele imenso pátio da bandeira em Barbacena... De lá para cá, as histórias vividas acabaram ganhando novas nuances, reunindo detalhes antes não percebidos ou contextualizados. Os personagens principais às vezes são alterados ou esquecidos, mas continuam firmes e fortes a ilustrar nosso convívio naqueles breves anos entre montanhas e o céu de anil. Até hoje surgem recordações inéditas e fatos desconhecidos da maioria; acontecimentos que estavam guardados no fundo da memória de um ou de outro, e que colocam em xeque a nossa própria memória.

Por isso, desde nossa reunião de 2001 em Barbacena – que celebrou os 30 anos da Turma – perseguimos a ideia de reunir estas histórias de alguma forma. Uma tentativa de resgatar o passado antes que o tempo se encarregasse de nos roubar da memória detalhes tão preciosos da nossa formação e da nossa amizade. A primeira iniciativa foi gravarmos alguns relatos em vídeo (naquela mesma reunião e em outras que se seguiram); depois, continuamos reunindo contribuições por escrito; até que alguns desses “causos” finalmente foram publicados na página da Turma na internet.

E então, eis que chegamos a 2021: ano do cinquentenário da Turma. O desejo de marcar este Jubileu de Ouro com algo significativo, como uma publicação reunindo 50 histórias ou 50 imagens do tempo compartilhado na EPCAR, se fazia presente e cada vez mais urgente. Selecionar 50 fotos que representassem aquele período seria tarefa fácil, visto que possuímos um rico acervo fotográfico com centenas de imagens. O difícil, mais uma vez, eram elas: as histórias!

Decididos a finalmente realizar este antigo desejo, solicitamos a colaboração dos companheiros para que resgatassem e enviassem episódios marcantes vividos em Barbacena. Muitos colaboraram de uma forma ou de outra: recebemos relatos completos e muitos fragmentos de histórias que foram consolidados depois de intensa pesquisa e consulta a outros companheiros. Outros, como este que vos escreve, se encarregaram de

selecionar, organizar e editar as histórias aqui presentes. O companheiro de turma Roberto João DOERL, vale destacar, nos cedeu generosamente um longo trecho sobre nossos primeiros dias na EPCAR. Texto este que faz parte de um livro ainda inédito de sua própria autoria e que serviu de pontapé inicial para a nossa narrativa.

Se no começo o que nos moveu foi a criação de uma publicação simples, como uma revista comemorativa, agora nos sobrava conteúdo! Foi assim que, naturalmente, este livro que você agora tem em mãos nasceu. Em um trabalho minucioso, para historiador nenhum colocar defeito, fomos costurando estas memórias com registros do Livro Histórico da EPCAR, procurando organizá-las em ordem cronológica ao longo de nossos três anos de convívio: 1971, 1972 e 1973.

Os textos foram revisados de modo a estabelecer uma forma comum da narrativa. Optamos, na medida do possível, pela impessoalidade, evitando mencionar nomes e apelidos que, em alguns casos, ficarão subentendidos, assim como expressões chulas.

O que você verá a seguir são versões das histórias reais, que expressam a visão deste autor-editor, o que pode não ser fidedigno sob outros pontos de vista. Mas, com toda certeza, servirão como ponto de partida para uma longa conversa acerca do “fato” e como grande estímulo para a lembrança de outras histórias tão ou mais significativas.

Boa leitura e boas lembranças!

71-214 - **OSCAR** Machado Junior

AGRADECIMENTOS

A minha esposa Regina e filhas Cynthia e Priscilla pelo apoio, contribuição e incentivo em todas as etapas deste trabalho.

Aos companheiros da Turma 71 que contribuíram para a concretização dessa ideia, seja com textos, áudios, transcrições, esclarecimentos, comentários, pesquisas, fotos, desenhos e até como personagens das histórias: Márcio Antônio **AGUIAR** de Albuquerque, Carlos **ALBERTO** dos Santos, **ALDO** de Almeida Oliveira, Mário Sérgio de **ANDRADE** Couto, Carlos Moraes **ANTUNES**, **AURÉLIO** Agostinho dos Santos, Ruy Vieira **BARROS**, Cezar Augusto Carneiro **BENEVIDES**, José Manoel Rocha **BERNARDO**, Paulo Roberto Rodrigues **BORGES**, Antônio **BRAGANÇA** Silva, Oscar Alves **CAPELLA** Filho, Carlos José **CARDOZO**, Flávio dos Santos **CHAVES**, Luiz **CLAUDIO** de Almeida Araújo, **COSME** Roberto Andrade Corrêa, José **COUTINHO** Neto, Alberto Wagner da **CUNHA** Baptista, **DALMAR** Praça Cardoso, Roberto Alves **DANTAS**, César **DIAS** Ribeiro, Roberto João **DOERL**, **EDIMAR** Borges de Freitas, **EDVALDO** Ribeiro, **FERNANDO** Jose da Silva Fernandes, Marcus Vinitius Mendonça **GALVÃO** de Souza, Carlos Ruben da Silva **GRAÇA**, Marcelo Mario de **HOLANDA** Coutinho, **ISNARD** Batista de Souza Filho, Paulo Estevão **LOBIANCO**, Ronaldo **MARINHO** dos Santos, **MÁRIO** Lúcio Ribeiro, Antônio José **MARTINS** Mello, Domingos Octávio **MARTIRE**, Alberto César Greiffó da Justa **MENESCAL**, Carlos Alberto da Silva **MOREIRA**, Jader **NEIVA** Mello, Elzo Luiz **PADILHA** Freitas, Rui Correa **PARENTE**, Fernando José **PEHRSON** Lima, Luiz Vidigal **PIRES**, **RENE** Reis Fernandes, José Roberto **SCHNEIDER** e João **THEODORO** de Moraes Neto;

Ao aluno 70-252, Kleber da Silva **VALENTE**, pela ajuda na pesquisa para este livro;

Ao aluno 72-131, Roberto Flávio **RAMALHO** das Chagas Pires, cujo comentário sobre o I Festival de Música da EPCAR, publicado na internet, serviu de base para o texto sobre este tema no livro;

Ao **Professor** Geraldo Ribeiro da **Fonseca**, que revisou o texto sobre seus colegas professores da EPCAR;

Enfim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a concretização desta ideia, em especial à **FHE-POUPEX**.

SUMÁRIO

<i>A TURMA DE 1971</i>	13
1971	17
<i>RUMO À EPCAR</i>	19
<i>O PERÍODO DE ADAPTAÇÃO: “QUARENTENA”</i>	23
<i>HISTÓRIA DE UM LARANJEIRA</i>	43
<i>A 1ª RESSACA A GENTE NUNCA ESQUECE!</i>	45
<i>SERÁS SEMPRE BEM-VINDO</i>	47
<i>SAUDADES DA MAMÃE</i>	49
<i>21º TROFÉU LIMA MENDES</i>	50
<i>22º ANIVERSÁRIO DA EPCAR</i>	52
<i>O BARÃO DE BARBACENA</i>	54
<i>TÁ PRESO, COMUNISTA!</i>	57
<i>A BATALHA DOS ANDRADAS</i>	58
<i>ORIENTAÇÃO EXTRACURRICULAR: UMA ZONA!</i>	60
<i>INDEPENDÊNCIA DO BRASIL</i>	64
<i>SEMANA DA ASA</i>	66
<i>VII NAE</i>	68
<i>A BELA E AS “FERAS”</i>	69
<i>O T-6 CAIU!... OU NÃO?</i>	70
<i>JURAMENTO À BANDEIRA</i>	72
1972	75
<i>INAUGURAÇÃO DA NOVA CAPELA DA EPCAR</i>	77
<i>INÍCIO DO ANO LETIVO</i>	78
<i>PASSAGEM DE COMANDO</i>	79
<i>22º TROFÉU LIMA MENDES</i>	80
<i>A “BOLACHA” DA TURMA</i>	82
<i>DOLLY (DOLLAMIM) HÁ CINQUENTA ANOS</i>	83
<i>CAÇANDO BARATAS</i>	84

<i>“LAVUAZIÊ” DO RANCHO</i>	85
<i>O ARMÁRIO</i>	87
<i>NO ISOLAMENTO</i>	89
<i>O ADEUS A CHARLES ASTOR</i>	91
<i>SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA</i>	93
<i>UM GRITO ISOLADO NA AVENIDA PAULISTA</i>	102
<i>“CANIVETE”</i>	104
<i>SEMANA DA ASA</i>	106
<i>VIII NAE</i>	107
<i>JAPONÊS BOM DE CAMA</i>	109
<i>NOCAUTE NA PELADA</i>	111
<i>MAIS DO QUE LAVADEIRAS</i>	113
1973	115
<i>23º TROFÉU LIMA MENDES</i>	117
<i>EM UMA FORMATURA QUALQUER</i>	119
<i>O INESQUECÍVEL FESTIVAL DE 1973</i>	123
<i>HAVERÁ CABANGU ESTE ANO?</i>	129
<i>O IOGURTE DO RANCHO</i>	137
<i>O SUSTO DO MARRAIO</i>	138
<i>A INVASÃO DO COLÉGIO AGRÍCOLA</i>	139
<i>RECONCILIAÇÃO NO COLÉGIO AGRÍCOLA</i>	141
<i>A UNHA ENCRAVADA</i>	144
<i>100 DIAS</i>	146
<i>INDEPENDÊNCIA DO BRASIL</i>	147
<i>IX NAE</i>	148
<i>“VI” DE PERUCA</i>	150
<i>UM BANHO DE CULTURA</i>	151
<i>O ALBATROZ QUE VIROU GAVIÃO</i>	154
<i>COMPANHIA DE TEATRO METRO TIGRE MAYER</i>	155

<i>003 - UM NOVO DIA PARA DORMIR</i>	157
<i>003 - LICENÇA PARA DORMIR</i>	160
<i>003 - LICENÇA PARA DIRIGIR</i>	162
<i>003 - NUNCA MAIS OUTRA VEZ</i>	163
<i>O “NAVIO NEGREIRO”</i>	167
<i>ALUNO TEM CADA UMA!</i>	168
<i>NOME OU APELIDO?</i>	170
<i>DOS PROFESSORES, A LEMBRANÇA...</i>	171
<i>QUEM VÊ CABEÇA, NÃO VÊ CORAÇÃO</i>	174
<i>BAILE DO ADEUS - DESPEDIDA NA CADEIA?</i>	175
<i>SAUDADES DE BQ...</i>	177
<i>ISABELINHA</i>	180
<i>BALANÇO FINAL</i>	182
<i>A TURMA 71+50 VEM AÍ...</i>	185



AERONÁUTICA

CANDIDATOS A EPCAR — Os candidatos selecionados à matrícula na Escola Preparatória de Cadetes do Ar ... (EPCAR), deverão se apresentar às 15 horas do próximo dia 28, na Academia da Força Aérea (Rua de Janeiro) ou no Quartel-General da 4.ª Zona Aérea (São Paulo), a fim de seguirem para Barbacena, onde está localizado o atual estabelecimento de ensino da PAE. Haverá uma 2.ª chamada para preenchimento de vagas, entre 10 e 16 de março próximo, dos candidatos que foram julgados aptos em inspeção de saúde e que não constam da relação abaixo. A notificação dessa chamada será feita pela imprensa de Rio e de São Paulo e ainda individualmente através de telegrama. O Comando da EPCAR recomenda aos pais ou responsáveis que procurem efetuar a matrícula de seus filhos ou dependentes em outros estabelecimentos de ensino, pois a 2.ª chamada para preenchimento das vagas será realizada dentro da ordem de classificação intelectual. São os seguintes os candidatos selecionados: — Aderson de Oliveira Júnior, Alberto Lipp, Alberto Tavares de Oliveira, Alberto Wagner da Cunha Baptista, Aido de Almeida Oliveira, Altivo Guaiánas de Souza Tavares, Amauri Rocho Marques, Angelo de Oliveira Filho, Angelo Silva da Costa, Antônio Bragança Silva, Antônio Carlos Belarmino da Silva, Antônio Carlos César, Antônio Carlos Fernandes de Oliveira, Ary Monteiro Barroso, Audálio Monteiro Júnior, Augusto de Souza Salsinha, Belmar Aurélio de Vasconcelos, Benedito Antônio Quisatti, Benedito Pereira de Souza, Carlos Alberto Barbosa de Souza, Carlos Alberto da Silva Moreira, Carlos Alberto dos Santos I, Carlos Alberto Freitas, Carlos Alberto Nunes, Carlos Alberto Pêgas, Carlos Alberto Quintas Lima, Carlos Alberto Schever Navarro, Carlos Amado Machado Neto, Carlos César Garcez e Silva, Carlos Domingues, Carlos Galvão, Carlos José Cardoso, Carlos Ruben da Silva Graça, Cassimiro Gabriel da Silva Filho, César Dias Ribeiro, César Augusto Carneiro Benevides, César Roberto Menezes Bunn, Clenório da Silva Oliveira, Cláudio Roberto Santiago Maranhão, Clóvis Bevilégua Marinho, Cosme Roberto Andrade Corrêa, Darlo José Machado Ribeiro, David de Moraes Carvalho, Domingos Octávio Martire, Denizete Pereira Chaves, Edrel Velasco Barcellos, Edmar Borges de Freitas, Eliel de Melo Souza, Elandro Elias de Lima, Elmo de Oliveira Menezes Filho, Elzo Luiz Padilha Freitas, Emmanuel Amazonas Rabello de Oliveira, Enio Petrocchi, Eugênio Carvalho Duque, Fernando Luiz dos Santos, Fernando Luiz Matheus Bourros, Flávio dos Santos Chaves, Francisco Antônio Costa, Francisco Carlos de Brito Araújo, Francisco Carlos Siqueira Moura, Francisco de Assis Ferraro, Francisco José de Matos, Francisco Nilton Moreira de Medeiros, Frank Macedo Roncesvalles Holmes, Gabriel Bombonato, Geraldo Carmo de Assis, Gilberto dos Santos Prado, Gilberto Renhe, Gustavo Affonso Tábuas de Mello, Hélio Freitas Camargo, Herli Paul Pach, Henrique Lopes Lage Martins, Ina Araújo Baschoren, Isaiard Batista de Souza Pi-

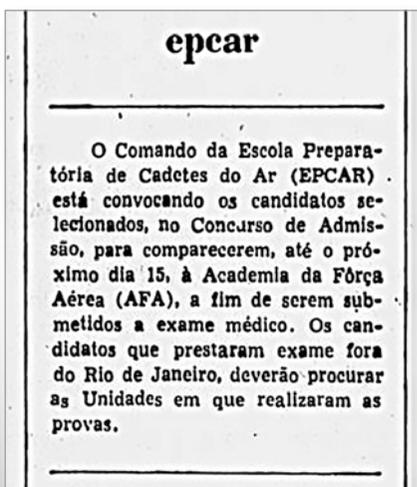
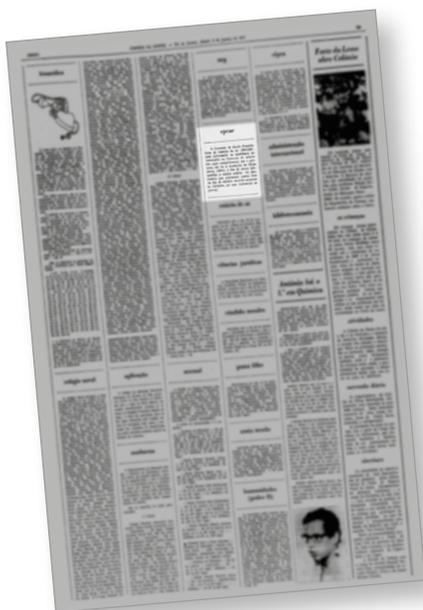
lho, Ivan Pereira de Souza, Jader Neiva Mello, Jair Carlos Koppe, Jarbas Abreu Júnior, Jayro José da Silva, João Almeida Couto, Joaquim Coelho Dias, Jony de Vargas Brato, Jorge Alberto Torquato Pessoa, Jorge Augusto Nonato de Faria, Jorge Carlos de Araújo, Jorge da Silva Pelxoto, Jorge Luiz Brown Segul, José Augusto Fajardo Lopes, José Carlos Ortiz da Cruz, José Carlos Pereira, José Cesário Monteiro da Silva Júnior, José Continho Neto, José Dalton Carvalho, José Eduardo Gonçalves Ferrerinha, José Estefano Ferrares, José Geraldo Perceiconi Vidal, José Lázaro, José Luis Palomar Fernandes, José Luis Pinto Cardoso, José Maria Curado Ribeiro, José Mário Ribeiro Osório, José Murilo Ramos, José Pimentel Corrêa, José Renato de Souza Nascimento, José Ricardo Silva Prudêncio, José Roberto Alves Fernandes, José Roberto Schneider, Jozan Garcia Benavindo, Klaus Rolf Zedler, Leano Cordeiro de Miranda, Leano Antônio Pereira, Leano de Oliveira, Lécio Cinto de Araújo, Leopoldo de Mendonça Partado, Lourival Alves Neto, Lúcio Ribeiro Guerra, Luiz Alberto Gomes de Leão, Luiz Antônio Andrade Franco, Luiz Antônio de Oliveira, Luiz Antônio Lisboa, Luiz Antônio Marciano dos Santos, Luiz Carlos D'Agostinho, Luiz Carlos Santos Moia, Luiz Cláudio de Almeida Araújo, Luiz Vandick Fajardo, Luiz Ydjalger Pires, Marcelo Mário de Holanda Coutinho, Marcelo Antônio Aguiar de Albuquerque, Márcio Roosevelt-Smith Mogo, Marco Antônio Pereira Autran de Abreu, Marco Aurélio Cabral Tancredi, Marco Aurélio Pereira Rocio, Marcos Antônio da Silva Marcelino, Marcos Esael da Silva, Marcos Simas Parentoni, Marcos Tadeu Pereira, Marcos Vinícius Mendonça Galvão de Souza, Marcus Rodrigues de Carvalho, Mário de Pálima Vieira, Mário Hélio de Mendonça Santos, Mário Ivo Berni Ramos, Mário Sérgio de Andrade Couto, Marquill Góes Machado, Maurício Maia Gomes da Silva, Mauro Sérgio Constâncio, Miguel Francisco Filho, Milton Wohlant, Nello Machado Pinheiro, Nelson da Silva, Nestor Rodrigues, Nilson Carlota de Souza, Norberto Prantiz, Odilon Duque da Silva Filho, Oduvaldo Respiño, Oscar Machado Júnior, Osmar Geraldo da Silva, Paulo Barbosa Guedes, Paulo César Ailub de Albuquerque, Paulo Estevão Lohianco, Paulo José de Almeida Ribeiro, Paulo Renato Baptista, Paulo Renato Silva e Souza, Paulo Roberto Mischler, Paulo Roberto Pinto Alvinganga, Paulo Salgado Junqueira, Paulo Sérgio de Oliveira Lício, Pedro Ernesto Silva Santos, Pedro Paulo Gouvêa de Magalhães, Pierre Fernandes Bezerra, Rafael Rodrigues Filho, Raimundo Liberato de Assis, Reinaldo Nilton Zanqui, Renato Riela Pereira, Renê Reis Fernandes, Renê Santoyo Júnior, Ricardo Luiz Rodrigues de Carvalho, Ricardo Mendes, Ricardo Pimentel da Silva, Ricardo Porciúncula dos Santos, Roberto Alves Dantas, Roberto Coullarte Madeira, Roberto João Doel, Roberto Nogueira de Paiva, Rohson Sant'Ana Rodrigues, Rodolfo Tadamitsa Oshiro, Rômulo Peixoto Pignarello, Ronaldo dos Santos Pimentel, Ronaldo Silva Rosas, Rui Corrêa Parente, Ruy Vieira Barros, Salvatore Mantuano Filho, Samir Hassan, Samuel dos Santos Guerra Filho, Sebastião Roberto Magalhães Machado, Sérgio Flores de Oliveira, Sérgio Luiz Bonatti, Sérgio Luiz Paes Ribeiro, Sérgio Luiz Vilasboas, Sérgio Mauro Bonfim Praça, Sérgio Maya de Azevedo, Sívio Fernando Bernardes Pinto, Ubijajara Lopes da Silva, Valter Augusto Donato de Jesus, Wilson de Carvalho Filho, Wilson Hugst, Wilson Walter dos Santos Barboza, Wanderley Dull, Willie Monteiro Rodrigues de Carvalho, Wilson Roberto de Melo, Wilton de Lima Cavalcanti de Araújo, Winston Costa Meirelles, Eustáquio Ferreira Corrêa, Evandro César Fernandes Praça, Fernando Augusto Potter, Fernando Gonçalves Rêgo, Fernando José da Silva Fernandes e Fernando Luiz da Moita Souza

A TURMA DE 1971

Oscar (Inspirado na “Revista Senta a Pua 71”)

Era uma vez, 3.342 jovens brasileiros que, nos idos de 1970, decidiram prestar concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Ar - EPCAR, com vistas ao Curso Preparatório de Cadetes do Ar que se iniciaria no ano seguinte. Quantos motivos diferentes moviam essa parcela da juventude brasileira em direção à Escola... quanta esperança!

Os candidatos tinham origem em todas as partes do Brasil e, no dia das provas, concentrados nas principais cidades brasileiras, rostos desconhecidos, a maioria ainda imberbes, se aglomeravam em frente aos locais designados, dividindo a ansiedade e a apreensão que perduraram até a tão aguardada divulgação da lista com os aprovados.



Depois de alguns dias de espera e angústia, o resultado chegou – acompanhado de alegria para uns e desilusão para outros. Aos classificados na primeira fase restavam ainda os obstáculos dos exames físicos e médicos: flexões de braço, polichinelos, corrida, pé chato, miopia, o copo de “mingau” de água e açúcar que nos faziam ingerir antes do eletroencefalograma, os desenhos (casa, pessoa e árvore) e a entrevista

com o psicólogo (tantas perguntas que pareciam sem sentido!).

Ao longo dos próximos dias, divididos em grupos, a maioria foi encaminhada à Policlínica de São Paulo ou ao Instituto de Seleção, Controle e Pesquisa (ISCP), precursor do Centro de Medicina Aeroespacial (CEMAL), no Rio de Janeiro. Sentados nas salas de espera, os candidatos aprovados no exame intelectual aguardavam a convocação para os exames que era anunciada pelos alto-falantes. Assim, aprenderam alguns nomes, associando-os às fisionomias daqueles com os quais iriam compartilhar o dia a dia em futuro próximo. Ainda que meros desconhecidos, passaram também a dividir os temores do exame oftalmológico, em especial, ou das histórias fantasiosas sobre o que acontecia no interior daquelas salas de ar sombrio.

Alguns não lograram êxito, mas finalmente, após a rigorosa seleção intelectual, física e médica, o grupo que “sobreviveu” estava pronto para seguir o destino.

Era chegado o dia de se despedir da família e seguir para uma vida quase independente. Os pais exibiam emoções conflitantes: orgulho, alegria, tristeza e saudade. Os filhos, o receio do desconhecido. O que os aguardava era uma incógnita que só seria desvendada em alguns dias, longe de casa e do apoio dos entes queridos.

A primeira etapa, que se resumia em uma viagem até a Escola, foi solitária para aqueles que se deslocaram por meios próprios e uma grande aventura para os que optaram por se reunir em São Paulo ou no Rio de Janeiro, antes da etapa final a ser percorrida em ônibus fretados pela própria EPCAR.

Foi, realmente, a primeira grande reunião da Turma. Ali começaram a estreitar laços de amizade, aprender a conviver com pessoas de diferentes modos e costumes, criar uma linguagem própria e entender que chamar um companheiro de “filho disto ou daquilo” não visava, necessariamente, atingir a integridade da família alheia, pois, no fundo, passávamos a ser filhos da mesma mãe: a Pátria!

A viagem se iniciou e, de repente, quase sem perceber, eles haviam chegado...

Uma manhã de sol e um burburinho de agitação percorriam a histórica Escola. Apesar de se repetir a cada ano, a chegada de uma nova Turma sempre guardava uma característica especial. Para os que chegavam, tudo parecia ser novidade; o olhar vislumbrava os aspectos mais vibrantes; o coração acelerava; as mãos e pernas tremiam levemente; a emoção se misturava à curiosidade. Uma nova etapa da vida se iniciava.

Lá estava a bandeira desfraldada. Ali estava o grande pátio que seria o inseparável companheiro de horas de exercícios.... E caminharam todos, tendo no rosto estampada a esperança que alimentavam, tendo no espírito a coragem e o ideal que os faziam ali presentes.

Lado a lado, futuros grandes amigos que ainda mal se conheciam, iam e vinham com suas malas enormes, seus cabelos compridos e roupas que em nada se assemelhavam aos uniformes que passariam a utilizar. Um novo caminho se abria! Uma nova esperança! As aspirações começavam a tomar forma.

E chegaram: ao som da Banda Marcial, o Hino do Aviador ecoava nos ares e, ao retumbar do bumbo entre acordes e ritmos, foram organizados em filas. A harmonia dos sons ecoava mais forte! Com seu hino de louvor, a Escola saudava seus filhos. E eles iam e vinham: passo a passo sem saber como, de sorrisos e vibração sem saber por quê. Tudo trazia à tona o grito de guerra de cada um. Tudo transmitia a todos uma nova missão a ser cumprida e um novo objetivo a conquistar. A banda continuava e o desfile prosseguia qual turba desordenada de homens não adestrados. Tudo começou assim e a vida ia ser vivida; e o velho sonho tornar-se-ia realidade.

Chegaram e alguns dias depois eram os 321 alunos que constituíam a Turma 71 da EPCAR.

Na breve passagem pela Escola, muitas coisas os marcaram profundamente e muitas marcas eles deixaram. Foram três anos de muitas alegrias e tristezas. Foram três anos de experiências, que valeram pelos anos já vividos em suas jovens existências. Lutaram e muito ainda teriam que lutar – lição que a Escola os ensinou muito bem. Mas não só isso: também os ensinou a valorizar cada ser humano; a aceitar e conviver com as diferenças sem preconceito ou discriminação, pois todos compartilhavam as mesmas tarefas, obrigações, satisfações e dissabores do dia a dia. Sempre dependiam uns dos outros. Foram três anos de companheirismo vivido sob o mesmo teto, a mesma luta, e sob o mesmo ideal, a espargir sobre eles a mesma luz que os guiava para um mesmo fim.

Juntos aprenderam a “Istudá prá dá aligria prá papai!”; perceberam que nem um “Super-Bicho” é capaz de atravessar uma porta de vidro; cantaram músicas que contavam suas desventuras como “Turma Cobaia”; aprenderam a estória do Barão de Barbacena e outras que se tornaram parte do folclore da Turma e da própria Escola. Enfrentaram o grau relativo nas provas. Conheceram, enfim, a vida com uma enorme família.

Juntos sofreram, juntos se alegraram, juntos, enfim, viveram a dor da renúncia, da perda de um companheiro e o prazer das pequenas – mas

profundas – vitórias que alcançaram. Hoje, diante deles, as lembranças das aventuras acenam docemente, como capítulos de um grande livro escrito a 321 mãos... ou seriam 642? E no momento em que os seus corações suspiram, alguns acontecimentos voltam a lembrar esta breve e profunda experiência.

Reviveram o primeiro ano... a primeira semana de instrução, a tão intimamente conhecida como “Período de Adaptação” ou “Quarentena”. Foi nessa semana que tomaram contato com as primeiras dificuldades de sua vida na Escola. Mas as venceram! E venceram graças à vivência em comum, pois que, ao verem aquele desconhecido ao seu lado vencê-las, também eram levados a superá-las.

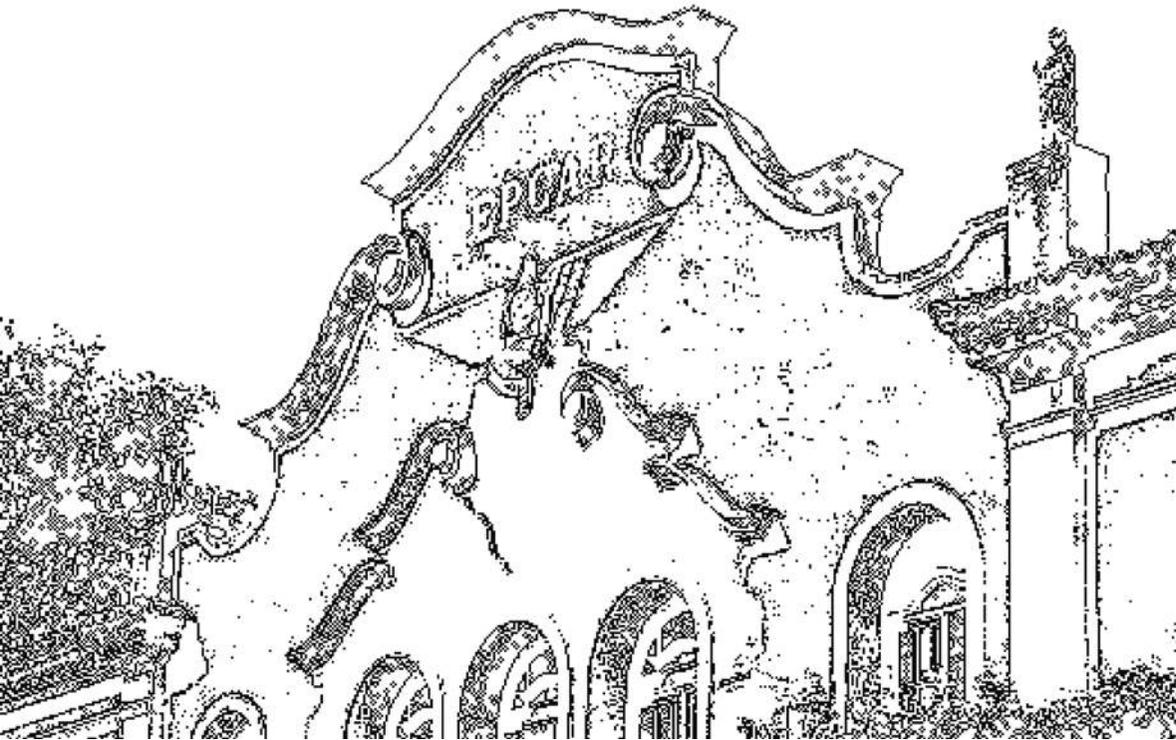
O Troféu Lima Mendes (competição interna da Escola); a NAE (competição esportiva entre os alunos do Colégio Naval, Escola Preparatória de Cadetes do Exército e EPCAR) realizada na EPCAR; o Juramento à Bandeira; o desfile de 7 de Setembro pelas ruas de Barbacena... e quantas histórias mais!

Sabemos que todos foram conduzidos àquela Escola por um nobre e elevado ideal. Deixaram, assim, o regaço acolhedor de seus lares com o objetivo de se preparar para uma vida ou profissão que ainda é, inegavelmente, uma das mais belas e empolgantes. Enfrentaram, deveras esperançosos, os obstáculos que apareceram, porque, se assim não fora, não conseguiriam realizar aquilo a que aspiravam, e desapareceria o anseio sublime e invejável de um dia cortar o esplêndido azul de nossos céus, encurtando distâncias e levando até outros continentes a presença deste imenso Brasil.

Todas essas lembranças – e tantas outras mais – tentamos reunir a seguir, registrando as histórias, as prosas e os “causos” que marcaram as aventuras e desventuras desse grupo de jovens, em três anos de convívio sadio e alegre entre os muros da EPCAR e, para além deles, entre o céu anil e as montanhas de Barbacena.

1971

A Intel lançou no mercado seu primeiro microprocessador e a Disney World foi inaugurada em Orlando, nos EUA. Enquanto isso, as rádios do Brasil tocavam *Construção e Cotidiano* (de Chico Buarque), *Have You Ever Seen the Rain* (de Creedence), *Fire and Rain* (de James Taylor), *Debaixo dos Caracóis de seus Cabelos* e *Detalhes* (de Roberto Carlos); e nos cinemas estreavam: *Operação França*, *Domingo Maldito*, *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, *Laranja Mecânica* e *Morte em Veneza*.



RUMO À EPCAR

Fevereiro de 1971

Aldo, Barros, Benevides, Bernardo, Chaves, Doerl, Holanda, Oscar, Schneider

Um domingo como tantos outros foi o dia determinado para a Concentração Final e o deslocamento até Barbacena, em ônibus fretado pela EPCAR, a partir de São Paulo e do Rio de Janeiro, cidades com o maior número de candidatos aprovados. No entanto, para cada região e cidade do Brasil, a convocação para os exames médicos e o deslocamento até os locais de exame e, posteriormente, até a EPCAR seguiram um cronograma específico.



MATRÍCULA NA EPCAR — Os candidatos selecionados à matrícula na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), deverão se apresentar às 15h 30min de amanhã, dia 28, na Academia da Força Aérea (Rio de Janeiro) ou no Quartel-General da 4ª Zona Aérea (São Paulo), a fim de seguirem para Barbacena, onde está localizado aquele estabelecimento de ensino da FAB. Haverá uma 2ª chamada para preenchimento de vagas, entre 10 e 16 de março próximo, dos candidatos que foram julgados aptos em Inspeção de Saúde, que serão notificados pela imprensa do Rio e de São Paulo e ainda individualmente através de telegrama. O Comando da EPCAR recomenda aos pais ou responsáveis, que procurem efetuar a matrícula de seus filhos ou dependentes em outros estabelecimentos de ensino, pois a 2ª chamada para preenchimento das vagas existentes será realizada dentro da ordem de classificação intelectual.

Ao pessoal do Norte e Nordeste, foi oferecido o transporte aéreo em um C-47, a partir de algumas capitais, para realizar os exames médicos no Rio de Janeiro, o que, para alguns, acabou se tornando a primeira oportunidade de voar em uma aeronave da FAB. Ao chegar na Cidade Maravilhosa, aqueles que não tinham onde se hospedar ficaram no Campo dos Afonsos, em um alojamento improvisado com beliches forrados de lona (não tinham colchão), curtindo um calor intenso no meio de nuvens de mosquitos, até sair o resultado dos exames médicos.



Entretanto, nem todos os aprovados no Nordeste seguiram naquele C-47. Um, pelo menos, ficou para trás: o Benevides. Ele morava em João Pessoa, cidade que não tinha Base Aérea, só um pequeno Destacamento de Aeronáutica, e o telegrama com o resultado do concurso chegou quando todo o pessoal do Nordeste já tinha realizado o exame físico e embarcado para o Campo dos Afonsos.

O desespero bateu e, sem saber ao certo o que fazer, ele deu um jeito de seguir para a Base Aérea do Recife, ponto original de concentração, onde procurou o Chefe da Comissão de Provas, Major Aviador Castelo Branco, que, por sorte, ainda estava lá.

Era um fim de semana e o Chefe da Comissão tinha ficado mais alguns dias em Recife para concluir os trabalhos. O Benevides descobriu que o Major estava dormindo no Cassino de Oficiais e foi até lá procurá-lo. O cassineiro que o recebeu foi logo dizendo que o Major era meio bravo e estava dormindo, afinal ainda era muito cedo. Recomendou que aguardasse ele acordar, o que foi prontamente atendido.

Umás duas horas depois, o Major apareceu. Benevides reuniu coragem, foi até ele e explicou o ocorrido e disse que não sabia o que fazer. O Major mandou chamar um sargento e determinou que ele lhe aplicasse o exame físico no dia seguinte.

Desacostumado a praticar exercícios, o Benevides quase morreu durante o exame, mas acabou sendo aprovado e, por ordem do Major, seguiu para o Rio de Janeiro em um outro C-47, que transportava o pessoal do Projeto Rondon.

Ao chegar no Campo dos Afonsos, encontrou-se com o restante do pessoal nordestino e outros que já tinham realizado o exame médico e estavam “hospedados” naquela base militar. O Casimiro ainda lhe deu uns “bizus” importantes que o ajudaram no exame de saúde.

Assim, graças à compreensão do Major Castelo Branco, o Benevides não perdeu a vaga na Turma de 1971 da EPCAR, o que, nas suas próprias palavras, seria um desastre na sua trajetória existencial - não compartilhar aqueles anos tão importantes com os demais companheiros, amigos e, por que não dizer, irmãos de Turma.

Bem, os aprovados desse grupo no exame de saúde seguiram para Barbacena em ônibus fretados pela FAB ainda em janeiro ou se apresentaram na EPCAR ao final de fevereiro. Mas nesse segundo caso o deslocamento para a Escola foi por meios próprios. Assim, o pessoal do Norte e Nordeste foi o primeiro a chegar à EPCAR.

Os companheiros da região Sul seguiram por meios próprios até São Paulo, onde os exames médicos foram realizados no HASP. Com o resultado dos exames e a aprovação final, alguns mais ansiosos seguiram logo, por meios próprios, para Barbacena, e os demais em ônibus fretado pela EPCAR.

O pessoal aprovado nos exames, que seguiria para a EPCAR em ônibus fretado a partir de São Paulo, recebeu um telegrama convocando para comparecer ao Quartel General da IV Zona Aérea, no Cambuci, no dia 28 de fevereiro, para embarque, apesar de alguns afirmarem que o embarque foi na Praça Princesa Isabel. Entretanto, nem todos seguiram viagem naquele dia, uns poucos ficaram para trás e cerca de uma semana depois receberam outro telegrama convocando para seguir viagem para Barbacena. O primeiro grupo chegou à EPCAR por volta de 06:00 do dia 1º de março e seguiram direto para o café da manhã, quase ao mesmo tempo em que os veteranos - turmas de 69 e de 70 se preparavam para entrar em forma no Pátio da Bandeira.



Quanto ao pessoal do Rio de Janeiro, eles foram concentrados em um hangar do Campo dos Afonsos, onde um oficial, do alto de uma escada, iniciou a chamada dos candidatos aprovados que embarcariam para Barbacena naquela noite de 28 de fevereiro. Assim como em São

Paulo, alguns ficaram para trás e seguiram cerca de uma semana depois para Barbacena. Encerrada a chamada, os que seguiriam para Barbacena naquela noite foram dispensados para retornar mais tarde e, à noite, no horário indicado, todos embarcaram nos ônibus estacionados na área externa do hangar.

Naqueles dias próximos ao embarque, superamos um conflito de sentimentos que variava da alegria por estar seguindo em busca do sonho almejado até a tristeza por deixar entes queridos para trás; do medo à excitação pelo desconhecido, pelas mudanças que estavam prestes a acontecer. Mas era chegada a hora de reunir coragem e partir, de enfrentar os receios, as dúvidas e as incertezas com a confiança de que tínhamos sido bem-preparados pelos nossos pais.

Independente da cidade de origem, do dia que iniciaram a viagem ou do meio de transporte empregado, todos seguiram para o embarque acompanhados dos pais, dos amigos, da namorada ou mesmo sozinhos, com a mala na mão e a esperança e a incerteza no coração.

Aqueles que seguiram nos ônibus fretados pela EPCAR tiveram a oportunidade de iniciar a amizade com os companheiros de viagem logo após a partida, ou mesmo antes, durante a Concentração Final. Alguns já se conheciam ou fizeram amizade nesse dia, outros poucos, mais tímidos e introspectivos talvez, entregavam-se aos seus pensamentos, até o cansaço vencer a todos e adormecerem relaxados.

Entre a chegada do pessoal do Norte e Nordeste e a do grupo de São Paulo, que desembarcou na Escola por volta de 06:00 do dia 1º de março, chegaram todos, menos o pessoal do Rio de Janeiro que vinha em ônibus fretado. Depois ficamos sabendo que o oficial que os acompanhava desde o Campo dos Afonsos resolveu controlar o horário de chegada para fazer uma “entrada triunfal” durante a formatura matutina do Corpo de Alunos.



O PERÍODO DE ADAPTAÇÃO: “QUARENTENA”

1º de março de 1971

Cardozo, Doerl, Fernando, Lobianco, Oscar, Pires

Para o pessoal do Rio de Janeiro, a experiência seria marcante. Os ônibus passaram pelo portão principal da EPCAR e seguiram até o Pátio da Bandeira. Era uma ensolarada manhã e os alunos veteranos estavam em forma, ocupando grande parte do enorme pátio. Assim que os ônibus estacionaram, a banda de música começou a tocar hinos militares. O coração palpitava acelerado. Jamais imaginaram ter, logo na chegada, uma visão tão real do que seria a vida naquela escola.

Desceram dos ônibus, apanharam a bagagem e, numa rústica formação que pouco se aproximava de uma tropa, seguiram para o refeitório ou rancho, orientados pelos militares que os receberam.

O refeitório ficava no térreo de um prédio de três andares, com três largas escadas de alvenaria que atendiam aos três andares. O primeiro e o segundo andares tinham varandas por toda a extensão e serviam de alojamento para o segundo e primeiro anos, respectivamente.



Se agruparam em um pátio paralelo ao prédio na altura do primeiro andar e, sob os olhos daqueles que haviam chegado naquela madrugada ou muito antes, ocorreu o primeiro desmaio em forma!

O térreo, onde se situava o rancho, ficava abaixo do nível do pátio. Deixaram a bagagem no chão daquele pátio e desceram até o rancho para fazer a primeira de muitas refeições junto com aqueles que os observavam. A partir daquele momento, todos eram um só grupo, uma só turma: a Turma 71.

Logo ao passarem a porta do rancho, depararam-se com aquelas que seriam suas companheiras diárias ao longo dos anos que se seguiram: as chamadas “bocas de rancho”, compridos balcões de buffet em aço inoxidável, onde repousavam enfileirados os acessórios necessários e os recipientes com a alimentação, quente e cheirosa, para a primeira refeição militar.

Tudo estava disposto na ordem de sua natural utilização: um atrás do outro colocava uma bandeja de aço inoxidável sobre os trilhos na lateral do balcão e ia empurrando, enquanto colocava sobre ela o prato, a caneca e os talheres, até chegar aos enormes recipientes com os alimentos. Bandeja pronta, era só se acomodar em uma das mesas do enorme salão e degustar o café da manhã, ao som dos metais das bandejas rangendo sobre o trilho dos balcões de buffet. Nessa primeira refeição foram servidos café com leite, mingau, pão, salsicha ao molho e farofa.

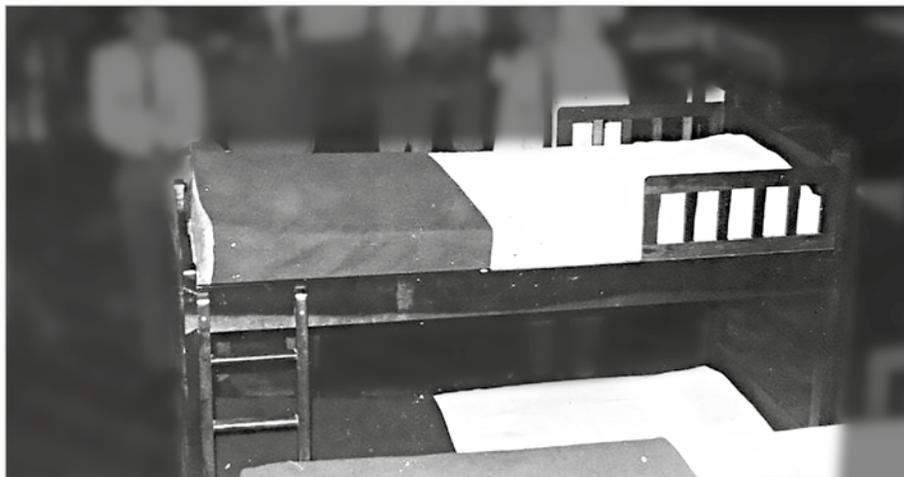
Ao término do café da manhã, retornaram ao pátio em que deixaram suas bagagens. O Major Silveira, Comandante do Corpo de Alunos, do alto da varanda do terceiro andar, iniciou a chamada dos recém-chegados e, agora, alimentados. O aluno, ao ser chamado pelo nome completo, dirigia-se até o oficial e era informado de seu número provisório de identificação, nome de guerra e turma de aula.



O número do aluno era composto dos dois últimos dígitos do ano de matrícula: “71”, separado por uma barra do número de ordem, que obedecia a uma distribuição entre as turmas de aula, com base na classificação do aluno no concurso de admissão, da seguinte forma: os dez primeiros colocados eram distribuídos, na ordem, da turma “A” até a turma “J”, os demais, de dez em dez eram igualmente e sucessivamente distribuídos entre as dez turmas de aula. Ao fim da distribuição, iniciava-se a numeração: os alunos da turma “A” eram numerados em sequência de acordo com a classificação no concurso. Assim, o primeiro colocado, que era o primeiro da turma A, recebia o número 001; o décimo primeiro colocado, que era o segundo da turma “A”, recebia o número 002, até o último da turma ser numerado. Daí em diante a numeração seguia o mesmo critério na turma “B”, depois na “C” e assim sucessivamente, até os alunos da última turma serem numerados.

O número definia a cama e o armário, igualmente numerados, que cada um ocuparia no imenso alojamento do terceiro andar do prédio. Aliás, este número foi alterado para quase todos com a chegada de novos alunos convocados alguns dias depois, para substituir aqueles que desistiram do curso nas primeiras semanas e, em consequência, tiveram de trocar a cama e o armário.

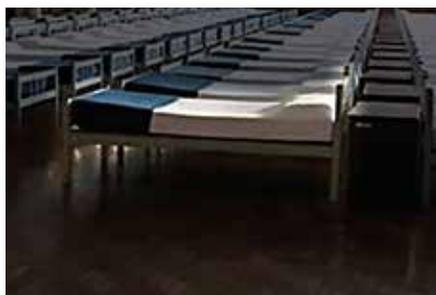
Os jovens calouros, munidos de suas malas, assim que respondiam a chamada e recebiam as informações necessárias, entravam no alojamento, composto de um imenso salão, dividido em dois: um com cerca de dois terços do espaço total, chamado de alojamento grande, e outro com o terço restante, chamado de alojamento pequeno. Todo o salão era ocupado por camas beliche, perfeitamente enfileiradas lado a lado e armários duplos de madeira distribuídos perpendicularmente às paredes laterais do alojamento. Havia um grande banheiro coletivo no alojamento grande e outro no pequeno. Nesses imensos banheiros havia fileiras de chuveiros, pias, mictórios e cabines com vasos sanitários instalados lado a lado. O banheiro era fartamente servido de água “frrrrria”. Água quente só na parte da tarde, ao fim do expediente!



Seguindo o Sargento Abdala (ou terá sido o Emmendoerfer?), identificamos nossos armários e nossas camas e recebemos um conjunto de roupas de cama composto por um travesseiro, dois lençóis, duas fronhas e duas colchas de piquet brancos e um cobertor azul marinho. Nos dias seguintes receberíamos os uniformes e pouco depois os livros e o material escolar. Sobre os colchões da cama havia uma maleta preta com o símbolo da EPCAR.

Seguindo o Sargento Abdala (ou terá sido o Emmendoerfer?), identificamos nossos armários e nossas camas e recebemos um conjunto de roupas de cama composto por um travesseiro, dois lençóis, duas fronhas e duas colchas de piquet brancos e um cobertor azul marinho. Nos dias seguintes receberíamos os uniformes e pouco depois os livros e o material escolar. Sobre os colchões da cama havia uma maleta preta com o símbolo da EPCAR.

Antes mesmo de desfazerem as malas, os jovens cumpriram a primeira tarefa como Alunos da EPCAR, aquela que se repetiria ao acordarem todos os dias da semana ao longo dos próximos três anos: arrumar a cama de acordo com a “cama padrão”, previamente e impecavelmente arrumada, que se encontrava exposta no alojamento.



O lençol deveria forrar todo o colchão e ser esticado e preso por baixo das laterais deste. Em seguida, a colcha deveria ser esticada e presa da mesma forma, mas na cabeceira, esta deveria cobrir o travesseiro com uma dobra destacada na parte inferior do travesseiro. Finalmente o

cobertor, dobrado ao meio, deveria ser colocado no terço inferior da cama, onde se apoiavam os pés ao dormir, também esticado e preso embaixo do colchão. Tudo isso tinha de ser feito de modo que as dobras do travesseiro e do cobertor estivessem perfeitamente alinhadas com as demais camas.

Cumprida a tarefa, ocuparam os respectivos armários, sem muita demora ou arrumação, e se colocaram ao lado da cabeceira das respectivas camas para uma vistoria da arrumação destas. Em seguida, foram levados a conhecer as instalações da Escola e terminaram a parte da manhã no auditório do cinema para tomar conhecimento das instruções iniciais do curso. Encerrada a reunião, já era hora do almoço. Seguiram para o rancho “em forma” e, no primeiro almoço, descobriram que, na prática, a distribuição e ocupação das mesas tinha uma intrínseca ordem que separava os alunos de acordo com a série que estavam cursando.

Ainda durante o dia, seguindo horários específicos, a turma foi dividida e orientada para cortar o cabelo e receber o uniforme.



Ao fim das atividades da tarde, um turbilhão de dúvidas e incertezas tomaram os pensamentos dos alunos. Como seriam os próximos dias? Era aquilo mesmo que queriam? Estariam preparados para continuar? Tudo parecia muito diferente do que imaginaram e nem um pouco parecido com o que estavam acostumados. Por mais que estivessem preparados para deixar a casa de seus pais, quando essa hora chega, o aperto no coração é grande. De repente, a realidade em que viviam se transformara abruptamente. Um dilema enorme entre continuar ou desistir.

O que acontecera naquele dia já seria suficiente para modificar, radicalmente, suas vidas, mas aquele primeiro dia não era nada diante do que estava por vir. Certamente, se soubessem o que ocorreria no próximo alvorecer, muitos não teriam nem desfeito as malas.

Dez horas da noite... o corneteiro toca pela última vez no dia... todas as luzes do alojamento se apagam... é hora do silêncio.

A euforia e excitação dos acontecimentos, a cansativa viagem, a caminhada pela Escola, as palestras do dia, as inúmeras dúvidas e incertezas desse novo caminho de repente se calam. Um sono profundo toma conta dos corpos dos alunos e, exaustos, adormecem. A noite, porém, apesar de normal, foi muito curta.

2 de março de 1971

Às 05:40 fomos acordados ao som incomum de uma corneta, que nos obrigava a pular da cama, ainda insones e assustados. Acordamos desajeitadamente para o nosso primeiro dia como alunos da EPCAR. Ainda era noite! Por que levantar?

Uma correria sem igual tomou conta do alojamento. O que fazer primeiro? Lavar o rosto, escovar os dentes, tomar banho, arrumar a cama ou se vestir? Bem, a higiene matinal foi feita como um raio, enquanto oficiais e sargentos circulavam pelo alojamento alertando àqueles novatos para arrumarem a cama, se vestirem e se dirigirem ao pátio em frente ao rancho, aos gritos. A amabilidade dos oficiais e sargentos no dia anterior desapareceu, sendo substituída pela rispidez das ordens emanadas em alto e bom tom.

Cada um arrumou sua cama, cuidando para que esta ficasse impecavelmente esticada, de acordo com o padrão ensinado no dia anterior. Vestimos o 10º Uniforme - uniforme de instrução militar, um dos vários números de uniforme que deveríamos aprender e decorar. Esse uniforme era composto de gorro com pala, gandola e calça de brim azul barateia, cinto de lona azul com fivela dourada, meia preta e meia bota preta.

Descemos a escada que leva ao pátio do rancho e, ainda de modo desordenado e desajeitado, entramos “em forma”, atendendo às ordens dos instrutores e monitores que, aos poucos e ordenadamente, controlavam a descida e entrada no rancho para o café da manhã.

Após o café, seguimos para o Pátio da Bandeira, entrando em forma separados por turmas de aula: cerca de 30 alunos em cada uma das 10 turmas de “A” até “J” com um sargento monitor designado para cada turma.

Começamos a nossa instrução militar aprendendo a marchar, sincronizando os movimentos de braços e pernas durante o deslocamento, em um conjunto único e harmônico, enquanto alternávamos o movimento à frente com mudanças de direção a comando. Isso era o desejável pelos monitores, mas parecia impossível para alguns de nós. Enquanto uns conseguiam executar os movimentos facilmente, outros não se acertavam senão com muitas horas de treinamento, em que todos da turma tinham que participar.

A partir de um certo tempo de treinamento, para cada erro individual ou coletivo o monitor aplicava um “castigo”, que consistia em uma corrida no pátio, flexões de braços ou “canguru” (exercício de agachamentos com as mãos cruzadas sobre a cabeça). Todos esses “castigos” eram chamados de “exercícios de vivacidade” e tinham por objetivo deixar o grupo atento às ordens emanadas. Todos cumpriam o castigo, independente de quantos haviam errado - era o primeiro passo da implantação do sentido coletivo na turma.

A instrução naquele primeiro dia, que começou por volta de 07:00, só parou com o toque encerrando as atividades da manhã e anunciando o almoço. Cansados, almoçamos e tivemos um pequeno intervalo de descanso até o toque da corneta anunciar o início das atividades da tarde.

Recomeça a instrução militar no Pátio da Bandeira: “ordinário marche!”, “esquerda volver!”, “direita volver!”, “meia-volta volver!”, “tá errado, aluno!” bradava o monitor, e lá íamos nós cumprir mais um castigo! Por várias vezes, fomos obrigados a cumprir uma nova modalidade de castigo: rastejar por baixo de um palanque, onde ficavam as autoridades durante os desfiles, tão baixo, que não permitia que levantássemos o pescoço.

De vez em quando, oficiais apareciam para ver como estava indo o treinamento. Um destes, o Major Silveira, Comandante do Corpo de Alunos, chamava a atenção pela sua voz forte, as frases feitas e o sotaque característico: “Cólha essa mão à coxa, alhuuuno!”, “Polhegar também é dedo!”, “Não mexe!”, “Não coça!”.

Diante de tal esforço ao sol, alguns começaram a sentir tonturas ou vomitar. Vários foram atendidos na enfermaria da própria Escola, que ficava ali mesmo no Pátio.

Toca a corneta finalizando a instrução e aliviando aquele martírio. Enfim, terminava o primeiro dia dos muitos que ainda estavam por vir.

A noite chega e às 22:00 o corneteiro toca o silêncio. É hora de apagar as luzes e o cansaço é tanto, que nem os pensamentos ousam aparecer.

3 de março de 1971

Ao som da corneta, começa outro dia e com ele a incerteza das horas seguintes. Será o mesmo sofrimento do dia anterior? Será pior? O que será que nos espera?

Após a alvorada, tudo segue do mesmo jeito que no dia anterior, com a mesma correria: pula da cama, lava o rosto, arruma a cama, veste a farda, desce ao pátio, entra em forma, desce a escada, engole o café da manhã, sobe a mesma escada novamente, entra em forma e, em marcha, deslocamo-nos até o Pátio da Bandeira para mais um dia de instrução militar, divididos em turmas. O sofrimento do dia anterior foi um fator determinante para o sucesso desse dia: poucos erros e poucos castigos.

Na tarde desse mesmo dia, aprendemos a identificar os toques da corneta que correspondiam aos comandos de voz durante a marcha. Apesar de parecer difícil, no decorrer dos dias fomos assimilando a diferença entre os toques e atendendo-os prontamente. Mesmo assim, de vez em quando, um ou outro errava e era quase que imediatamente corrigido pelos companheiros antes de o monitor perceber.

Uma instrução teórica no cinema encerrou mais um dia de trabalho, este mais tranquilo que o anterior.

4 de março de 1971

Nessa quinta-feira a instrução foi mais leve e o pesado e desconfortável 10º uniforme foi substituído pelo 6º uniforme - o uniforme administrativo do dia a dia, composto por bibico azul marinho, camisa de mangas compridas de algodão azul oxford com passador para platina nos ombros, gravata vertical preta, calça de brim azul barateia, cinto de lona azul com fivela dourada, meia preta e borzeguim preto. As platinas sobre os ombros, bordadas nas cores amarelo e branco, diferenciavam os alunos do primeiro, segundo e terceiro anos.

Como dizia a “máxima” dos alunos, “quanto mais ouro (amarelo), mais calouro, quanto mais prata (branco), mais pirata”. Calouro era uma referência aos alunos do primeiro ano ou “bichos”, e pirata aos do terceiro ano, os veteranos.

Manter o uniforme sempre limpo e alinhado, com cinto e sapatos brilhando, era obrigação de todos. Com o tempo, fomos aprendendo a lidar com esses detalhes, pois não estávamos acostumados com esse grau de exigência, mesmo porque, em casa, dificilmente usávamos calçado fechado de couro todo dia e o dia todo. O que dizer, então, de fivela de cinto brilhando!

5 de março de 1971

Apesar das dificuldades iniciais, do intenso treinamento militar, e dos cansativos “castigos” que, ao final do período de adaptação, se tornariam punições com penalidades que variavam de dias de prisão ou detenção e licenciamentos sustados nos fins de semana, as coisas iam, aos poucos se ajeitando. O que ainda incomodava eram os trotes aplicados pelos alunos veteranos, principalmente pelo pessoal do segundo ano, que se aproveitava da localização de seu alojamento no segundo andar do prédio e “fazia ponto” na área de trânsito das escadas no mesmo piso, passagem obrigatória para os novatos do primeiro ano (“bichos”), cujo alojamento ficava no terceiro piso. Isso nos obrigava a passar por eles na subida ou descida para ir ou voltar de qualquer lugar na Escola.

Os trotes, em geral, não eram pesados, consistiam de pedidos de cigarro, o que nos obrigava, fumantes e não fumantes, a manter um maço de cigarros no armário, só para atendê-los. Quem não atendia o pedido de cigarro dos veteranos, acabava tendo de cumprir outras tarefas, tais como medir o Pátio da Bandeira com um palito de fósforo, salvar os “amigos

marinheiros” no “navio enterrado” no Pátio da Bandeira, puxando o “navio” pelo mastro da bandeira, pegar um lanche na lanchonete ou a roupa na lavanderia para eles, ou ainda outra besteira qualquer que eles pedissem. Como a convivência ia ser longa e aquelas atividades faziam parte do folclore e do aprendizado, era preferível atender a se opor. Afinal, nem que fosse em um ano, aquilo iria acabar um dia, mas era muito chato, apesar de que algumas vezes era motivo de muitas risadas, como nessa história de um “Vivente Chucro” contada pelo Koppe.

Muitos problemas de entendimento do jargão utilizado em BQ eram decorrência da pouca vivência dos “bichos” que por lá iam aportando. Palavras e expressões típicas dos alunos, das mais diversas, ainda não haviam sido bem assimiladas. Obviamente, o significado poderia ser completamente diverso daquilo que literalmente era colocado.

Assim é que um daqueles companheiros que só se juntaram à Turma na segunda leva de convocados, oriundo dos pampas do Rio Grande do Sul, ainda não estava acostumado com o palavreado da EPCAR quando foi abordado pelos veteranos da turma de 70, na saída do rancho. A título de trote, que o vivente ainda não estava familiarizado como aqueles que tinham chegado há algum tempo, mandaram-lhe “dar no saco” de um outro veterano que conversava animadamente com outros “bichos”, nas escadas, próximo da varanda do andar de cima.

O vivente não teve dúvidas, pois já tinha sido alertado para fazer o que os veteranos mandassem, por mais absurdo que fosse, e, considerando literalmente a “ordem” recebida, pois não conhecia outro significado para a expressão “dar no saco” senão aquela “dos pampas”, foi lá e deu um soco nos bagos do veterano, que saiu gemendo pelos lados, querendo matar o “bicho” atrevido. Enquanto isso, nas imediações, a horda que observava atônita o fato se acabava de rir!

6 e 7 de março de 1971

A instrução militar continuou, mesmo no fim de semana. Devido ao pouco tempo na Escola, ainda não podíamos sair pela cidade ou receber visitas, prerrogativa ainda restrita aos alunos veteranos, mas no próximo fim de semana seria permitida a saída para conhecer Barbacena e receber nossos familiares. No entanto, só estaríamos autorizados a viajar para fora da cidade depois de cumprirmos o período completo de adaptação ou quarentena, que duraria cerca de quatro semanas.

8 de março de 1971

Na segunda semana, começaram as aulas propriamente ditas. A correria da primeira semana agora parecia mais amena, virou rotina e já não assustava tanto. Os horários, mesmo com pequenos intervalos entre as atividades, eram cumpridos quase que mecanicamente.



Após o café da manhã, com o 6º uniforme, participamos da formatura diária no Pátio da Bandeira. O dispositivo contava com a Banda de Música e sete grupamentos, dois de cada turma de formação, correspondendo à divisão dos três Esquadrões em seis Esquadrilhas: à frente, logo atrás da Banda, a 1ª e a 2ª Esquadrilhas do 1º Esquadrão, ou terceiro ano, a seguir a 3ª e a 4ª Esquadrilhas do 2º Esquadrão, ou segundo ano, e depois a 5ª e a 6ª Esquadrilhas do 3º Esquadrão, ou primeiro ano. Fechando o desfile, seguia o Pelotão de Presos.

A solenidade, que passaria a ser rotineira para nós, consistia, essencialmente, de passagem de serviço, hasteamento da Bandeira Nacional e desfile militar em continência à maior autoridade presente no palanque. Ao fim dessa formatura, seguíamos para as respectivas salas de aula.





As aulas eram ministradas em salas propriamente ditas, mas também no Pavilhão de Tecnologia (matérias técnicas) e nos laboratórios de Química, Física e Idiomas (francês e inglês). Esse último laboratório, também chamado de Glossoteca, situava-se no Pátio das Paineiras, ao lado do Pátio da Bandeira. Era um conjunto de salas dotadas de recursos audiovisuais, mobiliadas com carteiras universitárias individuais para os alunos, encostadas nas paredes laterais, e ao fundo uma tela onde era projetado o material da aula.



Foi nessa primeira semana que os quatro alunos oriundos do Colégio Militar de Belo Horizonte se reuniram, a pedido de um deles que solicitou aos outros três, em nome da amizade que os unia, que deixassem o apelido dele esquecido no passado. Não sei bem o que aconteceu depois da reunião, mas o “Capa Égua” é “Capa Égua” até hoje.

9 a 11 de março de 1971

A semana seguiu com a rotina de aulas, mas surgiu algo diferente na programação de terças e quintas-feiras: educação física no último tempo, ao final do dia de estudos. Para essa aula, era necessário se deslocar das salas de

aula até o alojamento, trocar de uniforme, correr para o Pátio da Bandeira e entrar em forma para a instrução em um curto espaço de tempo.

A saída das salas de aulas na terça-feira, primeiro dia de educação física, foi uma correria. Próximo ao término da penúltima aula todos pareciam atletas olímpicos à espera do tiro de partida. Dada a “largada” começou a descida das escadas do prédio das salas de aulas, seguindo-se a subida até o terceiro andar do alojamento. Ao chegar no respectivo armário, era necessário retirar o 6º e vestir o 9º uniforme (camiseta sem mangas, calção e meias brancas, e um calçado de couro preto e sola fina chamado de “maratona”), descer as escadas do alojamento e correr para entrar em forma no Pátio da Bandeira, local da instrução, sem atraso.

Quando chegamos ao Pátio da Bandeira, o suor escorria pelo corpo. Aquela corrida já bastaria como exercício, tal o esforço e a adrenalina para se chegar a tempo. Entramos em forma em grupamentos por Esquadrão e começamos a instrução.

Ao comando de um instrutor ou monitor na frente dos grupamentos, sobre um tablado alto para que todos o vissem, nos posicionamos para os exercícios de aquecimento ao comando de “abrindo distância e intervalo!”, seguidos de exercícios específicos para todos os músculos, inclusive alguns que desconhecíamos em nosso corpo. Exercícios para pescoço, coluna, pernas, braços, abdômen. Abaixa, levanta, estica os braços, vira para um lado, vira para o outro, flexões, canguru. São exercícios que terminam em cansaço e dores por todo o corpo. Era a tal da ginástica calistênica! Não estávamos acostumados com aquilo, a educação física do estudo ginasial era bem diferente.

Havíamos chegado há uma semana, mas, apesar do pouco tempo, uns se acostumaram com a rotina e as surpresas diárias, enquanto outros não conseguiam se adaptar. A saudade do que deixamos para trás, o medo do que ainda estava por vir, a alegria pelas conquistas com muito esforço, as amizades recentes e a insatisfação com as regras rígidas criavam um turbilhão de sentimentos, por vezes antagônicos, a confundir a cabeça daqueles jovens recém-saídos de casa. Assim, alguns desistiram antes do término da primeira semana e outros o fariam nas semanas seguintes, como era previsto pela Escola, tanto que naquele fim de semana começou a chegar um novo grupo de candidatos aprovados, convocados por meio dos jornais para suprir as vagas provocadas pelas desistências: a “turma XY”.

Servidores
Membros das Comissões de Promoção Antecipada do Tribunal de Contas de UR

Militares
Militares promovidos extraordinariamente. Base: Praça de Lacerda, esquina 98 com, Nova Jurema de PM

Capemi

SINDICATOS

SOCIAIS

Menescal, Alexandre Bittencourt, Alexandre March Prota de Souza, Altiro Antônio Pires Ferreira, Almir de Miranda Reis Filho, Almir Galvão Feitosa, Aluizio Augusto Luiz César, Antônio Carlos Destro, Antônio José Martins Mello, Antônio Sérgio Alves Lima, Antônio Soeiro Filho, Armando Luiz de Paula, Armandinho Ribeiro Paicão Filho, Astor Videira, Avegas Aguiar, Candidiano de Oliveira Freitas, Carlos Alfredo Barreto de Sá, Carlos Danúbio Vargas Senaver, Carlos Moraes Antunes, Cláudio Lacerda Rozelli, Cefas Alves de Macedo, Celso Pereira Duarte, Cirrus Americano de Brasil, Delmar Praça Cardoso, Davidson Batista de Oliveira Filho, Dirceu Toncilo Nóro, Eício Marques de Araújo, Elmar Peasoa Silva, Edson Azevedo, Edson do Nascimento Silva, Edson Sidnei da Silva Batista, Edson Soares, Eduardo Soares Figueiredo, Edvaldo Ribeiro, Fernando Antônio Neves, Fernando de Souza Almeida, Fernando Hrasco, Fernando José Pherson Lima, Francisco Adolfo Lima Moura, Francisco Coube Junior, Fredo Ricardo Silva Lowenhaar, Getúlio Nascimento, Gilberto Turmina, Gilson Russes, Hélio Carlos Biaz Mandarino, Hélio Jorge Portugal Severino Ribeiro, Jailton Pórtio de Faria, Jaime Cruz da Costa, Jerson Nunes de Azevedo Júnior, Joacil Basílio Rael, João Pinto Barboza Júnior, João Theodoro de Moraes Neto, Joel Antônio Versson, Jorge Jaime Moreira Vaz Ferreira, Jorge Luiz Viana da Cruz, Jorge Marques Pintor, Jorge Moia Lima, Jorge Pereira Secca, José Carlos Neves da Silva, José Dulcilio Silva, José Fernando Cruz Fiuza, José Guimarães Rosseti, José Luiz Carneiro Camargo, José Luiz de Araújo, José Manoel Roshia Bernardo, José Newton de Almeida, José Roberto Machado e Silva, José Roberto Navas Silva, José Tito do Canio Filho, José Wilson Barboza de Magalhães, Julio Cesar Bellon, Julio Cesar Pereira Passos, Loraydian Soares Junior, Luiz Carlos de Oliveira, Luiz Carlos Ferreira, Luiz Fernando de Assis, Luiz Fernando de Mendonça Neves, Luiz Fernando Junqueira, Luiz Marcos Vieira de Rezende, Luiz Olavio Dohal, Luiz Roberto dos Santos II, Marco Antônio Marcelo, Marco Aurélio Lasso Malcher, Marcos Vinícius Pereira dos Santos, Mário Lucio Ribeiro, Mário Rubens Macedo Vianna, Mauro Cesar Pimentel de Andrade, Milton Paniagua, Nelson Bartacavicius, Nilson Emmanuel Bezerra Chaves, Orlando Corrêa Sampaio, Orlando Pinto Cabral, Oscar Alves Capella Filho, Oswaldo Coelho, Paulo César Loureiro Marques, Paulo José Fontoura Campos, Paulo Roberto Furtado Junger, Paulo Roberto Rodrigues Borges, Paulo Roberto Rodrigues da Silva, Paulo Roberto Tamarindo, Pedro Bigelli Neto, Reinaldo Santos Lima, Reinaldo Rodrigues, Renato Alfonso Ferreira, Renildo Ubratara Vieira Osório, Ricardo de Costa Geisner, Roberto João Dorel, Roberto Luiz Costa Pereira, Rodrigo Binelli de Almeida, Ronaldo Pereira da Silva, Ronaldo José Gomes Carvalho, Ronaldo Marinho dos Santos, Rubem Oliva de Barros Pinheiro, Ruy Guilherme da Mota Pereira, Ruy Lopes Gonçalves, Sebastião Machado Vianna, Silvestre Soares de Aguiar, Thaves Estanislau do Amaral Sobrinho, Wagner de Jesus Pastrelo, Wagner de Lima Mendes, Wagner Viana de Paiva, Walter Domingos, Walter Rosa de Lima e Wilson Ferreira de Almeida.

CHAMADA DE CANDIDATOS A MATRICULA NA EPCAR — O comandante da Escola Preparatória de Cadetes do Ar EPCAR, a fim de completar as vagas ainda existentes, comunica aos candidatos abaixo selecionados que deverão apresentar-se naquele estabelecimento de ensino, até o dia 17 próximo, em Barbacena, para serem matriculados. Os candidatos que não se apresentarem até a data prevista serão considerados desistidos: Ailton Pedro Miranda do Amaral, Alberto César Greiffo da Justa

12 de março de 1971

A segunda semana ia chegando ao fim e a ansiedade em poder curtir um pouco de liberdade aumentava. Chegara a tão esperada sexta-feira em que poderíamos sair para conhecer Barbacena e receber visitas, mas ainda havia um pesadelo a superar, dos inúmeros que tivemos nesses primeiros dias de alunos da EPCAR. No quadro de avisos, a notícia sobre a atividade programada para aquela tarde nos fez tremer: Instrução Militar!

Como assim? Mais ordem unida? A péssima lembrança, ainda recente, desse tipo de instrução nos preparou para o sofrimento, mas não poderíamos imaginar o que estava por vir. No período da tarde, após o almoço, vestimos o 10º uniforme e, no horário estabelecido, depois de receber o armamento, partimos para a instrução vespertina e uma surpresa nos aguardava: a Instrução Militar seria realizada em uma área de terra e mato, no interior da EPCAR, perto do campo de futebol.

Como chovera torrencialmente durante toda a manhã, a terra tinha se transformado em lama e ainda restavam muitas poças de água que não tinham sido absorvidas pelo terreno. Todos vestíamos o pesado e grosso 10º uniforme que não parecia mais tão desconfortável, afinal ele nos protegeria do frio decorrente das chuvas da manhã, pelo menos enquanto estivesse seco.

Depois de um pequeno percurso por uma estrada de terra, ou melhor, de lama, fizemos uma incursão no matagal. A princípio um mato baixo, mas logo apareceram pedras, capim alto, pequenas árvores e outras maiores. Fomos gentilmente convidados a sentar naquele “aprazível” local de capim, pedras e lama. Ali começou nosso drama! Com o “bute” todo molhado e enlameado, foi a vez de a bunda sentir o frio úmido do chão.

Logo após a orientação sobre o treinamento daquela tarde, começamos a avançar morro acima, naquele terreno enlameado, intercalando agachamentos com deslocamentos correndo e saltando obstáculos ou nos jogando ao chão e rastejando ou rolando, entre pequenos arbustos, árvores, mato alto, pedras e muita lama, sem largar, por um instante sequer, o fuzil. Nada deveria nos deter!

Foi nessa hora que surgiu um dos alunos, branquelo de nascença, correndo do meio do mato no qual estávamos rastejando e gritando que estava sendo atacado por abelhas. Espantada a “força inimiga” restaram 21 ferroadas na cabeça do companheiro que estava com o

corpo completamente vermelho, por baixo da lama. Foi um momento de descontração em meio ao intenso treinamento, mas logo depois ele foi removido para a enfermaria da EPCAR - descobriu-se que era alérgico.

O exercício prosseguiu e, ao chegarmos ao topo do morro, deparamo-nos com uma cerca de arame farpado e atrás dela um terreno em forma de campo de futebol com grandes poças d'água e muito mais lama, que, placidamente, nos aguardava. Rastejando, ultrapassamos a cerca e, rastejando ainda, fomos passando por todo o terreno à nossa frente. As ordens eram sempre as mesmas: “Rastejar!”, “Rolar!”, “Em pé!”, “Correndo!”, “No chão!”. E lá íamos nós, novamente, de cara na lama em um treinamento que parecia não ter fim.

Quando os monitores viam algum aluno ainda “limpo”, quer dizer, pouco sujo, forçavam-no a se sujar mais. Apesar de a chuva ter passado, o frio daquela tarde estava presente. Entretanto, mesmo com o uniforme totalmente encharcado e enlameado, o suor escorria por todo o corpo.

O retorno à Escola foi semelhante à ida. Tivemos que descer o morro que subíramos do mesmo modo, rastejando, correndo e rolando sobre mato, pedra, água e lama.

Voltamos em forma pela mesma estrada e enfim chegamos ao Pátio da Bandeira. Estávamos irreconhecíveis! Não havia nenhuma semelhança com os alunos que dali partiram mais cedo. Sujos da cabeça aos pés, do bico-de-pato à meia bota ou “bute”.

Dispensados, voltamos a sonhar com a oportunidade de, enfim, depois de quinze dias de isolamento total, passear e conhecer um pouco daquela simpática cidade que nos acolhia.

Naquela sexta-feira, após a Instrução Militar, o cansaço era muito grande e, como a cidade era farta de subidas íngremes, muitos não se sentiram em condições de caminhar pela cidade. Afinal, no dia seguinte estaríamos mais descansados para a aventura.

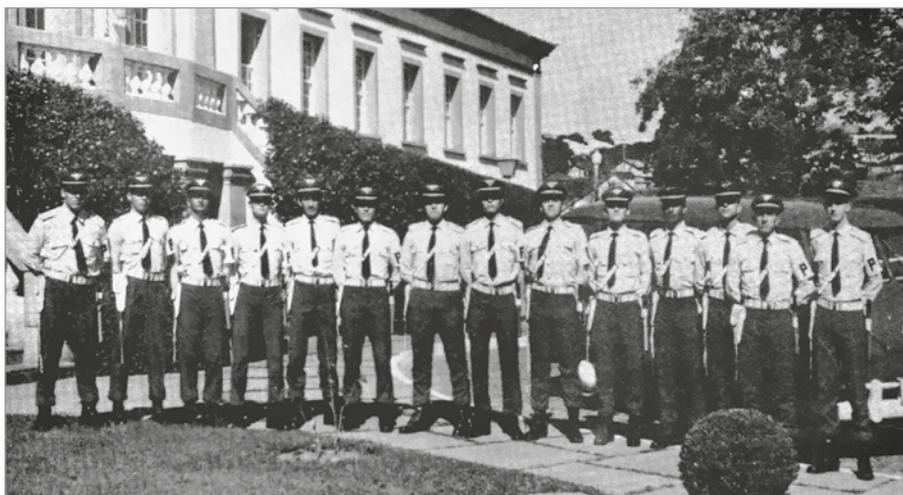
Aqueles que ainda tinham forças para sair conheceram, no regresso à Escola, o chamado Bactéria's Bar, um botequim que ficava no caminho de volta, logo depois de descer a ladeira, na esquina da Rua Arthur Bernardes, a uns quinhentos metros do Portão da Guarda. O botequim tinha mesas de sinuca e um sanduíche de mortadela sensacional, que caía muito bem com guaraná ou algo mais forte para os mais velhos. Os alunos faziam ponto no botequim para aproveitar os últimos minutos de licenciamento, antes de cruzar o Portão da Guarda no horário limite.

13 e 14 de março de 1971

Para se chegar ao centro da cidade, era preciso ter muita disposição. Subir aquelas ruas exigia um bom preparo físico e praticamente todas as ruas eram subidas ou descidas. A Escola ficava na parte baixa e o centro da cidade no alto.

O primeiro fim de semana na cidade foi para conhecer o centro e algumas ruas em seu entorno, que era a parte mais interessante e movimentada, com comércio variado, mas nem todos puderam sair no sábado e no domingo por estarem escalados de serviço em um dia ou outro.

A cada turma cabia um ou mais tipos de serviço a serem cumpridos de acordo com a escala correspondente. Ao primeiro ano cabia o serviço de plantão no próprio alojamento, cumprindo a vigilância do local em períodos regulares com dois ou três alunos por vez. Ao segundo ano, além do plantão em seu alojamento, cabia também o serviço de guarda e controle no Portão da Guarda - entrada da EPCAR. Ao terceiro ano cabia a coordenação das equipes de serviço, a fiscalização do cumprimento dos turnos de plantão, a solução de problemas gerais durante o período de serviço e o preenchimento do Livro de Alterações. Além desses serviços, alguns alunos, em função do porte físico e da altura, eram escolhidos para fazer parte da Polícia da Aeronáutica (PA), responsáveis pela patrulha e segurança dos alunos da EPCAR nos dias de licenciamento e em outras ocasiões especiais. Bem, essa era a versão oficial, mas o que eles mais faziam era fiscalizar o cumprimento do horário limite de licenciamento pelos alunos.



Boa parte dos alunos frequentava festas na cidade que se prolongavam além do horário que era permitido estar ausente da Escola e depois retornavam aos alojamentos pulando o muro da Escola, o chamado “VI”, porque não podiam fazê-lo pelo Portão da Guarda ou seriam anotados e, posteriormente, punidos.

Assim, de vez em quando aconteciam fatos tragicômicos quando a PA passava no local dessas festas à procura dos alunos fujões. Quem primeiro avistasse a dupla de PA gritava em alto e bom som “PA!! PA!!” e iniciava-se um corre-corre sem igual para se esconder ou fugir, como um vespeiro enlouquecido. Os alunos que não corriam, se escondiam nos lugares mais absurdos, até no telhado do imóvel.

Os alunos da PA vestiam incômodas fardas com capacetes, cinto largo, talabarte e botas que dificultavam a corrida e estimulavam a fuga dos infratores pelas ruas íngremes da cidade. Assim, surgiram diversas histórias tragicômicas, como o caso do aluno que, durante uma corrida noturna, resolveu pular o muro baixo de uma casa para se esconder no jardim, mas o muro era baixo só no lado da calçada. Do outro lado, o terreno em que a casa fora construída tinha um grande desnível em relação à rua e o aluno caiu sobre o telhado de um galinheiro que acabou destruído, assustando as galinhas que acordaram cacarejando na madrugada.

15 a 25 de março de 1971

Nas duas semanas seguintes, a programação foi semelhante à última, com muitas aulas, Instrução Militar, despedidas de alguns companheiros que não resistiram à rígida disciplina, ao isolamento e ao esforço físico e mental, buscando outros rumos para a vida, e boas-vindas àqueles que foram convocados para substituí-los.

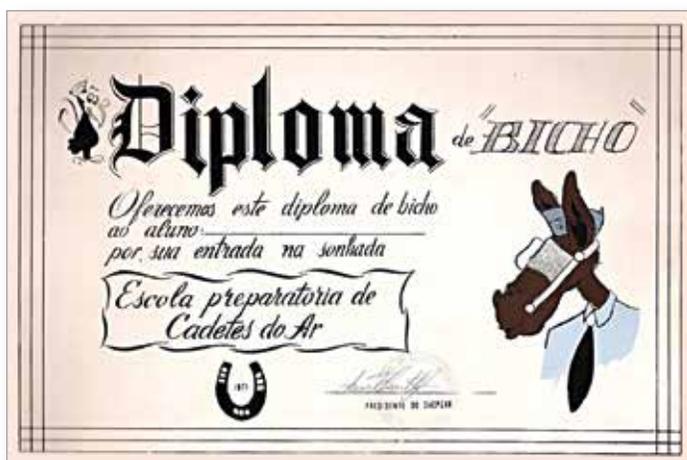
Estávamos mais adaptados à rotina. Esses primeiros dias na Escola foram de grande aprendizado e amadurecimento para todos nós. A idade dos alunos variava de 14 a 19 anos, e eles eram oriundos de diversas regiões do País: mineiros, cariocas, nordestinos, paraenses, gaúchos, paulistas, nortistas. Jovens de hábitos, classes sociais e sotaques diferentes que, a cada dia, buscavam se moldar àquele modo de vida totalmente diferente do que viviam até então.

Nessas primeiras semanas nos deparamos com algumas características especiais dos nossos companheiros que nos surpreenderam e serviram

para proporcionar um pouco de alegria no dia a dia. Durante uma aula de biologia, por exemplo, no auge da empolgada instrução a respeito da morfologia e fisiologia dos organismos vivos, um aluno cearense interrompeu a dissertação do mestre e, com a atenção de todos dirigida à sua pessoa, em meio ao silêncio sepulcral em sala de aula, perguntou com o sotaque bem carregado: “Fessô, o sô é d’Aracati?”. Ficamos tão perplexos com a pergunta, que ninguém, até hoje, lembra qual foi a resposta do mestre, se é que ele respondeu. Esse cearense é o mesmo que, tempos depois declarou que tinha de “Istudá prá dá aligria prá papai!”.

Durante as aulas também se destacavam as diferenças entre os alunos: uns copiavam tudo o que o professor escrevia no quadro negro, outros sublinhavam partes importantes dos livros e das apostilas, outros ainda só prestavam atenção no que o professor falava e escrevia. Havia aqueles que passavam a aula no “mundo da lua”, os que desenhavam, liam gibis abertos dentro dos livros e aqueles que dormiam. Para estes a opção era ficar de pé no fundo da sala, mas para pelo menos dois companheiros não havia jeito, pois eles também dormiam em pé!

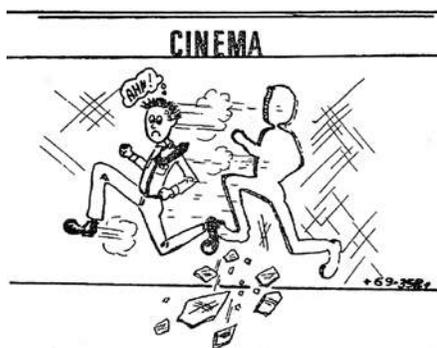
Em uma aula de moral e cívica, o professor Fernando Solero, incomodado com um aluno que dormia com a cabeça sobre os braços cruzados apoiados na carteira, mandou que este assistisse à aula em pé, mas isso de nada adiantou, o aluno encostou-se na parede no fundo da sala e voltou a cochilar. Vendo que não tinha jeito, o professor mandou que o aluno se sentasse antes de cair no chão e se machucar, enquanto, dirigindo-se à turma, declarou que só conhecia dois bichos que dormiam em pé: o cavalo e o aluno da EPCAR!



A mais marcante história do nosso primeiro ano na EPCAR, com certeza, ocorreu no fim de uma instrução no cinema, no último horário antes do almoço. Ao sermos liberados da instrução pelo Tenente Batista, deveríamos seguir fora de forma para o rancho, que não era perto. Os primeiros a chegarem no rancho sempre se serviam em panelas com alimentos intocados, podendo escolher, por exemplo, um bife em meio a uma bandeja cheia, enquanto os demais, à medida que os primeiros se serviam, ficavam com menos opções para escolher. Além disso, quem chega primeiro sai primeiro e tem mais tempo para descansar antes da primeira aula da tarde. Resumindo, valia a pena sair correndo do cinema para o rancho para chegar primeiro no rancho.

Saíamos todos, quase ao mesmo tempo, pela porta principal do cinema, que ficava na parte de trás da audiência, mas um “isperto” descobriu uma saída lateral que ficava ao lado do palco. Assim, enquanto todos deixavam a cadeira em direção à porta principal do cinema, na parte de trás, o “isperto” saiu em desabalada carreira em sentido contrário e partiu para a saída que havia descoberto. Só que a tal saída tinha uma moderna porta de vidro transparente que estava trancada e ele não viu. Embalado do jeito que vinha, cruzou com um grande estrondo a porta de vidro que se despedaçou em pequenos pedaços e o jogou ao chão, enquanto o restante do pessoal mal tinha se levantado. Por sorte, não teve ferimentos graves, apenas escoriações, mas a partir desse dia passou a fazer parte do folclore da Escola, conhecido por todos como “Super-Bicho”!

O “título” acabou sendo “oficialmente” reconhecido pela EPCAR durante o Baile do Bicho, em abril, no Olympic Club, quando o companheiro, merecidamente, foi distinguido com uma faixa, tipo aquela das misses, com os dizeres: Super-Bicho.



Não obstante esses acontecimentos, o sentimento predominante era que esses primeiros dias se arrastavam por demais. O contato com familiares, namoradas e amigos era quase nenhum. Os recursos para ligações telefônicas eram escassos e restava-nos a comunicação por carta.

Nos distraíamos com o que havia na Escola, mas em função dos trotes e do “domínio” dos veteranos dos meios de diversão

disponíveis, a maior parte do tempo livre era aproveitado entre livros no refúgio do alojamento.

Uma coisa que aprendemos logo no início das aulas foi a cantar o hino da EPCAR, que era sempre cantado em solenidades internas e externas, bem como durante alguns exercícios militares. Cantá-lo sempre nos encheu de muito orgulho!

26 de março de 1971

O nível de ansiedade foi aumentando à medida que se aproximava a sexta-feira. Afinal, aquele seria o primeiro fim de semana que poderíamos viajar para nossas casas.

Durante a semana, a Sociedade Acadêmica (SAEPCAR) disponibilizava listas de ônibus que seriam fretados para atender aos alunos, normalmente para o Rio de Janeiro e São Paulo, pois para outras capitais era mais difícil encher um ônibus, senão em feriados prolongados. Colocávamos o nome na lista e aguardávamos até quinta-feira, quando era confirmada a saída dos ônibus que atingiram o número mínimo de passageiros. A prioridade era dos veteranos e às vezes, quando tinham mais interessados do que vagas, os últimos alunos do primeiro ano a colocar o nome nas listas ficavam de fora e teriam de seguir viagem em ônibus regulares a partir da rodoviária da cidade. Os ônibus fretados tinham a facilidade de partir e chegar no Pátio da Bandeira, além de parar e sair de pontos específicos nas cidades de destino, geralmente praças ou áreas que facilitavam a concentração, o embarque e o desembarque dos alunos.

A euforia era grande, mas não para todos. Muitos não teriam como visitar seus familiares por diversos motivos: moravam muito longe, tinham sido escalados de serviço no fim de semana, haviam sido punidos por alguma transgressão cometida ou, por algum motivo, resolviam passar o fim de semana na Escola, mesmo estando autorizados a viajar.

Aqueles que costumavam ficar na Escola nos fins de semana eram chamados de “laranjeira”. Uma das versões para serem assim chamados é que, no passado, os alunos que não dispunham de condições financeiras satisfatórias e, portanto, não tinham condições de viajar para casa nos fins de semana passavam todo esse tempo na Escola, indo muito pouco à cidade. Como a refeição no rancho aos sábados e domingos não era tão boa quanto durante a semana, eles complementavam a alimentação com laranjas retiradas de um laranjal que existia do outro lado do muro, nos fundos da Escola. Assim, eram sempre vistos com laranjas na mão e passaram a ser chamados de “laranjeira”.

HISTÓRIA DE UM LARANJEIRA

Mário

A história a seguir diz respeito a um “laranjeira” querido por todos. Um homem que venceu quando as condições não lhe eram favoráveis e que superou as adversidades com coragem, determinação e, por que não dizer, criatividade.

Depois de conhecer essa história, passei a entendê-lo e admirá-lo um pouco mais e perceber como, às vezes, sem perceber, somos injustos com as pessoas que nos cercam e queremos bem. Mas vamos deixá-lo contar sua história, uma das poucas narradas em primeira pessoa nesta publicação.

Quando eu estava próximo a concluir o ginásial, meu pai me chamou para uma conversa e disse: “O estudo para você acabou! Não temos dinheiro e você precisa trabalhar para deixar seus irmãos chegarem até onde você chegou!”.

Não tive como contestar aquelas palavras, mas aproveitei o incentivo de um amigo de sala de aula, que convidava todos a fazer o concurso da EPCAR e pedi-lhe que me ajudasse, pois queria seguir com os estudos. Assim, nos inscrevemos e demos início à preparação para o exame, estudando com os livros que tínhamos disponíveis.

Na véspera da primeira prova do concurso, o pai dele nos levou de carro até São Paulo e pedi para dormir na cabine da C-10, se a FAB não oferecesse lugar para eu ficar durante a realização das provas.

Nós dois conseguimos passar nas provas, mas no exame médico, que fizemos junto com o Miranda, que veio a ser da Turma 71, ele foi reprovado.

Quando recebi o telegrama chamando para me apresentar e seguir para Barbacena, meu pai perguntou: “Como você vai? Não tem roupa, nem mala!”.

Eu vendi banana na rua e ganhei uma calça e uma camisa. Ele, então, com o pouco dinheiro que tínhamos, comprou uma bolsa que serviu para transportar meus pertences nas viagens por um bom tempo.

Em Barbacena tudo era novidade! Nunca havia pedido dinheiro para o meu pai e levei um bom tempo para acreditar que receberia um pagamento além dos estudos.

O exame final de português, ao final do primeiro ano, foi o maior terror. Precisava de nota maior do que havia conseguido durante as provas do ano letivo. A professora de francês (não lembro o nome), sabendo do

caso, passou a mão em minha cabeça e disse: “Tenha calma!”. Assim foi e, depois da prova, o Soeiro me deu a notícia de que eu havia passado.

Quem também me ajudou muito foi o Dr. Vigilato, dentista que consertou meus dentes com tanto zelo, que, mais tarde, por onde passei fazendo exames, outros dentistas vinham reparar o capricho que a mim foi dedicado.

O medo do insucesso e a vergonha naquele mundo cercado de “espertos” na EPCAR me punha sempre em um degrau inferior e, como sempre, eu era e sou motivo de gozação pela forma como conduzo a parte financeira, tanto na Turma, quanto no mundo da aviação que passei a conviver depois.

A EPCAR foi a casa que deixou saudades, mas cheguei a ver colegas chorando, encostados no muro do pátio no fim da tarde. No terceiro ano, gostava de ir ao stand de tiro catar projéteis e cápsulas de 45, que juntava nos fins de semana que lá ficava, fazendo chaveiros para vender entre os colegas. Além disso, ainda vendia blusões de voo e tirava os plantões de quem não gostava de passar os fins de semana na Escola, em troca de uma compensação financeira.

Sou sempre grato a muitos desses nobres amigos que me puseram a conviver na sociedade, quando meu mundo se resumia ao sítio em que morava e à Escola. Lembro a história dos “navios negreiros” - era engraçado assistir, pois só participava quem já tinha boa vivência no mundo da esperteza. Também me recordo da viagem a Cabangu, onde se cochilava dentro da barraca e se acordava longe por ter escorregado para fora dela. Assim também vem a lembrança do frio da viagem a São Paulo para as comemorações do Sesquicentenário da Independência, deitado no chão gelado do trem, da viagem sem fim, principalmente a de volta. Então, que bela ideia compartilhar um pouco da lembrança de cada um.

A 1ª RESSACA A GENTE NUNCA ESQUECE!

Capella

Era difícil passar o fim de semana em casa para quem não morava próximo de Barbacena ou dos destinos dos ônibus fretados pela Sociedade Acadêmica (SAEPCAR). Quem morava em São Paulo ou no Rio de Janeiro, por exemplo, se não conseguisse uma vaga nos ônibus da SAEPCAR, teria de seguir no ônibus interestadual que saía da rodoviária, no centro de Barbacena, por volta das 22:00 de sexta-feira e chegava às 05:00 de sábado no destino e regressar no ônibus de, aproximadamente, 12:00 de domingo, de modo a chegar a Barbacena a tempo de cruzar o Portão da Guarda até o horário limite do licenciamento.

Era muito sacrifício para passar um pouco mais de 24 horas em casa e para quem morava no interior dos estados ainda era pior, pois teriam que tomar outro ônibus ao chegar na rodoviária das capitais e os horários nem sempre eram convenientes.

No primeiro fim de semana de licenciamento pleno, quem não foi para casa aproveitou para dar uma saída e conviver com a sociedade barbacenense e conhecer os atrativos que a cidade oferecia.

No sábado, eu soube de um “bailinho” em uma casa na cidade e resolvi aparecer por lá. Precavido, passei em um mercadinho e comprei um litro de rum, na esperança de fazer muitos “cubas libres”, e parti para o tal “bailinho” com a garrafa debaixo do braço.

Chegando na tal casa, tive aquela sensação de estádio de futebol: muito “hômi” e poucas mulheres. Tentei dançar com uma menina (presumo que tinha 18 anos, Deus queira!), mas não deu nem para dar três passos. Muita gente, cheiro de “hômi” com desodorante vencido para todo lado e a mineirinha era muito ruim de dança.

A situação estava tão ruim, que resolvi oferecer o rum puro para o pessoal, em copo americano, para ver se animava um pouco a festa, mas nem todos gostam de bebê-lo puro. Daí, sentei-me num canto da sala, peguei a garrafa e entornei tudo sozinho.

Enquanto estava sentado, tudo estava alinhado, o teto, o piso, o horizonte, tudo no seu devido lugar. Mas lá pelas tantas, o pessoal me avisou que estava na hora de voltar para a Escola, pois tínhamos que cruzar o Portão da Guarda antes da hora limite do licenciamento, e me levantei. Levantei e tudo começou a girar! Até hoje quero encontrar o cara

que virou a casa toda: o teto virou piso, as portas ficavam mudando de posição, as pessoas não paravam na minha frente, o horizonte girou um “looping” perfeito, ou quase, e eu me esborrachei no chão.

Consegui voltar para a Escola graças à ajuda dos amigos e irmãos da Turma que, compadecidos do “santixta” embriagado, ombreamos o dito cujo até passar pelo Portão da Guarda. Os alertas para me comportar e ficar sério, de modo a não levantar suspeitas sobre o estado etílico ao passar pelo pessoal de guarda, não adiantaram. Não lembro, mas fiquei sabendo depois que, ao cruzar o Portão da Guarda, cumprimentei efusivamente o pessoal de serviço e tentei levar a “cobertura” de uma das sentinelas. Ao chegar carregado no alojamento, fui jogado no chuveiro gelado e depois arrastado para uma cama, que não sei de quem era, pois quem estava comigo ainda não me conhecia o suficiente para conhecer onde era o meu catre oficial.

Acordei de manhã sentindo o gosto de cabo de guarda-chuva na boca e ouvindo um sino de catedral badalando de orelha a orelha. Assim que levantei a cabeça, o cérebro ficou no travesseiro e deu aquele vazio mental, os olhos se esbugalharam e as paredes do alojamento giraram. A visão foi embaçando nos cantos dos olhos e o cheiro de álcool exalado pelos poros me deu ânsia de vômito. Fiquei sentado por um tempo, reequilibrando o labirinto e regurgitando gases do estômago vazio desde o almoço do dia anterior. O vazio na memória recente se acentuou assim que me vi despido e só com a famosa sunga negra. A última coisa que lembrava era do cheeseburger que comi no dia anterior. O resto foi apagado.

Levantei e procurei meu armário que estava longe, em outra área do alojamento. A cabeça pendendo para o lado, o piso se mexendo como um barco em mar revolto. Vez em quando me apoiava num estrado de beliche para ajudar o labirinto que ainda estava muito irritado comigo. As vozes das conversas pareciam uma banda marcial em aquecimento com volume total, ribombando na caixa craniana. Bem-feito! Merecido! Urrava meu labirinto, minha consciência ou sei lá quem ou o quê! Finalmente cheguei à porta do meu armário e, ainda muito tonto, me vesti e, aos poucos, fui recobrando o equilíbrio físico e mental.

Uma dor no estômago me alertou para o seu vazio. Quase meio-dia! Fui para a lanchonete e no balcão perguntei o que poderia beber para melhorar a ressaca e a indicação foi uma tal vitamina de abacate. “Então manda!”.

A sensação da vitamina descendo goela abaixo e expulsando os vapores alcoólicos do meu cérebro foi maravilhosa. A receita foi empregada ao longo da vida e das ressacas com grande sucesso!

SERÁS SEMPRE BEM-VINDO

Oscar

Em um grupo de 321 jovens havia diferenças de toda ordem, mas aquelas que se destacavam à primeira vista eram as diferenças físicas. Em nossa turma tinha, por exemplo, um companheiro não muito alto, ruivo, com o rosto vermelho e sardento, os olhos redondos e pequenos no fundo do rosto e forte, muito forte, forte mesmo. Tão forte, que os oficiais o chamavam de “tronco de amarrar onça”, mas a aparência física não importa, pois somos todos diferentes de alguma forma e, nesse caso, serás sempre bem-vindo.



Esse companheiro foi personagem de uma ocorrência peculiar.

Logo após o toque de silêncio, com as luzes apagadas e alguns companheiros já entregues ao merecido sono, começou a ser ouvido no alojamento um som abafado, não muito alto, a intervalos regulares, que parecia o som distante de uma marreta impactando uma estrutura de concreto.

Responsável, também, pela manutenção do silêncio, o companheiro escalado no serviço de plantão do alojamento naquele horário se viu pressionado a identificar a origem do ruído e tomar providências para interrompê-lo.

Sem imaginar de onde vinha o ruído, o plantão saiu até a varanda externa do alojamento para ver se alguém estava batendo com alguma coisa na parede ou se havia algo nas redondezas que justificasse o barulho. Sem encontrar nada, dirigiu-se ao outro lado do alojamento e pela janela fez a mesma verificação, também sem sucesso.

Resolveu, então, tomar uma atitude drástica, acendeu as luzes para verificar se a fonte do ruído estava na parte interna do alojamento. Ao fazê-lo, qual não foi a sua surpresa e dos demais companheiros que não conseguiam dormir com o barulho, ao perceber que aquele companheiro muito forte citado anteriormente se encontrava deitado na cama de cima de um beliche, de barriga para cima e os braços abertos, com um paralelepípedo em cada mão, a fazer exercícios antes de dormir, levantando os braços simultaneamente, de modo que as pedras se encontrassem no ponto mais alto, provocando o ruído.

Bem, ele foi chamado a atenção pelos companheiros e com ar surpreso, por não perceber o incômodo causado aos demais, parou imediatamente com os exercícios. Afinal o quanto ele tinha de forte, também tinha de dócil e gentil.

SAUDADES DA MAMÃE

Marinho

Estávamos em forma no Pátio da Bandeira depois de uma seção de educação física ministrada pelo Capitão Senna quando, em um “rompante de bondade”, ele solicitou que quem não se sentisse em condições de dar continuidade à instrução, participando da corrida pela cidade, fizesse uma fila à parte.

Logo a fila cresceu e ele foi perguntando um por um o motivo pelo qual não estava em condições de correr, um diálogo que ocorreu mais ou menos assim:

Senna: “Aluno A, por que você não se sente em condições de correr?”

Aluno A: “Porque estou com uma distensão muscular.”

Senna: “Correr é bom para distensão, volte para a formatura.”

Senna: “Aluno B, por que você não se sente em condições de correr?”

Aluno B: “Porque estou com dor de cabeça.”

Senna: “Correr é bom para dor de cabeça, volte para a formatura.”

E assim foi de um em um, até o último da fila:

Senna: “Aluno Z, por que você não se sente em condições de correr?”

Aluno Z: “Porque estou com uma bruta saudade da mamãe.”

Senna: “Então ‘caia de boca’, pague 50 e entre em formal!”

Aluno Z: “Pago 100, se o senhor pagar comigo.”

O Capitão Senna topou, mas teve de suar para fazer as 100 e quase cancelou a corrida depois, enquanto o aluno, no final das 100 chegou a pensar em completar com um braço só, mas reconsiderou, com medo das “consequências”.



21º TROFÉU LIMA MENDES

30 de abril a 20 maio de 1971

Oscar

Em 3 de maio, apenas dois meses depois da nossa chegada, foi realizada a abertura do Troféu Tenente Lima Mendes, uma competição esportiva anual entre as três turmas da EPCAR: o terceiro ano - Turma 69 -, o segundo ano - Turma 70 - e o primeiro ano - a nossa Turma 71. A competição anual faz parte das comemorações alusivas ao aniversário da EPCAR.



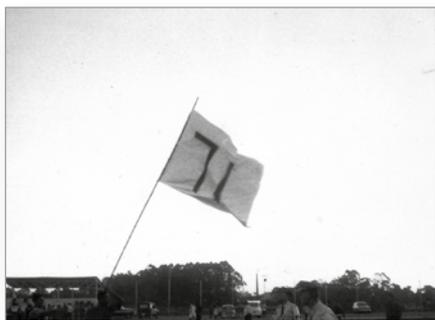
Apesar de a solenidade de abertura ter sido realizada na segunda-feira, foi na sexta-feira anterior, dia 30 de abril, às 19:00, que aconteceu o primeiro evento esportivo da competição: uma partida de basquete entre as equipes do primeiro e segundo anos.

Nessa competição, o primeiro ano sempre enfrenta uma clara situação de desvantagem, visto que os alunos ainda não se conhecem o bastante para formar equipes competitivas. Além disso, não era permitido aos alunos do primeiro ano competirem em mais de uma modalidade esportiva, de modo a proporcionar oportunidade para todos competirem de alguma forma e terem seus desempenhos observados, com vistas à seleção de atletas para as equipes que representariam a EPCAR.

Para aqueles que possuíam qualificação esportiva anterior à entrada na Escola, especialmente em esportes individuais, era uma simples questão de se apresentar para mais uma competição, de acordo com sua experiência e habilidade. Isso é mais característico no judô, na natação e em algumas provas do atletismo, mas ainda restava constituir as equipes de vôlei, basquete, futebol de campo e salão, bem como “descobrir alguns astros” do atletismo, para o que foi muito útil a ajuda dos instrutores e monitores de educação física.



Quem não estava competindo, estava torcendo nas arquibancadas das praças esportivas. Aliás, a sadia rivalidade entre as torcidas era uma atração à parte naquelas três semanas de disputas.



Ao fim das competições deu a lógica: o terceiro ano sagrou-se campeão geral do 21º Troféu Lima Mendes. Restou-nos um honroso “terceiro” lugar, com destaque para a participação da nossa equipe de judô e natação, sendo esta campeã da modalidade, com vários recordes estabelecidos pelo Eitel.

E assim, em solenidade realizada no dia 20 de maio, no Pátio da Bandeira, foram entregues os troféus por modalidade e o troféu geral da competição aos vencedores.

22º ANIVERSÁRIO DA EPCAR

21 de maio de 1971

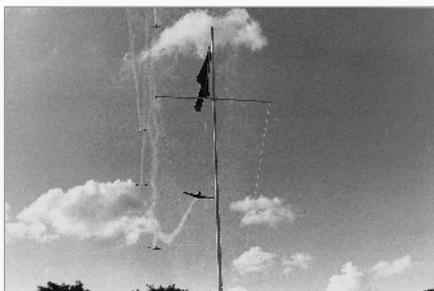
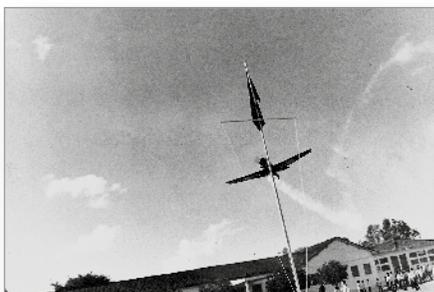
Oscar



O aniversário da EPCAR foi celebrado em uma formatura geral, com a presença do Ministro da Aeronáutica, Marechal do Ar Márcio de Souza e Mello. Se em nossa inocência juvenil considerávamos Brigadeiro um “ser divino”, imagina quando vimos o Ministro bem de perto, enquanto ele passava em revista à tropa!



Durante o desfile militar em continência ao Ministro, a Esquadrilha da Fumaça evoluiu sobre a Escola em seus tradicionais T-6, prestigiando o Aniversário da EPCAR com um espetáculo nos céus. Para muitos de nós era a primeira oportunidade de assisti-la a riscar o azul do céu com a fumaça branca, mas estávamos concentrados em caprichar na cobertura e o alinhamento da tropa enquanto marchávamos e não foi possível prestar atenção no “show”.



Para compensar, a Esquadrilha da Fumaça, sob o comando do Major Braga, resolveu fazer outra apresentação à tarde e, um pouco antes do horário previsto, corremos para conseguir o melhor lugar no Pátio da Bandeira para assistir. Sensacional! Vibrante!

Bem, mas a melhor parte do aniversário da Escola era o almoço caprichado com direito a refrigerante e sorvete! Os alunos babavam só de imaginar o que os aguardava no rancho!

O BARÃO DE BARBACENA

Oscar

A História do Brasil registra a existência de um Marquês de Barbacena, sete Viscondes e dois Condes, também de Barbacena, porém, ao que tudo indica, nenhum deles teve morte trágica ou extraordinária. O último dos condes, inclusive, terminou seus dias tranquilamente, dedicando-se à benemerência, instituindo um asilo para moças desamparadas na sua vila de Barbacena. O título de conde extinguiu-se com a sua morte em 1854.

A história da EPCAR contada pelos veteranos, no entanto, registra a existência de um “Barão de Barbacena”!

Jovens, inexperientes e quase matutos, vivendo pela primeira vez longe da família, chegávamos na EPCAR e logo nos tornávamos alvos de trotes e sacanagens por parte dos veteranos. Como todo “bicho” que se preza, acabávamos por acreditar nas estórias contadas, por mais fantasiosas que fossem.

Coitados do Marquês, dos Viscondes e dos Condes de Barbacena, no repouso eterno não poderiam imaginar o uso que os alunos mais antigos faziam de suas figuras, sendo transformados em barões decapitados. Certo dia, o tal Barão de Barbacena aparecia nos alojamentos, principalmente no do primeiro ano, é lógico, por volta da meia-noite, com sua cabeça debaixo do braço, aterrorizando a todos que cruzassem o seu caminho.

Assim é que o tal dia foi “fixado” e, à medida que a data se aproximava, mais aumentava o clima de terror imposto pelos veteranos: contavam estórias de alunos que tinham baixado hospital em estado de choque, que pediram desligamento ou que simplesmente viviam atormentados pela lembrança da visão do homem sem cabeça. Tudo devidamente comprovado por “testemunhas veteranas”.

Bem, a parcela que cabe à nossa Turma, no entanto, inicia-se na véspera do tal dia, quando, ao consultar a escala de plantão no alojamento, um dos nossos companheiros, natural de Minas Gerais, verificou, estupefato, que ele estaria de serviço de meia-noite às duas horas, justamente no “Dia do Barão de Barbacena”.

De nada adiantaram as tentativas de trocar o dia ou o horário do serviço, qualquer proposta era rechaçada pelos companheiros sob os mais diversos argumentos que, em verdade, resumiam-se no medo generalizado de estar acordado, no escuro, naquele fatídico horário em que era prevista a aparição.

Enfim, serviço é serviço e lá se foi nosso companheiro, reunindo toda a coragem disponível, cumprir a tarefa que lhe havia sido incumbida pelo escalante: assumiu o plantão à meia-noite de um outro companheiro, que, talvez para aumentar o clima de apreensão, disse ter ouvido diversos ruídos sem explicação no seu turno.

O mineirinho procurou não demonstrar surpresa ou receio, despediu-se do companheiro que deixava o seu turno de serviço, mas, em vez de ficar circulando no alojamento como previsto, recolheu-se num canto, de onde podia observar quase todo o alojamento.

Enquanto a noite avançava, um outro companheiro, carioca, se contorcia em sua cama com dor de barriga, mas, apavorado com a estória do Barão, procurava não se levantar para ir ao banheiro. Até que a dor foi maior que o medo.

O carioca, que tinha a pele bem escura, talvez quase azul-marinho, não aguentou mais e decidiu levantar-se em um movimento rápido e contínuo e dirigir-se ao banheiro.

Para quem não se lembra ou não compartilhou deste momento na EPCAR, cabe descrever o ambiente: tratava-se de dois imensos alojamentos contíguos com cerca de 150 beliches lado a lado e armários próximos à parede. O banheiro era coletivo e muito grande, em função da quantidade de alunos que devia atender. Nesse banheiro, com duas portas de acesso, existia uma fileira de pias, depois duas fileiras de chuveiros, uma fileira de mictórios e finalmente uma com cabines de vasos sanitários com portas, tudo paralelo à lateral do alojamento e perpendicular à entrada do banheiro. Logicamente essas fileiras a que me referi eram separadas por paredes e toda a iluminação do banheiro era controlada por um quadro de interruptores localizado próximo a uma das entradas.

Dito isso, volto à história. O carioca, sem ser avistado pelo mineirinho que estava de plantão em um canto do alojamento, entrou como um foguete no banheiro e, na entrada, para afugentar as “assombrações”, acendeu, de uma só vez, todas as luzes do banheiro e foi se sentar em um dos vasos sanitários, naquela posição conhecida como “aviãozinho”, ou seja, agachado com os pés sobre as bordas do vaso, com a porta da cabina fechada.

O mineirinho, de seu canto, observou, de repente, como se fosse um raio de luz, o banheiro iluminar-se totalmente sem que tivesse visto ninguém acender as luzes ou transitar pelo alojamento em direção ao banheiro. Era o sinal: o Barão de Barbacena aproximava-se desafiando a sua coragem. Mesmo assim, imbuído das suas atribuições, que incluía manter as luzes do alojamento e do banheiro apagadas, reuniu suas últimas forças para ver se

alguém tinha entrado no banheiro e, contrariando as orientações em vigor, acendera as luzes. Passo a passo, sorrateiramente, entrou no banheiro e foi fazendo uma verificação geral no recinto, fileira por fileira:

Nas fileiras de pias, olhou de um lado para o outro e não viu ninguém.

Nas fileiras de chuveiros, olhou de um lado para o outro e não viu ninguém.

Nas fileiras de mictórios, também olhou de um lado para o outro e não viu ninguém.

Nos vasos sanitários, para não ver um por um, já que se tratava de cabines individuais, olhou por baixo (as portas ficavam a cerca de 30 cm do piso) e não viu nenhum sinal de presença humana. Afinal, o carioca, àquela altura, não estava com os pés no chão.

Ao fundo, um barulho de tom grave, repetitivo e distante se acentuava, sem que pudesse ser identificada a sua origem. Na verdade, tratava-se de uma boia que, desregulada, batia em períodos irregulares na tampa da caixa d'água, com o balanço da água no seu interior. Nessa hora de desespero e terror, quem ia se lembrar disso? Ora, se não havia ninguém no banheiro, quem acendera as luzes? Não importa! Mais uma vez reuniu forças e resolveu apagar as luzes antes de regressar para o seu cantinho no alojamento.

Enquanto isso, o carioca interrompeu o que estava fazendo e “congelou” ao ouvir passos, que não sabia nem imaginava serem do aluno de plantão, associando-os ao Barão de Barbacena, que teria vindo aterrorizá-lo naquele momento íntimo!

O medo, a ansiedade e o tremor das pernas dos dois aumentavam, o coração disparava e o mineirinho, ao sair do banheiro, apagou todas as luzes de uma só vez. Ao mesmo tempo, numa incrível coincidência, o sistema de descarga automática e simultânea dos mictórios resolveu disparar provocando um som que, para os dois, aterrorizados como estavam, pareceu o de um trovão.

O carioca não teve dúvidas, desesperado de medo, pulou do vaso sanitário, atravessou a porta da cabina e com os olhos arregalados (naquela escuridão, juntamente com a boca aberta e os dentes branquíssimos, era a única parte de seu corpo que podia ser vista) correu agachado com as calças na mão, gritando na mesma direção em que o mineirinho saía do banheiro, também correndo aterrorizado com a “visão” de uma sombra preta com dois olhos e boca na altura da barriga correndo atrás dele.

Assim, os dois entraram no alojamento correndo aterrorizados pela “visão” do Barão de Barbacena, acordando boa parte dos companheiros que dormiam e acrescentando mais um pouco de folclore nesta história.

TÁ PRESO, COMUNISTA!

Capella

Na preparação para uma prova sobre o Manual do Guerrilheiro, um aluno da turma “H” resolveu expor no quadro negro da sala de aula os meandros do texto da tal cartilha para a turma. Ele estava no meio da escrita quando um grito do corredor o fez congelar: “Tá preso, comunista!”, trombeteou o Major Silveira, Comandante do Corpo de Alunos. Ninguém entendeu nada, muito menos o tal aluno, ainda tremendo pelo susto. O Major entrou na sala, catou o aluno que escrevia no quadro pelo colarinho e foi puxando-o para fora da sala de aula enquanto esbravejava sobre as diversas transgressões ao regulamento disciplinar cometidas.

Assim que o aluno percebeu que a fúria era a ele dirigida, que ele era o tal comunista, um filme passou na sua cabeça, com a lembrança dos meses de estudo para o exame de admissão, o exame médico, os sacrifícios pessoais e da família... tudo indo por água abaixo, por conta de uma confusão de interpretação.

Os tremores cessaram e o pavor se transformou em indignação assim que compreendeu o que estava acontecendo. Tentou argumentar sem sucesso, mas o restante dos alunos que estava na sala de aula intercedeu a seu favor, afirmando e confirmando que tudo não passava de um mal-entendido. Os esclarecimentos e “depoimentos” dos companheiros acabaram por acalmar o Major e livrar a cara do aluno tão rápido, que eles nem chegaram a sair da sala.



A BATALHA DOS ANDRADAS

12 de junho de 1971

Capella, Marinho

Era o Dia dos Namorados e o Olympic Club havia preparado um grande baile em homenagem à data, com distribuição de balões de gás às senhoras e senhoritas. Os alunos não perderam a festa: alguns chegavam acompanhados de suas namoradas, outros chegavam sós, mas pretendiam, com certeza, sair acompanhados. Até os alunos do Colégio Militar, que estavam hospedados na EPCAR, no alojamento pequeno, enquanto ajudavam na preparação dos atletas da Escola para a NAE, resolveram aparecer.

Tudo corria bem no baile, apesar de haver mais homens do que mulheres, até que um “camofó”, não se sabe bem por que, resolveu estourar um balão de gás, provavelmente com um cigarro aceso, e queimou o rosto da namorada de um veterano do 3º ano, atleta que gozava de um bom relacionamento com todos os alunos. E aí foi como se tivessem acendido o estopim de um barril de pólvora. Começou uma briga no Clube que logo envolveu todos e acabou na cidade, tendo como ponto focal a Praça dos Andradas.

Alguém telefonou para a Escola e avisou ao Tenente Valeiko, Oficial de Dia, o que estava ocorrendo. Ele prontamente reuniu uma patrulha e seguiu para a cidade, mas a Polícia Militar chegou primeiro. Assumidamente parcial, a Polícia sentou a bordoadada nos alunos e “esqueceu” os “camofos”. Pouco depois chegou o Tenente Valeiko com a patrulha e dizem que, ao perceber o que estava ocorrendo, deu ordem para que a patrulha baixasse a porrada em quem não tivesse a cabeça raspada.

A coisa ficou bem pior antes de melhorar. Era bordoadada para todo lado. O que era para ser uma briga



de salão, com troca de sapatos, acabou se tornando uma batalha campal na Praça do Andradas.

A solução foi correr para a Escola, mas não entrar pelo portão da guarda, para não ser identificado e associado à confusão. Parados na linha férrea bem abaixo do muro, os alunos se perguntavam se seriam punidos por regressar depois do horário permitido, por terem se envolvido na briga ou se seriam presos pela polícia local.



Consta que, ao regressar à Escola, o Tenente Valeiko tomou conhecimento de que a Polícia local havia “conduzido” alguns alunos do Colégio Militar e da EPCAR para a cadeia. Reuniu a patrulha novamente e se dirigiu à delegacia para resgatar os alunos presos. Na delegacia, o sargento responsável negou-se a libertar os alunos, conforme exigia o Tenente. Diante da negativa da “autoridade”, as paredes da delegacia foram decoradas com “chumbo”, os alunos resgatados e quase toda a guarnição da PM chegou presa na EPCAR.

No fim, de certa forma, tudo acabou bem para os alunos, mas o Tenente Valeiko acabou por levar a pior, disciplinarmente falando, se é que vocês me entendem. Mas ganhou a nossa admiração por ter feito o que fez pelos alunos.

ORIENTAÇÃO EXTRACURRICULAR: UMA ZONA!

Mártire, Moreira, Oscar

No passado era comum a prática do meretrício nos lugares de passagem dos tropeiros, tal como a atual cidade de Barbacena. O processo de ocupação da vila intensificou-se no início do século XVIII, com a construção do Caminho Novo, que ligava cidades de Minas Gerais ao Rio de Janeiro, e no início do século XIX a região era destacada pelos viajantes por seus albergues e prostitutas. Barbacena, naquela época, era conhecida pela grande quantidade de mulatas prostituídas que a habitavam.

Muito tempo passou, muita coisa mudou, e Barbacena passou a ser considerada grande produtora de frutas e de flores, conhecida em todo o Brasil e no exterior como a “Cidade das Rosas”, em função da grande produção local dessa flor; como a “Cidade dos Loucos”, pelo grande número de hospitais psiquiátricos; e por abrigar a EPCAR, escola que tem a missão de preparar os futuros Cadetes da Aeronáutica e de formar grandes cidadãos para o País.

Apesar da significativa evolução social e econômica, nos idos de 1971, a cidade ainda convivía com a herança de prostituição do tempo colonial, caracterizada pela remanescente “vocaçãõ” em abrigar zonas de meretrício, dentro de seus limites.

Naquela época, a cidade tinha vários bordéis, prostíbulo, cabarés, casas da luz vermelha ou simplesmente “zonas”, como queiram chamá-los. Uns mais famosos e outros nem tanto, uns mais organizados e outros uma perfeita “zona”, uns mais “escondidos” e outros descaradamente à mostra. Não obstante, seus nomes, em geral, não reportavam à atividade principal em abrigar “Mariposas da Noite”: Beco da Lajinha, Dora, Night and Day, Rancho Alegre, Sayonara, Sessenta, Três Moinhos e Vovó, dentre outros.

Era o ambiente propício para atividades extracurriculares daqueles jovens alunos no auge da testosterona, mas a idade e a inexperiência atrapalhavam. Para superar alguns degraus na evolução juvenil, os mais jovens, entre 14 e 18 anos, contavam com a experiência dos mais velhos, que não se furtavam à responsabilidade de orientá-los sobre as virtudes e adversidades daquela primeira experiência íntima com o sexo oposto. Não que as “Mariposas da Noite” não fossem capazes de diferenciar, ao longe, os assíduos frequentadores dos iniciantes e tratar estes com todo

o cuidado que a ocasião exigia, mas sempre dá mais confiança quando o novato está acompanhado de pessoas conhecidas.

Não obstante, alguns aspectos peculiares desses momentos íntimos vividos pelos jovens alunos e de suas consequências merecem registro.

A primeira lição a ser aprendida era um tipo de “pique-esconde”. Não era permitida a permanência de menores de 18 anos em estabelecimentos daquela natureza, então os jovens alunos que desejavam participar daquela orientação extracurricular deveriam estar aptos a se esconder e correr, ao primeiro sinal de chegada da PA ou qualquer autoridade policial local.

Em seguida, o iniciante devia aprender a prevenir doenças venéreas, o que estava intrinsecamente ligado ao uso de preservativos (camisinhas). Mas nem sempre o jovem aprendiz, no calor da emoção, lembrava de levá-las.

Assim é que um desses jovens iniciantes, muito preocupado com sua integridade e tendo esquecido de trazer o acessório de proteção, insistia repetidamente com seus “orientadores” se deveria adiar a instrução ou havia outra opção de proteger-se. Tanto insistiu, que um dos presentes resolveu aproveitar-se da situação e recomendou que ele levasse meio limão, disponível no bar do estabelecimento, para a “sala de aula”. O limão serviria para identificar se a “Mariposa da Noite”, encarregada da instrução prática, estava saudável. Para tanto, imediatamente antes de consumir o ato, o jovem aprendiz deveria espremer o suco do limão sobre o seu membro em riste e prosseguir com a aula prática. Se a “professora”, ao primeiro contato, sentisse uma dor insuportável, era sinal de que ela estava com alguma doença sexualmente transmissível e daí o “aluno” deveria suspender imediatamente a aula.



Assim foi, o jovem aprendiz acreditou fielmente nos “orientadores”, que buscaram sentar-se em uma mesa próxima à “sala de aula”, aguardando o desenrolar dos acontecimentos. Não precisaram esperar muito, pouco tempo depois começaram a ouvir os gritos do jovem aprendiz que devia ter acabado de espremer o limão sobre o seu membro, e caíram na gargalhada. O “aluno” abandonou a “sala de aula” às pressas, sem completar a lição.

Outro caso se refere a um jovem aprendiz crente, temente a Deus, de aparência atípica: a envergadura era maior que o comprimento, as pernas curtas, finas e arcadas e o tórax do King Kong; mas tinha uma simplicidade no falar que a todos contagiava.

O jovem sempre se esquivava da conversa quando se tratava da tal experiência extracurricular, afinal sua crença religiosa não permitia tratar desse assunto mundano em público. Os mais velhos tanto insistiram que, lá pelo segundo semestre de 1971, em comitiva, o jovem aprendiz foi levado para a sua primeira experiência extracurricular em um estabelecimento “de ensino” muito conhecido na cidade de Barbacena, denominado Dora.

O grupo de orientadores combinou tudo com a gloriosa “professora” Maria do Carmo e o “aluno” teve a oportunidade de provar do “pecado”, pois era assim que ele considerava aquele ato.

Mesmo com tudo combinado, estando o jovem aprendiz plenamente orientado, o grupo de orientadores teve de intervir no idílio ao ouvir ruídos estranhos e abafados originados na “sala de aula”. Ao adentrarem o recinto se deparam com uma cena inusitada: o estreante aproveitava-se de sua imensa envergadura para segurar nas laterais da cama, apertando a “professora”, que estava ficando sufocada e roxa, entre seu corpo e a cama, enquanto babava igual cachorro danado.

Não teve jeito! O grupo de orientadores teve de pedir um intervalo na “aula” para explicar ao jovem aprendiz que este deveria fazer um movimento contínuo de vai e vem, o que seria bom para ele e para a assustada “professora” que não asfixiaria mais.

Bem, convicções a parte, o jovem gostou tanto da “aula”, que passou a frequentar regularmente aquela “instituição de ensino” e outras semelhantes, bem como, vez por outra, o isolamento do Posto de Saúde da EPCAR.

Nem sempre os jovens alunos se preocupavam em fazer a “lição”, às vezes compareciam ao “estabelecimento de ensino” apenas a título de ambientação. Nesse caso, eles pareciam uma lâmpada acesa cercada de “Mariposas”. A “diretora” do “estabelecimento de ensino” designava sempre a melhor e mais bonita “professora” para atender os castos

frequentadores, como forma de incentivo e de explorá-los de outra forma: pagar bebidas para a “professora” e ouvir músicas na Jukebox.

Em uma dessas ocasiões, em uma sexta-feira, o jovem aluno de apenas 15 anos, acompanhado por três experientes “orientadores”, chegou ao estabelecimento chamado “Três Moinhos” e foi logo recebido por uma “Mariposa da Noite” linda e loura, enquanto seus “orientadores” dividiam a mesa com outras “Mariposas” menos privilegiadas de beleza, uma das quais ficava pedindo que colocassem a música Amada Amante na Jukebox repetidamente.

Em certo momento, cansado de ouvir Roberto Carlos, um dos “orientadores” foi até a mesa do jovem aluno e convidou sua acompanhante loura para dançar.

Quanto mais dançava, mais se interessava pela “Mariposa” e acabou levando-a para a “sala de aula”, a fim de trocarem impressões sobre “didática de ensino”. Na “sala de aula”, enquanto ela se vestia (ou despia) adequadamente e escovava os longos cabelos, o “orientador” foi ficando mais e mais excitado pela sua “capacidade didática” e partiu direto para a “aula prática” sem se preocupar com a devida proteção que estava no bolso da calça.

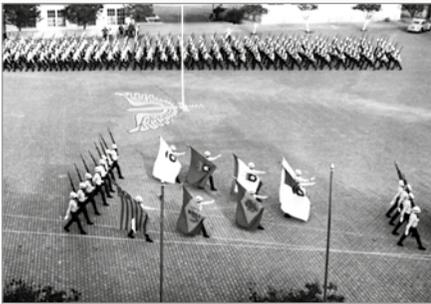
Segunda-feira, o tal “orientador” pagou por ter se aproveitado da ocasião com a “professora” que estava designada ao jovem aluno: foi internado na ala de isolamento do Posto de Saúde da EPCAR. Havia contraído uma doença sexualmente transmissível! Se é que vocês me entendem!

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

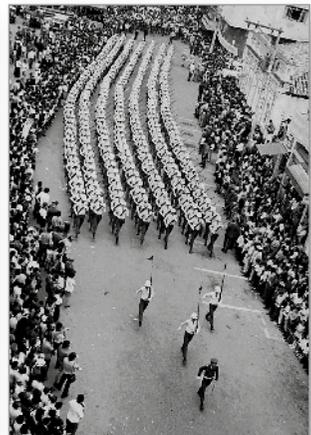
7 de setembro de 1971

Oscar

O desfile cívico militar de 7 de setembro foi o ápice daqueles seis meses de treinamento militar. Iríamos fechar o desfile do Dia da Pátria na cidade de Barbacena, logo após as escolas e colégios locais com suas fanfarras.



Nos últimos 15 dias que antecederam o desfile, os treinamentos foram intensificados com vistas a aperfeiçoar os movimentos. Nesses treinamentos começamos a perceber que alguns companheiros buscavam ocupar as colunas das extremas direita e esquerda, externas à formação e as que ficariam mais próximas ao público que se distribuía nas calçadas da avenida para assistir ao desfile. Logo percebemos que esses alunos queriam “aparecer com destaque” para as suas namoradas ou pretendentes barbacenenses!





Os grupos estudiantis desfilavam antes da EPCAR e ao final de suas apresentações, conforme eram dispensados, os jovens estudantes, moças e rapazes, se aglomeravam pelo percurso para assistir aos grupamentos que vinham a seguir, até o último, composto pelos alunos da EPCAR.

Alguns rapazes para buscar um motivo de chacota, é verdade, mas as moças, com certeza, para admirar os jovens alunos, com suas armas e uniformes impecáveis, a executar movimentos perfeitamente sincronizados.

E assim era todo ano.

SEMANA DA ASA

16 a 23 de outubro de 1971

Oscar

A Semana da Asa reuniu, como sempre, diversas atividades em uma programação intensa, a primeira das quais foi a inauguração do Monumento ao T-6, no dia 16 de outubro.

A criação do monumento ao T-6 na EPCAR, com a aeronave número 1223 em atitude de voo, sobre um pilar, na lateral do Pátio da Bandeira, é a justa homenagem à aeronave símbolo de uma geração de pilotos militares e fonte de inspiração para tantos jovens no Brasil, que admiravam as acrobacias realizadas pela Esquadrilha da Fumaça, sob o comando do inesquecível Coronel Braga.



O T-6 serviu à FAB por mais de 30 anos e a Esquadrilha da Fumaça, equipada com os T-6, realizou vários voos de demonstração sobre a EPCAR e a cidade de Barbacena no período em que éramos alunos. Aliás, na época, a própria Escola possuía em seu acervo um T-6 que, vez por outra, era utilizado pelos Capitães Senna e Segadães em voos rasantes sobre a Escola.

Na oportunidade da inauguração, os integrantes da primeira turma da EPCAR foram homenageados.

No dia seguinte, 17 de outubro, foi realizada uma homenagem a Santos Dumont na Praça que leva seu nome, com a presença do Prefeito de Barbacena, do Comandante da EPCAR e de um pequeno contingente de oficiais, graduados e alunos, seguindo-se de missa em homenagem aos mortos da Aeronáutica na Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte.



À tarde do mesmo dia 17, chegaram as delegações do Colégio Naval e da Escola Preparatória de Cadetes do Exército que iriam competir na VII NAE.

O foco principal até o encerramento da VII NAE, em 21 de outubro, voltou-se para as atividades esportivas, mas nos dias que se seguiram ainda foi realizada uma solenidade em homenagem a Santos Dumont na Fazenda Cabangu e, como não poderia faltar, o “paradão”, formatura geral no Pátio da Bandeira celebrando o Dia do Aviador, bem como o tradicionalíssimo evento de gala: o Baile do Aviador.

O Baile era destinado aos oficiais e às autoridades convidadas. A participação dos alunos ficava por conta da decoração do ambiente e da recepção aos convidados.

Aluno participar do Baile... nem pensar!

VII NAE

18 a 21 de outubro de 1971

Edimar, Oscar

A NAE, competição esportiva anual, que reúne o Colégio Naval (CN), a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx) e a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), tem sede rotativa entre as escolas militares e naquele ano foi realizada em Barbacena.



A campeã geral foi a EsPCEEx, cabendo à EPCAR o segundo lugar geral. Mas, apesar de sermos quase recém-chegados à Escola, alguns companheiros de Turma se destacaram nas competições: Eitel na natação, Ruy e Pach no judô, Cássio no basquete, Theodoro no futebol e no atletismo e Dias e Edimar no atletismo, por exemplo.

A BELA E AS “FERAS”

31 de outubro de 1971

Oscar

A visita da carioca Lúcia Petterle, segunda colocada no concurso Miss Brasil 1971, passou quase despercebida pelos alunos.

O Comando da Escola, sabiamente, manteve-a longe daqueles jovens alunos em “idade de reprodução”, levando-a a visitar as instalações sempre em oportunidades em que o contato com os alunos seria mínimo.



A jovem, com uma microssaia de “fechar o comércio” e “parar o trânsito”, que deixava à mostra suas lindas pernas, circulou incólume, sempre acompanhada por uma comitiva de oficiais e professores, mesmo quando parou para uma entrevista na TV Educativa da EPCAR.

A visita à EPCAR deu sorte e Lúcia Petterle acabou sendo coroada Miss Mundo 1971 menos de quinze dias depois.



O T-6 CAIU!... OU NÃO?

Coutinho, Pehrson

Em um domingo, por volta das 07:00, um T-6 passou várias vezes em voo rasante sobre os alojamentos do primeiro e segundo anos, enquanto os alunos ainda curtiam o sono profundo, recuperando-se do desgaste físico pelo excesso de hormônios e de uma série de atividades sociais. Aproveitavam para dormir até tarde no único dia em que o corneteiro não tocava a alvorada.

Houve quem, de tanto sono, nem ouviu o som rouco do motor do T-6 passando quase sobre suas cabeças, mas alguns xingaram a mãe do então capitão aviador PC Senna que, supostamente, seria o único a ter o atrevimento de fazer demonstrações da sua perícia naquela hora!

Instantes depois, fomos surpreendidos por uma explosão daquelas que o chão treme, enquanto os vidros estilhaçavam e uma fumaça preta entrava pelas janelas quebradas. Não era apenas um susto, era uma emergência real e perigosa!

Foi uma correria total, teve gente que pulou da varanda do alojamento para o gramado e outros, em sono profundo, foram arrastados para fora pelos colegas em meio à gritaria. Quando estávamos fora do alojamento, pudemos ver a fumaça escura saindo por trás do prédio e ouvimos alguém gritar: “O T-6 caiu!”. Deve ter sido o Senna!

Diz o Coutinho que, naquela hora, um companheiro que, nas corridas pela cidade, ficava completamente extenuado antes mesmo da primeira ladeira, logo após a Vila dos Oficiais, e conseguia escapular da suga mais puxada, teve um desempenho imbatível! Capaz de superar qualquer um que estivesse presente no evento.

O tal companheiro dormia na cama de cima de um beliche, próximo da janela voltada para a varanda. Assustado ao ouvir o grande estrondo acompanhado de estilhaços de vidro e fumaça que invadiram o alojamento, ele conseguiu, em um instante, atravessar a janela guilhotina semiaberta com um único toque no solo. Ou seja, do beliche à janela, ele encostou o pé no chão uma única vez e só parou na varanda, incorporando a agilidade de um gato e a velocidade de um guepardo. Todos correram, mas ele, assim como Ícaro, não correu, voou.

Minutos depois, com o combate ao incêndio, a fumaça dispersou e

podemos voltar rapidamente ao alojamento para nos vestir adequadamente e sair novamente para ver de perto o que tinha acontecido. Demos a volta no prédio e nos aproximamos do local, onde alguns curiosos se aglomeravam e um soldado de serviço disse que a explosão havia sido causada pelo vaso acumulador de vapor da caldeira que ficava rente ao solo, nos fundos do alojamento, e que havia feridos entre o pessoal da cozinha.

Nessa altura, o Pehrson conta que saiu dali e repassou a informação para todos que encontrou, mas a imagem do Senna e seus voos rasantes não lhe saiu da cabeça, pois já o tinha visto a um metro de altura no Pátio da Bandeira e, por várias vezes, rente aos telhados, postes e mastros da Escola, fazendo-lhe encolher os ombros e esperar a queda. O Capitão Senna era o Comandante da Turma de 70 e eles o consideravam um Ás da Aviação!

O Pehrson ficou inspirado com o personagem e fez uma caricatura do tal “Ás” no seu T-6, com as mais de cinco “vitórias” ou destruições pintadas abaixo da carlinga.

O desenho foi publicado no nosso jornal e causou um escândalo! O próprio Capitão Senna fez cara feia quando viu e o pessoal da Turma de 70 protestou, mas a nossa Turma adorou!

Infelizmente o original se perdeu, mas agora, passados cinquenta anos, o Pehrson nos brindou com duas ilustrações digitais para lembrar esse caso bizarro e inesquecível.



JURAMENTO À BANDEIRA

19 de novembro de 1971

Doerl, Oscar (Adaptação de texto da “Revista Senta a Pua 71”)

O Dia da Bandeira chegou e, com ele, a cerimônia anual em que rendemos homenagem ao símbolo máximo da Pátria. Trata-se de uma solenidade na qual são solenemente incineradas as bandeiras nacionais danificadas pelo uso diário durante o ano e que seu hino é entoado a plenos pulmões durante o hasteamento do pavilhão nacional em horário especial, seguindo cerimonial próprio para a data.

É nessa cerimônia, também, que os alunos do primeiro ano, na presença de familiares e convidados, prestam o juramento formal à Bandeira Nacional.

Para tanto, a Turma 71 entrou em forma com o 5º uniforme, o uniforme mais distinto que possuíamos, em uma posição de destaque no meio do Pátio da Bandeira, enquanto as turmas do segundo e terceiro anos, trajando o 6º uniforme de desfile, com capacete, cinto e talabarte brancos e fuzil, se posicionaram no tradicional local para desfile.

As laterais do palanque oficial e a frente do posto médico eram locais de grande aglomeração. A essa altura, pais, mães, namoradas e amigos ansiosos e emocionados já ocupavam seus lugares.



No ponto máximo da solenidade, obedecendo ao comando de voz, toda a Turma tomou a posição ereta de sentido, estendendo o braço direito à frente, na altura do ombro, e proferiu em voz alta, o mais alto que conseguimos, com o peito estufando de orgulho, o Juramento à Bandeira:

“Incorporando-me à Força Aérea Brasileira, prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado. Respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos de armas

e com bondade os subordinados. E dedicar-me inteiramente a serviço da Pátria, cujas honra, integridade e instituições defenderei com o sacrifício da própria vida”.

A nobreza e a solenidade do juramento infundiam em todos uma grande responsabilidade. A marcialidade do conjunto a todos deslumbrava. Os movimentos eram firmes e uniformes, de um sincronismo excepcional. O Pavilhão Nacional, balançando ao sopro dos ventos, parecia sorrir agradecido e seu tremular insinuava aplausos pelo compromisso a que nos submetemos.

Seguiu-se o canto do Hino Nacional, cuja intensidade fazia o chão estremecer. Sotaques contrastantes, métricas variadas e tonalidades diversas amalgamaram-se para formar uma sinfonia uniforme, vibrante, tonitruante.



Em seguida, ainda entusiasmados pelo momento solene que vivíamos, iniciamos o deslocamento em passo ordinário, um atrás do outro, numa enorme fila “indiana”, para saudar individualmente a Bandeira que se encontrava em frente ao palanque. Ao passar pela Bandeira, cada um voltava o rosto para esta e prestava-lhe continência, em sinal de respeito.



Marchávamos com o passo firme e o coração acelerado. Ainda jovens, assumíamos um importante compromisso com a Pátria, por meio da bandeira que a representa. Diante daquela imensa responsabilidade, maior ficara o nosso orgulho em vergar o “manto azul”.

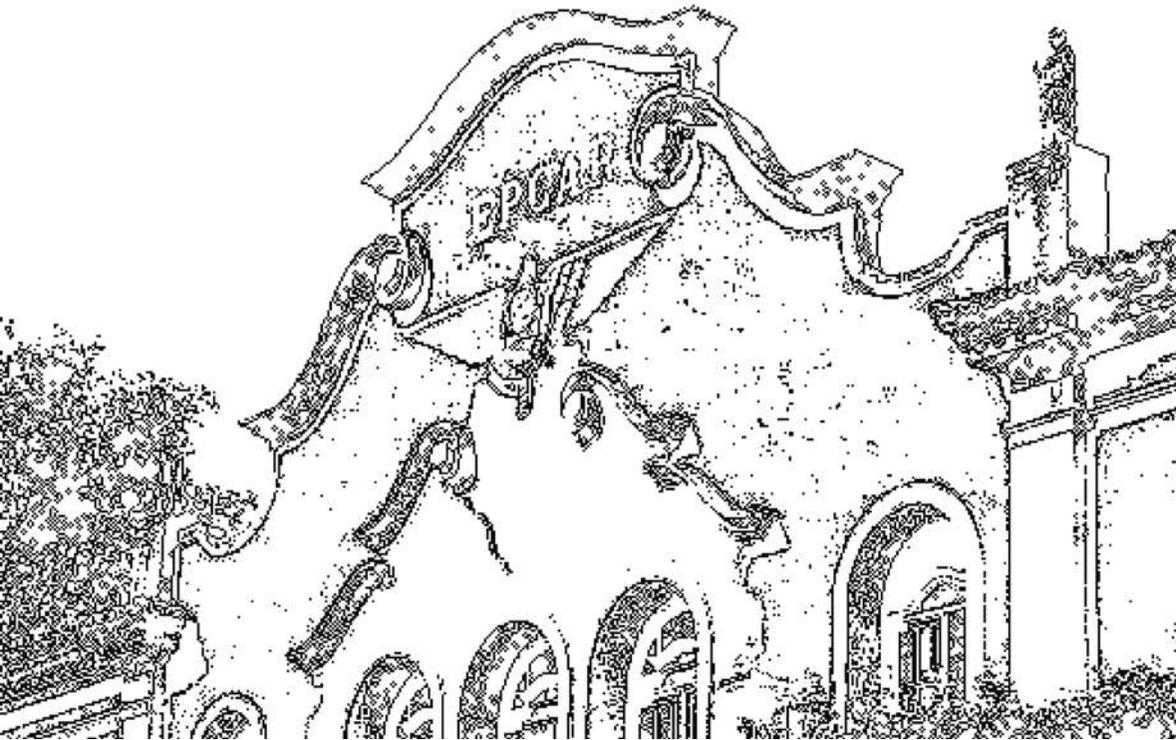


Encerrada a saudação individual à Bandeira, retornamos ao dispositivo inicial e cantamos, carinhosamente, o Hino à Bandeira. Inserimos nele todo nosso afeto para com a nossa “mãe”. Procuramos mostrar-lhe que amamos a paz, mas não tememos morrer pela Pátria.

Foi assim que a Bandeira abarcou novos filhos: a Nação, responsáveis cidadãos e a Pátria, jovens heróis.

1972

Emerson Fittipaldi sagrou-se campeão da Fórmula 1 pela primeira vez; as rádios do Brasil tocavam: *Acabou Chorare* (dos Novos Baianos), *Águas de Março* (de Elis Regina), *Expresso 2222* (de Gilberto Gil), *Fio Maravilha* (de Jorge Bem), *Imagine* (de John Lennon) e *Soley, Soley* (de Fernand Arbey). E nos cinemas estreavam: *O Poderoso Chefão*, *Cabaret*, *O Destino do Poseidon*, *Tudo o que Você Sempre quis Saber sobre Sexo*, *mas Tinha Medo de Perguntar*, e *Último Tango em Paris*.



INAUGURAÇÃO DA NOVA CAPELA DA EPCAR

5 de março de 1972

Oscar

Um dia antes do início do ano letivo, foi inaugurado um novo e moderno templo para nosso conforto espiritual. Quem chegou das férias pelo menos um dia antes teve a chance de assistir ao evento que marcou a inauguração.



INÍCIO DO ANO LETIVO

6 de março de 1972

Oscar

Ao iniciar o ano letivo de 1972 já não éramos 321, alguns companheiros haviam deixado a EPCAR prematuramente. Para ser mais preciso, considerando os afastamentos durante o ano anterior e os três primeiros meses de 1972, a turma agora totalizava 308 alunos e, no decorrer do ano de 1972, outros companheiros nos deixariam pelos mais variados motivos. No entanto, a perda mais sentida pela turma, com certeza, foi a do 71-278 Rui Guilherme da Mota Pereira. O paraense saiu de férias no final do ano e não voltou mais. Acabou encontrando seu destino em uma estrada – era um sábado, 30 de dezembro de 1972, e nós só iríamos chorar a sua perda, realmente, ao regressar de férias no ano seguinte e nos depararmos com a notícia. Despediram-se dele, em nosso nome, alguns companheiros que estavam pela EPCAR naquela data e outros que por qualquer motivo conseguiram ser localizados a tempo.



PASSAGEM DE COMANDO

Oscar

Em cerimônia presidida pelo Exmo. Sr. Ministro da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro do Ar Joelmir Campos de Araripe Macedo, o Brig. do Ar Zenith Borba dos Santos transmitiu o comando da EPCAR ao Brig. do Ar Oswaldo Terra de Faria, no dia 9 de março de 1972.



Cerca de dois meses depois, em 4 maio de 1972, era a vez de o Capitão Aviador Sérgio Roberto SEGADÃES, que comandou a nossa Turma desde a nossa chegada na EPCAR, passar o cargo para o Capitão Aviador VALDIR da Silva Almeida.

Daí em diante seguiram-se outros três oficiais no comando da Turma: o Tenente Intendente Luiz de Almeida FERNANDES, que assumiu o cargo em 22 de setembro de 1972, o Capitão Aviador Newton Vaz SENNA, em 21 de fevereiro de 1973, e o Major Aviador AILDON Dornellas de Carvalho, em 18 de outubro de 1973.

22º TROFÉU LIMA MENDES

12 a 20 de maio de 1972

Oscar

Com pouco mais de um ano de convivência, nossas equipes estavam mais bem integradas, mas o destaque, novamente, foram as provas individuais.



Arrasamos no judô e na natação! No peso médio do judô, por exemplo, conseguimos os três primeiros lugares com Pach, Ruy e Jairo, enquanto no peso leve conquistamos o primeiro e o terceiro lugares com Dull e Nestor, culminando com a vitória por equipe.

Na natação o Gerhard conquistou a vitória nos 100 m golfinho, e o Eitel... bem, o Eitel venceu os 200 m medley, 100 m peito e 100 m costa. E ainda faturamos o primeiro lugar nos revezamentos 4 x 100 m livre e 4 x 100 m quatro estilos. Com esses resultados, dentre outros, vencemos a competição por equipe.



Ficamos com o segundo lugar em futebol de campo, futebol de salão e atletismo, com vários destaques individuais. Mas não conseguimos mais do que o terceiro lugar em basquete e vôlei, o que não permitiu que, na contagem geral, conquistássemos o Troféu Lima Mendes. Ao final, o terceiro ano, a Turma 70, venceu por poucos pontos.



A “BOLACHA” DA TURMA

Oscar

Entramos o ano de 1972 ainda como uma turma sem nome, sem “grito de guerra”, sem emblema, sem brasão – a popular “bolacha” – ou qualquer outra coisa que nos identificasse como uma turma específica. Éramos, simplesmente, a Turma 71.

Se, por um lado, isso pouco nos incomodava, talvez porque não tínhamos noção de como faria falta no futuro uma identidade gráfica ou uma denominação distinta, por outro, despertava a atenção de nosso Comandante, que viam nesta situação um certo descaso com a representatividade da Turma.

Esse desconforto do Comandante chegou a ponto de ele tomar uma atitude definitiva para dar novos rumos à situação. Procurou um dos desenhistas da Turma e deu-lhe um ultimato: seu licenciamento estaria suspenso até que criasse e pintasse a “bolacha” da Turma nos biombos das portas de acesso aos alojamentos.

E assim, o Capella e alguns ajudantes, em apenas um fim de semana, providenciaram conforme determinado!



A imagem da esquerda foi obtida a partir da bolacha mandada confeccionar em 1972 e contém uma falha de impressão. No desenho original, o espaço ao fundo, abaixo do “71”, ia gradualmente do amarelo ao vermelho, como a luz do sol ao entardecer, mas a empresa contratada à época não conseguiu reproduzir o efeito e imprimiu dessa forma, com as duas cores separadas.

A imagem da direita, por sua vez, é uma releitura recente da bolacha original da Turma

DOLLY (DOLLAMIM) HÁ CINQUENTA ANOS

Fernando

Um experimento clandestino, levado a efeito no laboratório de biologia durante uma aula prática, desvendou os mistérios da reprodução humana. Obra de um gênio incompreendido e muito à frente de seu tempo, cujo reconhecimento científico constou, apenas, de uma citação em Boletim Interno.

Trata-se da mais arrojada experiência, que viria a possibilitar o conhecidíssimo experimento com ovelha Dolly no futuro e todas as suas conseqüências para a reprodução humana. Pode parecer exagero, mas foi naqueles idos de 1972 que o então jovem aluno visualizou em um microscópio células reprodutoras humanas durante a aula de biologia a partir de material colhido misteriosamente de doador anônimo.

O mestre de biologia e grande cabeça cearense, professor Enéas, enciumado com a genialidade do aluno que, ainda jovem, demonstrava aptidões dignas de um Pasteur, comunicou o fato ao Departamento de Ensino da Escola e, lamentavelmente, o que seria motivo de uma possível indicação ao Nobel de Biologia transformou-se simples e injustamente em 10P (10 dias de prisão) e na conseqüente citação em Boletim mencionada anteriormente.

O Tenente Batista chegou a perguntar, durante a subsequente formatura “Quem foi o artista?”. Pensáramos que a autoria de tamanho prodígio teria sido obra do Padilha, afinal, tínhamos essa mania de responsabilizá-lo por tudo de demoníaco que ocorria ao longo daquele tempo na Escola. Porém, corrigimos o erro a tempo e acabamos por fazer justiça ao verdadeiro “gênio”, que teve sua casta imagem associada a experimento tão insólito, justamente um mineirinho com nome de padre.

No entanto, ainda restam duas questões obscuras em relação ao caso:

- Quem foi o verdadeiro doador do material para análise?
- Quando e em que condições ocorreu a colheita do material?

CAÇANDO BARATAS

Marinho

Em um dia da semana como outro qualquer, um companheiro estava bem à vontade lendo um gibi no alojamento enquanto era realizada a formatura do almoço, ou seja, estava “matando a formatura”, quando o Tenente Batista resolveu fazer uma vistoria no alojamento.

Ao perceber que o Tenente se aproximava, o companheiro juntou suas coisas e (ato contínuo) enfiou-se embaixo da cama, mas seu movimento, apesar de rápido, não passou despercebido pelo experiente Tenente, que o encontrou e foi logo perguntando o que fazia ali. Pego de surpresa pela pergunta, o companheiro, que era tão forte, que mal cabia embaixo da cama, arrumou-se no que pôde e saiu-se com esta: “Baratas, Tenente! Estou caçando baratas!”.



“LAVUAZIÊ” DO RANCHO

Oscar (inspirado em texto de Pavão Porto na Revista Albatroz 65)

Sempre tive a impressão de que o pessoal do Rancho da EPCAR, durante sua formação profissional, estudou muito a obra do químico francês Antoine Laurent de Lavoisier, principalmente os ensinamentos contidos na Lei de Lavoisier, também conhecida como lei da conservação das massas, a qual afirma que “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Senão, vejamos...

A história começa em um almoço de segunda-feira no Rancho, quando a carne é servida em forma de suculentos bifés, informalmente chamados de “solas de sapato”, o ovo frito “zoiúdo” flutua no mar de óleo, o arroz é branquinho e soltinho, o feijão é encorpado, farto em grãos que engrossam o caldo, e a salada é de alface, tomate, cenoura e batata cozida. Tudo “original”!

Na terça-feira, as pontas da carne usada nos bifés de segunda-feira são cortadas em pedaços pequenos com um molho à base do que restou do óleo dos ovos, do tomate e da cenoura da salada, também do dia anterior, e se transforma no picadinho, ou “carnaval na zona”. O arroz requentado da segunda-feira agora vem na base do “unidos venceremos” e os “marinheiros” ficam à mostra para todos os lados. Boa parte dos grãos do feijão sumiram, mas ao caldo que restou são acrescentados uns pedaços de carne defumada para dar um sabor diferenciado. A salada foi passear e mandou a farinha de mandioca ou sabe-se lá do que para substituí-la.

Na quarta-feira, os bifés que sobraram da segunda-feira ganham uma roupagem nova, com ovos e farinha do pão que sobram nos cafés da manhã, e viram bife à milanesa, o popular “bife de japona”. Um pouco do molho



do bife de segunda ou do picadinho da terça é jogado sobre o arroz para disfarçar a cor escura que ele está adquirindo. Para alegria geral, é servido um novo caldeirão de feijão, visto que não tem mais carne defumada que dê jeito naquela água preta que sobrou na terça-feira. Entrou em serviço o chuchu, que só vai passar o posto no fim de semana. A sobremesa ganhou destaque: em vez de bananada ou marmelada, é servido pêssego em calda (duas “moléculas” para cada aluno).

Na quinta-feira entra em ação o “frango vibrador”: só asa e trem de pouso! O frango é acompanhado de espaguete ao pouco alho e muito óleo.

Na sexta-feira, o cozinheiro reúne o que sobrou dos bifés e do frango dos dias anteriores, acrescenta uns pedaços de linguiça calabresa, cebola e pimentão e “voilà”... surge o espetinho misto sem espeto! O que sobrou da batata da salada de segunda-feira é amassado e se transforma no purê de batatas, ou “cimento branco”. Acrescenta-se mais meio quilo de feijão no caldeirão e algumas pedrinhas para ficar mais pesado. A farofa é a farinha de terça-feira com restos dos ovos de segunda-feira.

Finalmente chega o sábado e a transformação é acentuada. Metade do feijão permanece, o resto de arroz é misturado com o chuchu e se transforma no “bolinho vibrador”. A carne de sobra da semana é moída e misturada ao molho de tomate do resto da salada. Novamente é servida a farinha no lugar da já extinta salada. Sobremesa: bananas verdes ou maduras demais! Aluno vive reclamando!

Finalmente, chega o domingo e a criatividade do cozinheiro é colocada à prova! Dia do tutu feito com a sobra do feijão e da farinha do dia anterior, acompanhado das almôndegas ou “granadas”, produzidas a partir do que sobrou do bife à milanesa de terça-feira, do espetinho misto de sexta-feira e o que mais puder ser aproveitado. Sobremesa: laranjas azedas!

A semana termina, chega a segunda-feira e o ciclo recomeça com poucas variações e a questão que fica no ar é a seguinte: será que Lavoisier trabalhou em algum Rancho?

O ARMÁRIO

Marinho

Enfrentar a formatura na hora do rancho, debaixo do sol intenso que fritaria nosso cérebro se não fosse o bibico que restringia a intensidade do calor a um nível de cozimento, era uma tortura. Assim, alguns companheiros se arriscavam permanecendo no alojamento durante a formatura e não iam almoçar. No início, aqueles que decidiam “matar a formatura” ficavam simplesmente “dando chance” pelo alojamento ou banheiro. Com o incremento das vistorias de alojamento pelos oficiais, principalmente naquele horário, eles passaram a se esconder dentro de seus armários, que tinham o respectivo cadeado trancado por outro companheiro que ainda se encarregava de trazer-lhes um “sanduíche” do rancho para tapear a fome.

Só um cérebro cozido pelo sol poderia imaginar esse “golpe”. Os armários já eram pequenos para acomodar uniformes, trajes civis, calçados, livros e outros bens pessoais, e ainda teriam de acomodar um aluno encolhido na sua parte principal (cerca de 90 x 45 x 45 cm).

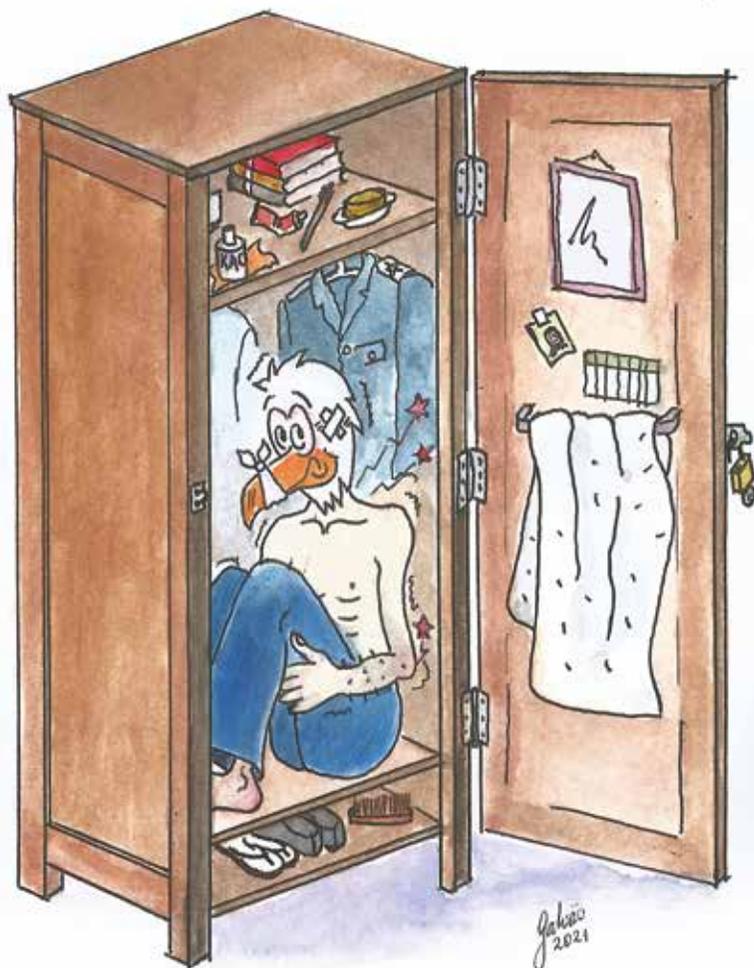
Os armários eram geminados, dois a dois, e, dessa vez, os ocupantes de cada um dos dois armários contíguos resolveram “matar a formatura” ao mesmo tempo, um deles pela primeira vez.

Pediram para um outro companheiro que os trancasse e levasse a chave do armário consigo para soltá-los quando retornasse do almoço. Ocorre que a formatura foi daquelas que duram mais do que de costume, que o companheiro que estava com as chaves era um excelente garfo e que lá pelas tantas o Tenente Fernandes entrou no alojamento à procura do aluno de serviço na hora aos brados de “Plantão! Plantão!”, o que os companheiros golpistas escutavam em silêncio dentro de seus armários.

O companheiro que debutava nesta modalidade de “golpe”, ao ouvir a voz do Tenente, começou a tremer de medo e a se arrepender amargamente de ter aderido à famigerada ideia, quando sentiu um “abalo sísmico” no armário. Arrumou a posição do corpo, conseguindo colocar a boca próxima à divisória entre os dois armários e, sussurrando, pediu que o companheiro no armário geminado ficasse quieto, ou seriam pegos em flagrante.

Tudo se aquietou, mas, de repente, outro “abalo”, só que desta vez mais forte. Mais uma vez o “calouro” sussurrou, agora implorando que o vizinho ficasse quieto, sem saber ou pelo menos imaginar o que poderia estar acontecendo.

Ouviram o Tenente sair do alojamento e, dessa vez, o novo “abalo” foi tão intenso, que o armário saiu do lugar. Quase ao mesmo tempo, o companheiro que estava com as chaves dos armários chegou e abriu a porta do armário do lado e depois a do “calouro” que, ao sair, surpreendeu-se ao ver o companheiro de armário caído no chão, todo encolhido, se contorcendo e grunhindo: “Câimbra! Câimbra!”. Foi impossível conter as gargalhadas!



NO ISOLAMENTO

Marinho

Não eram só as doenças sexualmente transmissíveis ou doenças venéreas, como eram conhecidas naquela época, que levavam ao setor de isolamento do Posto de Saúde da EPCAR, outras doenças contagiosas também indicavam o isolamento, considerando a quantidade de alunos e pessoal de apoio que conviviam diretamente na Escola.

Em uma noite daquelas, após o jantar, o aluno começou a sentir uma coceira por todo o corpo, que se acentuou durante o sono. No dia seguinte, tomou o café da manhã e seguiu direto para o Posto Médico. Foi atendido pelo médico de plantão, que perguntou o que o aluno estava sentindo. Ciente dos sintomas, o médico resolveu aprofundar o exame e solicitou ao aluno que abrisse a camisa. Ao ver as erupções na pele do aluno, o médico arregalou os olhos e, sem dizer mais nada, saiu correndo da sala, deixando o aluno completamente apavorado com o que poderia estar acontecendo.

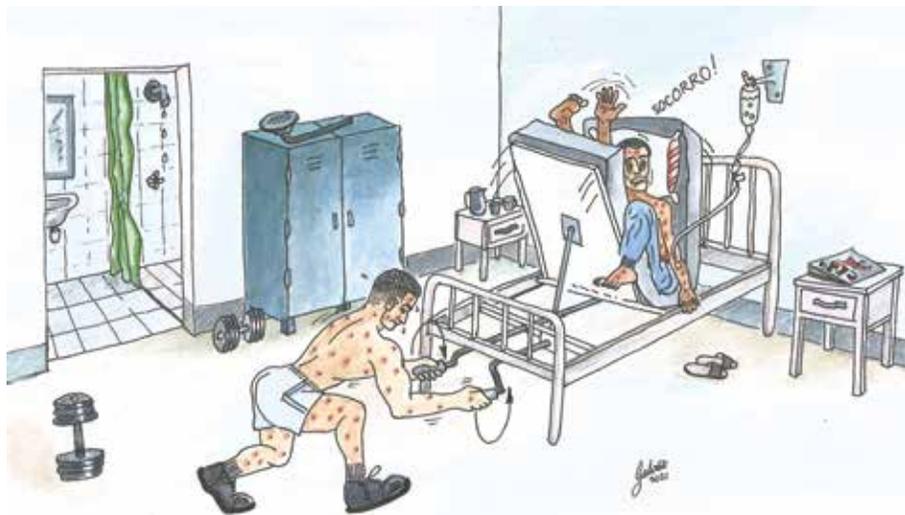
Alguns minutos depois, que pareceram uma eternidade, um enfermeiro entrou na sala e se deparou com o aluno apavorado, pois pensou que estava condenado depois daquele comportamento do médico. O enfermeiro, também sem explicar nada, encaminhou o aluno imediatamente para o setor de isolamento. Agora o aluno já sabia que, seja lá qual fosse a doença que tinha contraído, era contagiosa. Restava saber se havia cura!

Mais tarde o aluno ficou sabendo que estava com rubéola e que o Médico saiu correndo do consultório porque nunca tinha contraído e a mulher dele estava grávida, o que representaria um risco para o bebê.

No isolamento, o aluno encontrou outros dois companheiros de Turma, um com catapora e o outro com uma doença infantil contagiosa. No dia seguinte, foi internado no isolamento um quarto aluno com uma doença infectocontagiosa adquirida por meio de uma bactéria ou fungo que tinha origem no estabelecimento de certa “tia”, carinhosamente chamada de Dora.

Com tantos vírus, bactérias e fungos rondando o ar, o aluno com rubéola resolveu fugir do isolamento à noite para tomar banho no banheiro do alojamento, que era mais seguro que o do isolamento, principalmente porque o último companheiro que chegara no isolamento era louco por musculação e tinha o cérebro “atrofiado”. Ele quebrou o chuveiro fazendo flexão de braço, como se a haste do chuveiro fosse uma barra fixa,

e destruiu uma cama enquanto exercitava os músculos fechando e abrindo a cama com as manivelas que ficam no pé da cama. O pior é que a cama quebrou na posição fechada com o ocupante preso nela – só apareciam a cabeça, as mãos e os pés dele para fora do colchão dobrado!



Dias depois, a população do isolamento aumentou, com um surto de rubéola entre os alunos...

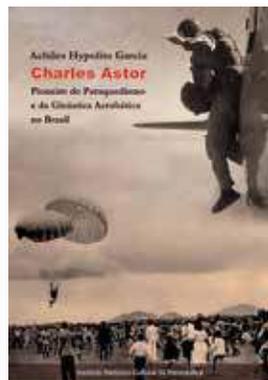
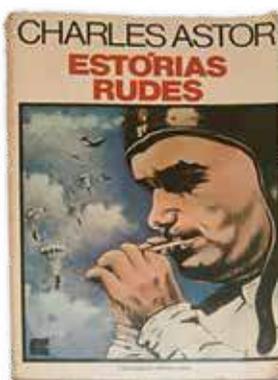
O ADEUS A CHARLES ASTOR

17 de agosto de 1972

Cunha

Nascido na cidade de Castiglione, atual Bou Ismaïl, na Argélia, em 24 de agosto de 1900, época em que o país ainda era uma colônia francesa, Achilles Hypolito Garcia Charles Astor, ou simplesmente Charles Astor, foi militar, aviador, escritor, instrutor de paraquedismo, acrobata aéreo, atleta de rugby, professor de jiu-jitsu e educação física. Ele se radicou no Brasil, país em que viveu a maior parte de sua vida.

Em 1927, Charles Astor chegou ao Brasil para fazer uma série de shows de acrobacias aéreas e paraquedismo, tendo sido o primeiro homem a saltar de paraquedas no Brasil. Apaixonou-se tanto pelo País, sua pátria de coração, que acabou se casando com uma mineira e obteve a cidadania brasileira.



Ajudou a fundar o Departamento de Paraquedismo do Aeroclube do Brasil e se tornou diretor e instrutor de paraquedismo daquela instituição, mas sua história também está estritamente ligada à história do paraquedismo militar brasileiro.

Em 1941, convidado pelo Ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, passou a ministrar instrução das técnicas de paraquedismo aos Cadetes da Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, visto que a FAB, em futuro próximo, passaria a empregar aeronaves de caça com assentos ejetáveis. Como consequência dessa nova tarefa, acabou se tornando, também, o primeiro homem a saltar de uma aeronave militar em voo no Brasil.

Mentor da criação do Esquadrão Aeroterreste de Salvamento (EAS) – PARASAR –, é considerado o pioneiro do paraquedismo civil e militar no Brasil.

Charles Astor viveu seus últimos dias na EPCAR, onde passava boa parte do tempo em frente ao hospital, em uma cadeira de rodas, conforme observávamos durante nossos deslocamentos pelo Pátio da Bandeira. Não sei quantos da nossa Turma tiveram a grata oportunidade de interagir com ele, mas estes, com certeza, foram brindados com a sabedoria e a experiência daquele mestre dos céus e da vida, que tanto nos impressionou no curto período em que convivemos.

Estávamos no segundo ano da EPCAR quando Charles Astor, com 71 anos de idade, se despediu da vida em um último salto em direção aos céus.

Em reconhecimento aos seus 30 anos de serviços prestados ao Brasil, foi sepultado com as honras militares de estilo no Cemitério da Boa Morte, em Barbacena.

Uma guarda de honra constituída por Alunos da EPCAR acompanhou o féretro da EPCAR até o local de seu repouso final e uma cerimônia póstuma anual, com a colocação de flores no seu túmulo, se repetiu, regularmente, no aniversário de sua morte nos anos seguintes.



SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

7 de setembro de 1972

Alberto, Claudio, Coutinho, Cunha, Doerl, Oscar, Rene

Muita coisa aconteceu em 1972... briguinhas com os “camofos”, namoros, competições esportivas, fugas da PA, “VI”, grau relativo. Mas o grande destaque do ano foi o 7 de setembro! O segundo semestre de 1972 começou com a notícia de que a EPCAR participaria do Desfile Cívico-Militar do Sesquicentenário da Independência, na cidade de São Paulo, a convite do Comando da 4ª Zona Aérea.

A representação da EPCAR seria composta pela Banda de Música, oficiais e alunos, mas, para um desfile especial como este, os alunos seriam divididos em três grupamentos: o primeiro, com os alunos do 3º ano – a Turma de 70 –, teria o formato de uma aeronave F-103 Mirage; o terceiro, com parte dos alunos do 2º ano – a nossa Turma de 71 –, em formato de um AT-26 Xavante; e finalmente o segundo, com os alunos do 1º ano – a Turma de 72 – e alguns companheiros da nossa Turma que não fizeram parte do terceiro grupamento, no formato retangular, tradicionalmente chamado de “tijolão”, mas naquela oportunidade, em alusão ao formato de avião dos dois outros grupamentos: “tapete voador”.

Todos utilizariam o 6º Uniforme de desfile, o popular “homem-bala”, mas o armamento empregado pelo segundo grupamento seria o pesado e incômodo fuzil mosquetão FAL com baioneta, enquanto o primeiro e o terceiro grupamentos usariam o HK-33, mais leve e fácil de manusear.

Foram meses de árduo treinamento para aperfeiçoar a coordenação e a disciplina dos movimentos, afinal a ocasião exigia que demonstrássemos um elevado grau de treinamento e sincronismo. Quanto mais se aproximava a data, mais intenso se tornava o treinamento e mais escutávamos aquelas frases típicas do Tenente Batista, tais como: “Se o elemento ver que vai cair, deita!”. Começamos treinando na própria Escola, até que atingimos um grau de proficiência que permitiu algumas passagens pela Av. Bias Fortes, na cidade de Barbacena. Uma espécie de “avant-première” do que iria ocorrer em São Paulo.

Além do treinamento, era essencial o preparo da farda do desfile, que deveria estar impecável para o grande dia. Um trabalho especial para as fiéis

e caprichosas lavadeiras que se amontoavam no interior da Escola, logo após o Portão da Guarda, e para nós mesmos, que tínhamos que colocar à prova os diversos “macetes” para garantir o polimento espetacular das botas e das peças metálicas dos cintos e talabartes.

A nota trágica ficou por conta do deslocamento para São Paulo, dias antes do evento, de um escalão avançado encarregado de preparar a chegada e instalação dos comandantes e alunos da EPCAR no Parque de Material Aeronáutico de São Paulo (PAMA-SP), situado no Campo de Marte. Os três Sargentos designados seguiram para São Paulo em carro particular e acabaram sofrendo um acidente em que vieram a falecer os Sargentos Abdala e Emendoerf.

E chegou o dia da partida. Ainda era madrugada quando fomos acordados pelo toque de alvorada naquele 6 de setembro de 1972. Após um café da manhã reforçado, entramos em forma com o 10º uniforme, o armamento e a mala padrão arrumada com o uniforme de desfile e pertences pessoais.

A viagem seria de trem, assim seguimos a pé e “em silêncio” até a Estação Ferroviária de Barbacena.

Embarcamos, ainda muito cedo, para uma viagem longa e cansativa. O trem era exclusivo para os comandantes, instrutores e alunos da EPCAR. Depois de algumas orientações e a distribuição nos vagões, embarcamos e, com o som do apito da máquina, repetido várias vezes, partimos em direção ao entroncamento ferroviário de Barra do Pirai e de lá pela linha do Vale do Paraíba até São Paulo.

Os vagões eram simples, com assentos laterais de madeira, sem banheiro e sem restaurante. Nos contentamos com as caixinhas de lanche que foram distribuídas para cada um com sanduíches de pão de forma, apesuntado e queijo, frutas e sucos. Apesar da grande fartura, o sabor não era um dos fatores que nos motivava a consumir o lanche, mas era só o que tínhamos para comer durante a viagem.

O sacolejo do trem era até gostoso, mas, com o passar do tempo, ia ficando bem desconfortável e até a paisagem, antes agradável, ficava monótona, passando tediosamente pela janela: verdes matas e outras descoloridas pela seca, fazendas bem cuidadas contrastavam com vilarejos humildes, animais pastando e poucas pessoas circulando que nos davam a sensação de uma imensa solidão. A vista se perdia, sonolenta e enfasiada.



Os bancos de madeira se transformavam em um objeto de tortura. Alguns companheiros, antes eufóricos, jaziam pelo vagão em posições variadas, demonstrando cansaço e desolação.

A viagem parecia não ter fim, mas o serpentear dos vagões entre montes e morros, acompanhando a sinuosidade da linha férrea, fazia com que esquecêssemos a ansiedade e o cansaço da viagem.

A cada cidadezinha pela qual passávamos, o alarido de uns animados cidadãos locais nos dava certo vigor e alento, com a sensação de estarmos mais próximos do nosso destino. Nas pequenas estações em que parávamos, era possível notar o olhar curioso das pessoas a se perguntarem o porquê de tantas pessoas fardadas em um trem. Quem são? Para onde vão?

De qualquer forma, esse deslocamento em grupo era uma experiência nova e empolgante, e durante a viagem a alegria era grande e a zoação era constante e intensa.

Nas paradas em que tivemos permissão para descer, desenvolvemos uma estranha coreografia de desajeitados esticando as pernas e a coluna. Era tempo de recarregar as energias! O comboio ficou um bom tempo parado nas imediações de Resende, aguardando a passagem de um trem de carga. Então aproveitamos para descer do trem ali mesmo, no meio do nada, para amenizar o calor do interior daqueles vagões – tudo era motivo para diversão!



Os últimos raios de sol se despedem e o sacolejo, o barulho e o cansaço já não incomodam como antes. Entramos em um estado letárgico, mas consciente. Com a noite chegando, a fraca iluminação dos vagões não permite a leitura, que antes distraía um ou outro. A visão das planícies e morros era trocada pelos pequenos pontos luminosos naquela imensa escuridão, e nosso destino se tornava cada vez mais próximo.

Os pontos de luz começam a se avolumar e as casas construídas ao longo da via férrea começam a se aproximar uma das outras, anunciando a chegada de uma cidade. Mas ainda não é o nosso destino e novamente as luzes começam a se espaçar, deixando mais uma cidade para trás.

Com o avançar da noite, o entusiasmo, o ânimo e a alegria começam a se intensificar e a tomar conta de todos. É o sinal de que a viagem está chegando ao fim. As luzes, agora mais intensas, vão nos mostrando paisagens mais urbanas. O movimento de pessoas aumenta e surge um trânsito intenso de veículos e outros indícios que anunciam a chegada à grande São Paulo, destino da nossa aventura.

A velocidade do comboio começa a diminuir, atijando um alvoroço sem fim em todos os vagões, cada um querendo reunir logo seus pertences: mala, arma, equipamento, tudo o que trouxéramos e que precisaríamos usar naqueles próximos dois dias.

A agitação era enorme! Finalmente chegamos em São Paulo! O trem parou na Estação do Brás, segundo uns, ou na Estação Júlio Prestes segundo outros!

Descemos do trem e embarcamos novamente, dessa vez em ônibus alugados para a curta viagem até o PAMA-SP, no Campo de Marte, onde passaríamos a noite. Batedores iam na frente, fechando o trânsito para nossa passagem triunfal.

Na chegada ao PAMA-SP, fomos direto para o improvisado alojamento no interior de um hangar com várias camas beliche perfeitamente alinhadas, onde cada um se acomodou. O banho foi em um banheiro coletivo, dentro do próprio hangar, e a falta de água quente não fez muita diferença após o longo dia de viagem. Após o banho e uma rápida refeição, o sono tomou conta de todos. Seguimos para os leitos, pois o dia seguinte prometia.

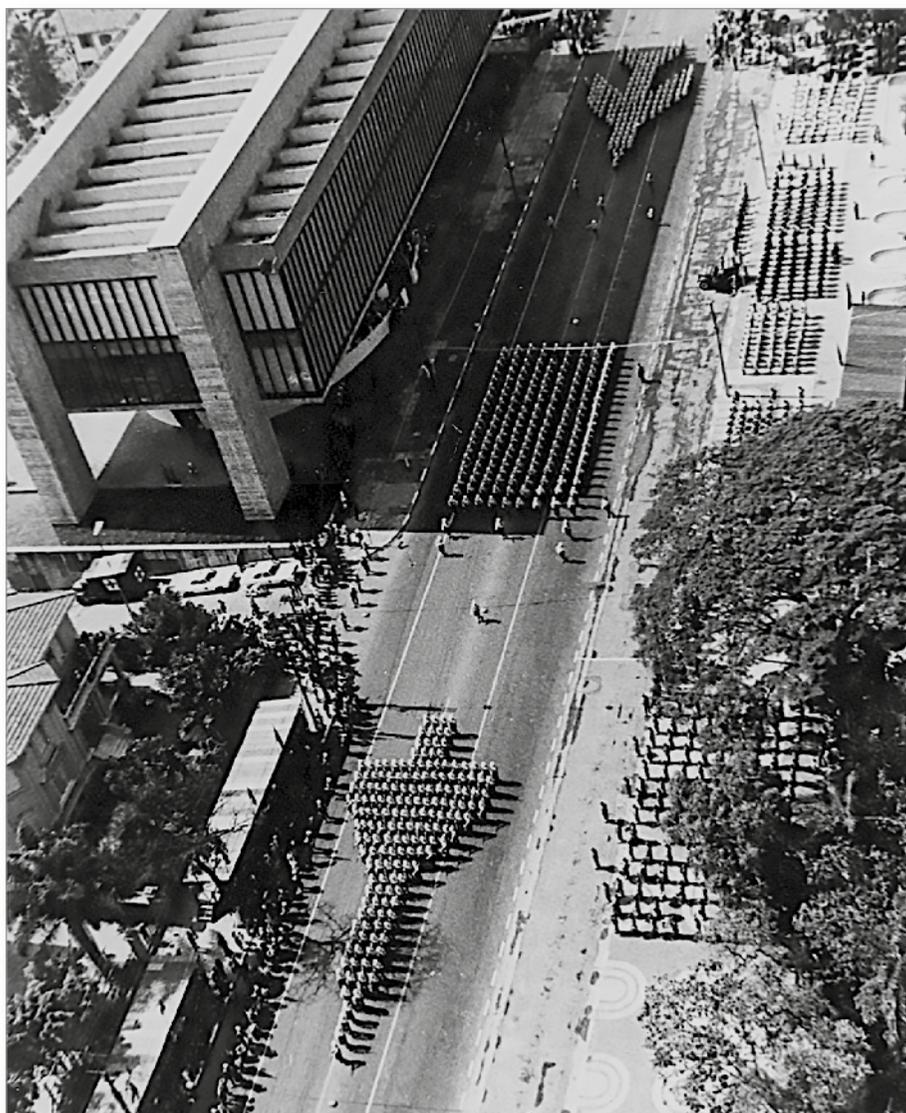
A noite já curta foi abreviada, no escuro da madrugada, pelo toque da corneta que anunciava a alvorada. Todos de pé, pois o tempo que tínhamos para o deslocamento do PAMA-SP até ao local do desfile era muito pouco. Correria no banheiro para a higiene matutina, um rápido, mas reforçado

café da manhã e logo estávamos prontos, com o uniforme do desfile, incluindo capacete, cinto e talabarte brancos, armas a tiracolo e “Modess” (absorvente íntimo dos grandes!) – este era um “acessório” essencial colocado na parte frontal do ombro para aliviar a dor pelo manuseio do fuzil. Estávamos prontos para o desfile que marcaria mais uma das muitas histórias da nossa vida!

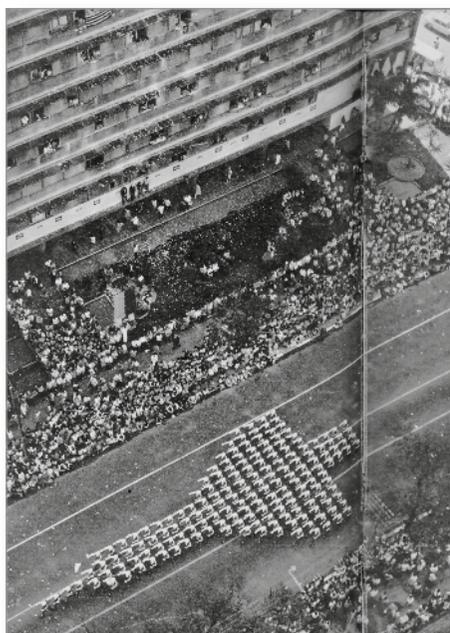


Embarcamos nos ônibus e seguimos para a concentração inicial na Av. Paulista, próximos ao MASP, sob o comando do Capitão Senna. Tudo são lembranças e, já em forma para o desfile, assistimos ao jipe que levava o comandante-geral do desfile, um General do Exército, ser obrigado a subir a calçada em frente aos grupamentos da EPCAR, pois o Capitão Senna não recuou a tropa da Escola para que ele passasse.

Aquele desfile cívico-militar de 7 de setembro de 1972 na Avenida Paulista, principal via pública da cidade de São Paulo, celebrava os 150 anos da Independência do Brasil, na presença do então Presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici, e mais de 500 mil pessoas que o acompanharam com emoção e vibração.



De acordo com jornais e revistas da época, o evento reuniu cerca de dezoito mil homens da Marinha, do Exército, da Aeronáutica e da Polícia Militar. A Aeronáutica foi representada por grupamentos da Academia da Força Aérea (AFA), da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR) e da Escola de Especialistas da Aeronáutica (EEAR). A EPCAR, no entanto, com sua formação peculiar e o deslocamento impecável, foi o maior destaque do desfile militar, tendo estampado a primeira página da edição do dia seguinte do jornal “O Estado de S. Paulo”.



Trechos da reportagem da Revista Manchete daquela semana destacavam que: “São Paulo jamais testemunhou uma festa cívica de tanta vibração” e que “O destacamento da Aeronáutica compôs um belo avião, em sua formatura impecável”. Além do texto, as imagens eram primorosas, com imenso destaque para o nosso desfile, que foi um show à parte. Divididos em três pelotões, roubamos a cena pela originalidade, sincronismo e perfeição dos movimentos.

Não existem palavras que possam descrever o quão emocionante foi aquele desfile também para todos nós, alunos da EPCAR. No peito faltou ar, de tanto orgulho que sentimos naquele momento.

Não foi à toa! Treinamos e nos dedicamos muito para que tudo desse certo! Os instrutores e monitores não perdoavam qualquer deslize durante os treinamentos na EPCAR. Fomos exigidos ao máximo, mas valeu a pena! Quem não se lembra do desfile? Das horas a fio de ordem unida, da preparação dos uniformes, da viagem de trem, do pernoite em um hangar e do “mar” de absorventes íntimos que deixamos nas ruas de São Paulo após o desfile?

É bom explicar esse último comentário para quem não se lembra ou não participou do desfile. Não sei de quem foi a ideia, mas os “acessórios femininos”, daqueles bem grandes, foram usados no ombro, por dentro da camisa, para aliviar as dores provocadas pelo guarda-mato do fuzil

apoiado sobre o músculo peitoral durante a marcha. Quando acabamos o desfile, todos deixaram o “acolchoado” pelo chão. Daí...

Cientes do dever cumprido, embarcamos nos ônibus e retornamos para o PAMA-SP a fim de nos prepararmos para o retorno a Barbacena no mesmo trem em que chegamos em São Paulo. Só os paulistas foram autorizados a permanecer na cidade para passar o fim de semana junto a suas famílias. Entregaram os fuzis aos monitores designados ali mesmo e seguiram para casa.

Apesar de muitos cariocas, capixabas e outros terem tentado se passar por paulistas, a tentativa não deu certo – a Escola tinha um controle atualizado de quem morava em São Paulo. Mesmo assim, alguns “não paulistas” deixaram sua arma com um companheiro para devolvê-la em Barbacena e “sumiram” aproveitando o êxodo dos paulistas. Alguns se deram bem, outros nem tanto.

Teve quem deu um jeito de “baixar enfermaria” na véspera do deslocamento para São Paulo, encarregou alguém de responder a chamada no seu lugar e saiu escondido com uma mala rumo à rodoviária de Barbacena. Infelizmente esse companheiro, já dentro do ônibus, foi abordado por um aluno do terceiro ano que ameaçou comunicar sua “fuga”. Pego em flagrante “VI”, o companheiro pagou para ver e viajou para Cabo Frio assim mesmo. Curtiu cinco dias de folga, só namorando e curtindo a vida. Quando voltou, ainda pulou o muro de madrugada. Tudo estava bem, até que foi chamado para audiência com o Comandante do Esquadrão, que, além da bronca, ainda lhe puniu com seis dias de detenção. Ficou barato!

Mais corajoso foi aquele que deixou a arma com um companheiro no trem, pulou e desapareceu na escuridão, no meio das linhas férreas e vagões, quando o comboio trafegava mais lento nos arredores da CSN, em Volta Redonda. O companheiro que ficou no trem teve que carregar a arma “extra” até a devolução na Seção de Armamento da EPCAR, temendo que fosse visto com duas armas ou que houvesse uma verificação na hora da entrega.

Boa parte do trajeto de volta foi feito à noite, com os vagões totalmente às escuras. Quando chegamos em Barbacena, desembarcamos e novamente caminhamos até a Escola. Devolvemos o armamento e seguimos para o alojamento. Era dia 8 de setembro, sexta-feira, e estávamos liberados para curtir o fim de semana. Finalmente, chegamos ao final dessa passagem histórica, entre outras que marcaram a nossa passagem pela EPCAR.



Na semana seguinte ainda seríamos lembrados de nossa participação. Recebemos um diploma e foi publicado no Boletim Interno o radiograma do Maj. Brig. Délio Jardim de Mattos, Comandante da 4ª Zona Aérea, ao Comandante da EPCAR, com a seguinte referência elogiosa: “AINDA SOB MAGNÍFICA IMPRESSÃO GARBO, DISCIPLINA EPCAR NA GRANDE PARADA SESQUICENTENÁRIO, CUMPRIMENTO CORDIALMENTE COMANDANTE ESCOLA E CADA COMPONENTE REPRESENTAÇÃO. SACRIFÍCIO DESLOCAMENTO E PRECARIIDADE DE INSTALAÇÕES POSSÍVEIS SUPERADAS COMPREENSÃO TODOS TANTO CONTRIBUÍRAM IMPONÊNCIA DIGNA NOSSA AERONÁUTICA. FOTOS TIRADAS UMA DAS QUAIS PUBLICADA PRIMEIRA PÁGINA JORNAIS SÃO PAULO ATESTAM RAZÃO NOSSO ENTUSIASMO. DESFILE IMPECÁVEL EPCAR FOI CONTRIBUIÇÃO INESTIMÁVEL CONCEITO PÚBLICO AERONÁUTICA E CONTENTOU NOSSO INTERESSE ESPECIAL SUA VINDA. RECEBA E TRANSMITA OFICIAIS, ALUNOS E AUXILIARES NOSSO APLAUSO E FELICITAÇÕES”.

UM GRITO ISOLADO NA AVENIDA PAULISTA

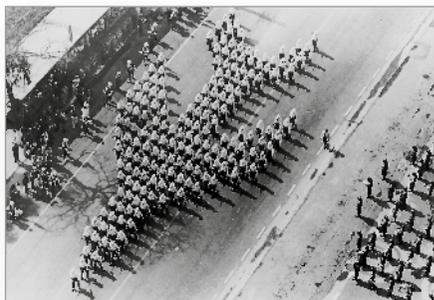
Borges, Dias

Na véspera do embarque do efetivo da EPCAR para o desfile militar do Sesquicentenário da Independência, um dos alunos da Turma 71, que fazia parte do pelotão em formato de Xavante, baixou enfermaria com uma febre alta e foi avisado de que não seguiria com o restante do pessoal para São Paulo.

Eram três pelotões: dois armados com o fuzil HK-33, formavam aviões (Mirage e Xavante) e o outro armado com o mosquetão, muito mais pesado e incômodo de manusear, na formação tradicional, chamado de “tijolão” ou “tapete voador”. A distribuição dos alunos seguia mais o critério de altura do que de antiguidade. Assim, o pessoal da nossa turma estava dividido nos pelotões.

Foi então que um companheiro de turma “safo”, que estava escalado no “tijolão”, foi até o aluno hospitalizado e acertou de substituí-lo no desfile, trocando o “tijolão” pelo “avião” e, principalmente, o mosquetão pelo fuzil mais leve. Apesar da dificuldade em encontrar o HK-33 no armário do amigo hospitalizado (com a proximidade da viagem, cada um era responsável pela guarda de seu próprio equipamento, inclusive a arma do desfile), de tanta tralha que tinha lá dentro, a troca foi efetuada sem problemas.

O aluno que estava hospitalizado teve alta no mesmo dia do embarque para São Paulo, mas foi dispensado para assistir ao desfile pela TV, em casa, e assim o fez, procurando nas imagens seu substituto.



Durante o desfile militar na Av. Paulista, um pouco antes de cada um dos três pelotões principais da EPCAR passar em frente ao palanque das autoridades, na altura do MASP, atendendo ao comando da corneta, os

componentes do pelotão apresentavam armas, gritavam em uníssono um “grito de guerra” e olhavam à direita, até que, depois de passar em frente às autoridades, obedecendo a outro toque de corneta, desfaziam o movimento.

O comando da corneta era o mesmo para cada movimento. Para diferenciar se o toque era dirigido ao pelotão do Mirage, “tijolão” ou Xavante, o som era precedido de um, dois ou três toques curtos, respectivamente. Todos haviam treinado exaustiva e repetidamente para aquele evento. Portanto, estavam condicionados à indicação de toques curtos antes do comando de corneta propriamente dito.

E aí, o aluno “doente”, sentado no sofá da sua casa, assistia atentamente ao desfile, procurando ver o desempenho do seu substituto, quando foi surpreendido pelo grito isolado de um componente do terceiro pelotão (Xavante) que, ao mesmo tempo, sozinho, voltava o olhar firmemente à direita, enquanto os demais componentes do pelotão em forma de Xavante procuravam entender o que havia ocorrido e porque aquele companheiro tinha atendido ao comando que era dirigido ao pelotão da frente: o “tijolão”. Adivinhem quem era!

Provavelmente o fato passou despercebido da assistência geral, mas não daqueles que treinaram exaustivamente para aquele desfile, os quais olharam de soslaio para o aluno substituto, enquanto ele, sorrateiramente, voltava o olhar para a frente e aguardava o momento certo de obedecer “de novo” ao toque de corneta.

O substituto havia treinado todo o tempo no “tijolão” e acabou condicionado a obedecer aos comandos precedidos de dois toques curtos. Assim, quando a corneta deu os dois toques curtos e comandou “olhar à direita” destinado ao “tijolão”, ele, marchando no pelotão em forma de Xavante, que vinha logo atrás, ao qual correspondia os comandos precedidos de três toques curtos, executou os movimentos e gritou, a plenos pulmões, sozinho e fora de hora: “É-PÊ-CAR”.

O preço por desfilar com o HK, muito mais confortável e leve que o mosquetão, foi ter de aturar a zoação dos companheiros na viagem de volta e no reencontro do companheiro que fora substituído.

“CANIVETE”

Graça, Marinho, Oscar

Um “camofó”, louco para arrumar confusão no Baile do Andaraí Esporte Clube, resolveu se engraçar com a namorada de um aluno nova-iguauano arretado da nossa turma. E este, sem querer entrar em detalhes, foi logo acertando o tal de Cauby, que ficou com a cara mais amarrotada que recém-nascido.

Acontece que o tal de Cauby era chefe da turma de “vapozeiros” de Barbacena (não é que naquela época já tinha disso?!) e jurou para o nova-iguauano que aquilo não iria ficar assim.

Após o quiproquó e terminada a troca de gentilezas, o nova-iguauano continuou com sua namorada no baile, até que chegou a hora de deixá-la em casa. No baile, ninguém sabia do paradeiro do tal de Cauby ou da sua turminha e imaginava-se que ele tinha seguido seu destino em paz. Ledo engano! Cauby e sua “gangue” tinham se retirado na surdina e aguardavam, de tocaia, próximo à porta da casa da namorada de nosso amigo que lá chegava a pé.

Não tinha como não passar por eles e o nova-iguauano prosseguiu com a namorada até deixá-la em casa, não sem antes escutar alguém da “gangue” dizer que estava a fim de dar uma surra em um aluno, e sugerindo que comesçassem por “aquele”, em tom de clara provocação.

Após a namorada entrar em casa, para evitar confusão e preservar-se, o nova-iguauano embarcou rapidamente em um taxi que passava, mas o motorista não foi tão rápido e o carro acabou cercado.

Não houve argumento que convencesse o motorista do veículo a se mandar dali correndo. Mineiro, barbacenense, conhecido na cidade e se borrando todo com a patota que começava a socar seu ganha-pão, o motorista nem se mexeu.

Sem outra alternativa, cercado pelos “camofos” que faziam uma espécie de corredor polonês à porta do veículo para que ele saltasse, o nova-iguauano procurou no bolso alguma coisa que pudesse oferecer aos rapazes em troca da sua liberação. Acabou por achar um pequeno artefato que utilizava apenas para descascar laranjas: um canivete.

Concentrou-se, respirou fundo, abriu a porta do táxi e saltou para mostrar o pequeno artefato aos rapazes que o aguardavam. Infelizmente tropeçou

quando ia saltando do carro e esbarrou no primeiro, fazendo um profundo e extenso corte no cidadão. Ao se virar para pedir desculpas, acidentalmente atravessou a barriga do segundo que ficou sentado na calçada com as mãos ocupadas a tentar conter o sangue que vertia do corte.



Bem, com os outros ele não conseguiu falar mais detidamente para se desculpar pelo “incidente”, pois eles se retiraram rapidamente ao se lembrarem de um outro compromisso importantíssimo para o qual já estavam atrasados. Foi um belo estrago na turma de cinco ou seis “galaláus”.

Depois do ocorrido, o nova-iguaçuano seguiu correndo para a EPCAR e passou o fim de semana preso na Casa da Guarda. Na segunda-feira assistiu às aulas normalmente, como se nada tivesse ocorrido.

As queixas chegaram à EPCAR e, por ordem do Comandante da Escola, foi instaurado um inquérito policial-militar para apurar os fatos, mesmo porque um dos feridos corria risco de vida no hospital.

O inquérito concluiu pela inocência do nova-iguaçuano, que teria praticado o ato em legítima defesa, conforme argumento apresentado por seu defensor, o Tenente Batista. Pesou a seu favor o fato de seus agressores e denunciantes serem mais de quatro, apesar de um estar com o braço quebrado, outro com mais de 100 pontos no peito e outro com o fígado perfurado. Além disso, a arma de defesa apresentada no inquérito foi um inocente chaveiro com um pequeno canivete de cerca de três centímetros.

Inocentado, restou ao nova-iguaçuano a alcunha de Canivete!

SEMANA DA ASA

16 a 23 de outubro de 1972

Oscar

A Semana da Asa de 1972, assim como as realizadas em anos anteriores, reuniu diversas atividades.

A cerimônia de abertura foi no dia 16 de outubro, na Praça Santos Dumont, com a presença do prefeito de Barbacena e do comandante da EPCAR, que se fez acompanhar de um pequeno contingente de graduados e alunos. Na ocasião, discursou o professor Fernando Victor.

Ainda pela manhã, foi realizada uma missa campal de ação de graças no Pátio das Paineiras, com a presença de todo o efetivo da EPCAR e, à noite, assistimos a uma apresentação do Coral Brigadeiro Fontenelle (chamado jocosamente pelos alunos de “Floral”) e do Coral Magalhães Pinto, no cinema.



Durante a semana tivemos, ainda, a conferência do Sr. Oswaldo Henrique Castello Branco sobre a vida e a obra de Alberto Santos Dumont; no dia 18, a solenidade militar celebrando o Dia do Aviador; no dia 20, uma solenidade em homenagem ao Pai da Aviação na Fazenda Cabangu; na manhã do dia 23, tivemos a presença do governador do estado de Minas Gerais, e o tradicionalíssimo Baile do Aviador na noite do mesmo dia 23; dentre outros eventos esportivos, acadêmicos, religiosos e sociais.

VIII NAE

Outubro de 1972

Oscar

Em 1972, a NAE foi realizada na EsPCEEx, em Campinas (SP), e o pessoal que não seguiu com a delegação para aquela cidade, torceu e acompanhou as “notícias” divulgadas para o Corpo de Alunos.

Conforme os dias passavam ficava mais claro que o troféu da VIII NAE seria disputado pela EPCAR e a EsPCEEx, o CN não teria chance.

Assim, chegamos ao dia 18 de outubro com quase todas as modalidades esportivas encerradas, restava apenas o Atletismo. A situação da soma geral de pontos neste último dia de competição só deixava à EPCAR a opção de vencer ou vencer no Atletismo, isto porque, se a EsPCEEx lograsse o primeiro lugar nessa última modalidade em disputa e a EPCAR ficasse em segundo, haveria um empate entre as duas Escolas na soma geral dos pontos e, neste caso, as normas reguladoras da competição estabeleciam que a escola campeã da VIII NAE seria a que tivesse vencido o Atletismo.

Na última reunião dos técnicos, instrutores e monitores com os atletas, antes do início das provas de Atletismo, foram transmitidas palavras de incentivo e motivação, e ficou claro que a Escola dependia de um bom desempenho para garantir a conquista da VIII NAE.

Unidos pela vitória, os atletas foram para a disputa comprometidos em dar tudo de si. Quem não estava competindo torcia animadamente e vibrava com cada conquista.

Ao final, os pontos relativos à vitória nos 100 e 200m rasos, no 4x100m e no lançamento de peso somaram-se a outros tantos obtidos com segundos e terceiros lugares nas demais provas, tudo culminando com a vitória da EPCAR no Atletismo e, em consequência, da VIII NAE!

O chefe da delegação da EPCAR em Campinas apressou-se em transmitir as boas novas para o pessoal que ficara em Barbacena. Começamos a celebrar a conquista, mas nossa alegria não demorou muito. Logo todos foram informados que estava havendo uma reunião a portas fechadas para julgar um recurso apresentado pela EsPCEEx.

Para quem esteve presente na VII NAE, realizada na EPCAR, no ano anterior, veio a lembrança do jogo final de basquete entre a EPCAR e a

EsPCEEx, decisivo para o resultado final da VII NAE, no qual a nossa sensação era de que o árbitro só havia encerrado o jogo depois que a EsPCEEx passou à frente no placar, o que acabou dando o título da VII NAE para aquela Escola.

Bem, a reunião foi encerrada e logo ficamos sabendo do resultado: um de nossos melhores atletas, o Ubirajara do terceiro ano (Turma 70), fora desclassificado e seus resultados anulados. Sem os pontos obtidos por ele, a EPCAR foi ultrapassada pela EsPCEEx, que foi declarada vencedora do Atletismo e, em consequência, da VIII NAE.

A EsPCEEx em seu recurso resgatou uma regra perdida no meio de tantas, que limitava a participação de cada atleta a três provas no Atletismo. No entanto, segundo consta, ao invés de desclassificarem o Ubirajara na prova ou provas além de três que ele havia participado, anularam a pontuação que ele obteve em todas as provas que competiu, por insistência da EsPCEEx.

Um misto de tristeza e revolta invadiu as mentes e os corações da delegação da EPCAR, e isso acabou refletindo na deprimente cerimônia de encerramento, quando os atletas da EPCAR colocaram as medalhas recebidas no bolso, o Ten. Valeiko entregou sua medalha a um engraxate na frente de todos que assistiam à cerimônia, e a Banda da EsPCEEx executou a Canção da EPCAR só até a metade, mas a delegação da Escola continuou cantando até o final, causando embaraço aos anfitriões.

Ganhar, não ganhamos, mas tivemos nossos destaques individuais e coletivos. Perdemos a VIII NAE, mas nossa consciência tranquila ficará para sempre marcada pela “vitória”, de acordo com o comportamento esportivo mais nobre e digno.



JAPONÊS BOM DE CAMA

Oscar

O “camarada” era muito bom de cama! Bastava se deitar, que logo pegava no sono profundo e para acordar era muito difícil, não importava o barulho que fizéssemos! Que o diga aqueles que tiveram de acordá-lo na madrugada para que ele assumisse seu turno no serviço de plantão no alojamento. Não tinha jeito fácil de despertá-lo e esse esforço, geralmente, incomodava muito o pessoal das camas ao redor antes mesmo de ele despertar.

Não tinha ascendência oriental, mas seus olhos nunca abriam por completo, ficavam sempre meio fechados e “puxadinhos”, provavelmente em razão da sua tendência ao sono profundo.

Seus “vizinhos” de cama se incomodavam tanto, que um dia resolveram colocar à prova sua capacidade de se “desligar” de tudo enquanto estava dormindo.

Cursávamos o segundo ano e, nessa ocasião, as camas eram individuais, em lugar dos beliches que dividíramos no primeiro ano, o que propiciava a oportunidade de “testar” quão profundo era o sono daquele companheiro.

Por uma coincidência cruel, a escala de serviço reuniu em dois horários seguidos, na mesma noite, um grupo de companheiros dispostos a levar adiante o tal “teste”, e assim foi feito. No meio da madrugada fria, enquanto todos dormiam tranquilamente debaixo de suas mantas, os três companheiros que encerravam seus turnos acordaram os três que iriam rendê-los e, juntos, levantaram a cama do dorminhoco, cruzaram o alojamento até a porta e seguiram transportando a cama pelo Pátio do Rancho até a escadaria que levava ao Pátio da Bandeira. Subiram as escadas e repousaram a cama em uma pequena elevação de frente para o prédio dos alojamentos, o mesmo local em que o corneteiro se posicionava para tocar a alvorada diariamente.

Durante todo o trajeto, apesar dos tropeços, das sacudidas e do som de risadas abafadas, o dorminhoco não acordou, apenas se encolheu um pouco mais, em razão da temperatura mais fria.

O companheiro passou o resto da noite dormindo tranquilo, ao relento, iluminado apenas pela luz da lua, até que um atônito corneteiro se arrumou no que pôde e começou a entoar os acordes do toque de alvorada pela manhã.

Imagine a surpresa do companheiro ao acordar naquele lugar e ainda ter de levar a cama para dentro do alojamento antes que algum oficial ou aluno de serviço percebesse o fato inusitado.

Dizem que o corneteiro ajudou a transportar na cama, logo que acabou o acesso de riso a que foi acometido.



NOCAUTE NA PELADA

Oscar

Alguns dizem que o termo “pelada” é originário de “pêla”, palavra derivada do latim vulgar *pillela* (diminutivo de *pila*), que significa bola ou novelo de lã. Outros dizem que o termo se deve à ausência de vegetação no “campo” onde são realizadas as partidas, admitindo a comparação do termo “pelada” com “terra pelada”.

Não importa! Em espaços com piso de terra, asfalto, cimento, paralelepípedo ou grama, basta dividir os times, colocar a bola no centro e lá vamos nós para mais uma pelada!

Na EPCAR, as peladas aconteciam durante a semana, depois das aulas de educação física, atendendo a uma hierarquia de campos: o melhor disponível, o “puta campeão” gramado do Estádio Olímpico, ficava para o terceiro ano. Nós, do segundo ano, ficávamos com o campo de terra da Praça de Esportes, que ficava logo depois do Estádio, e o primeiro ano... bem, o primeiro ano se virava com o que fosse possível.

Sem dúvida, o desejo dos peladeiros mais modernos era jogar no campo gramado do Estádio, mas isso só era possível quando o terceiro ano não estava presente.

Foi na tarde de um sábado, quase no fim do ano, que alguém quicou a bola no nosso alojamento e os peladeiros começaram a sair de seus cantos e a pular de suas camas como pipoca a estourar na panela. Era uma “sagrada” oportunidade de jogar uma pelada no “puta campeão”, mas com muita gente viajando ou curtindo a tarde na cidade, o número de peladeiros da Turma 71 era insuficiente para completar dois times. Então, resolvemos apelar para o pessoal do primeiro ano.

Usando o mesmo artifício da bola quicando, entramos no alojamento do primeiro ano e anunciamos que tinha vaga para quem quisesse participar da pelada. Nem precisamos repetir! E lá fomos todos rumo ao Estádio.

Divididos os dois times, alguns peladeiros do primeiro ano ficaram de fora, aguardando a sua vez de entrar no lugar de alguém que saísse de campo por algum motivo.

A pelada rolava solta, com gol para lá e para cá, quando lançaram uma bola alta para o centroavante adversário, um cara muito ágil do primeiro ano, e eu saí do gol para interceptar a bola.

Alcansei a bola no alto com as mãos enquanto o centroavante, na disputa, atingiu meu queixo com a cabeça: nocautelll!

Caí completamente apagado no chão, com dois cortes sangrando na boca, um em cada bochecha, e o pessoal do meu time gritou logo: “Para tudo! Falta no goleiro!”. Colocaram a bola no chão e já iam recomeçar o jogo quando repararam que eu não me mexia e que corria um líquido vermelho da minha boca.

O atendimento foi feito ali mesmo pelos companheiros que estavam mais perto: umas sacudidas para acordar e a camiseta na boca para estancar o sangramento, mas eu ainda estava meio zozno.

O pessoal, com “fome” para continuar a pelada, não teve dúvida: fui arrastado para trás do gol e fiquei por lá, enquanto colocavam um aluno do primeiro ano, que estava assistindo ao jogo, no meu lugar. “Cobra a falta e continua a pelada!”.

E assim foi, eles continuaram a pelada e eu... bem, eu não lembro! Quando me recuperei da pancada no queixo, “acordei” sozinho atrás do gol, olhei para o pessoal jogando e não entendi nada. Não sabia o que era aquilo, o que estava fazendo ali, quem eu era e quem eram aquelas pessoas que corriam aleatoriamente na minha frente. Contam que, quando perceberam, eu estava cruzando o campo com o andar meio inseguro e o olhar perdido no infinito. Como estava seguindo na direção de regresso para o Corpo de Alunos, ninguém se importou, achando que eu havia desistido de voltar a campo e seguia para o alojamento.

Na verdade, eu não sabia para onde estava indo, apenas me levantara e segui em frente, sem ainda entender ou me lembrar de qualquer coisa. Cruzei o campo e segui pela estrada, passei pelo ginásio, o cinema, o Pavitec e os alojamentos e entrei, no mesmo estado de letargia, no Pátio da Bandeira, em direção ao Corpo da Guarda, quando um enfermeiro que estava na frente do Posto Médico me avistou e desconfiou do estado daquele aluno com o rosto e o peito ensanguentados andando meio “sem destino”.

O enfermeiro me chamou e não respondi, daí ele correu na minha direção e, só de observar o olhar distante e o sangue no corpo e na camiseta branca, entendeu que tinha alguma coisa errada comigo. Disse-me ele, depois, que bastou me segurar pelos braços e me virar para o Posto Médico que eu continuei andando até lá, onde o médico de dia me atendeu e fui recuperando a memória aos poucos.

Ao fim do atendimento médico, segui para o alojamento. O pessoal estava de volta da pelada e me perguntaram o que havia acontecido. Quando contei, acharam que era brincadeira e esqueceram, mas eu tenho duas cicatrizes na boca que não me deixam esquecer.

MAIS DO QUE LAVADEIRAS

Oscar

Em 1971, a EPCAR dispunha de uma recém-reformada lavanderia, que era capaz de atender às necessidades da Escola e de seus alunos, mas o serviço prestado era muito frio e impessoal, típico de um grande estabelecimento. Lavava e passava igualmente a roupa de todos que se utilizavam dos serviços daquela instalação industrial. Mas para boa parte dos alunos, os uniformes careciam de uma atenção diferenciada, que só era proporcionada pelas lavadeiras.

Aquelas senhoras são parte da rotina da Escola desde 1949, com a chegada dos primeiros alunos. No início eram apenas algumas mulheres que vislumbraram uma nova fonte de renda com a chegada da EPCAR à cidade. Mas, com o passar do tempo e o incremento no número de alunos que precisavam dos seus serviços, outras foram se juntando ao grupo inicial até formar uma “esquadrilha” de lavadeiras que se postavam na Rua Santos Dumont, ao lado de um portão que existia no Pátio da Bandeira, um dia por semana, à espera dos alunos.

Por volta de 1963, com a entrada em funcionamento da lavanderia da Escola, o Comandante resolveu acabar com aquele “tumulto” semanal que reunia alunos de um lado e lavadeiras do outro e mandou fechar o “portão das lavadeiras”, determinando que todos os alunos deveriam passar a usar a lavanderia.

Não sei bem quando, mas o fato é que, tempos depois, as lavadeiras voltaram a atender os alunos. Como não havia mais o “portão das lavadeiras”, elas passaram a estender suas trouxas de roupa na parte central e lateral da via que ficava logo depois de passar pelo Portão da Guarda da EPCAR e antes da primeira esquina que levava ao Pátio da Bandeira.

Uma diversidade de senhoras lavadeiras com suas trouxas povoava aquela área da EPCAR ao entardecer uma vez por semana. Cada aluno tinha a sua preferência tanto pela lavadeira, geralmente recomendada por um companheiro mais antigo, quanto pela forma com que sua roupa deveria ser lavada e passada. E elas atendiam, pacientemente, a todos.

Uns gostavam das camisas e calças com o vinco bem pronunciado, outros não queriam nem saber de goma na roupa. Uns pagavam por mês, outros por peças. O certo é que aquelas pessoas simples e trabalhadoras,

que tiravam o sustento de suas famílias do trato das roupas dos alunos, cuidavam com todo zelo daqueles uniformes, trajes civis e roupas de cama, atendendo a todos os pedidos específicos de cada um, sem deixar de cuidar, também, dos próprios alunos que traziam suas trouxas de roupa suja e levavam as roupas limpas, passadas e cheirosas.

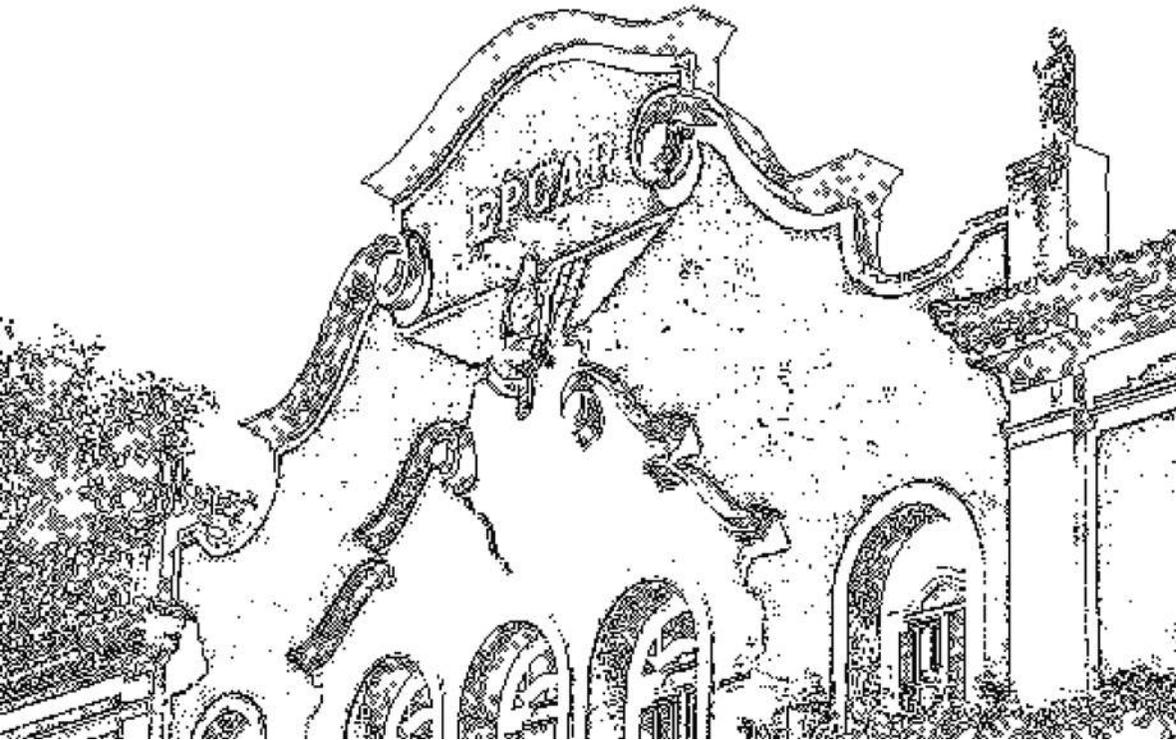
As lavadeiras, mesmo as mais jovens, exerciam um certo efeito confortador sobre os alunos que utilizavam seus serviços. Talvez fossem a coisa mais próxima do cuidado materno para aqueles que viviam um isolamento familiar em função da distância de seus lares. Isso porque, além de lavar, passar e costurar as roupas, ainda se dedicavam a conversar e até, em alguns casos, aconselhar os jovens alunos. Mais do que a prestação de serviço, era a atenção que dedicavam, mesmo sem perceberem, a ponto de ficarmos um pouco decepcionados quando, por algum motivo, eram substituídas naquele dia específico da semana por parentes ou filhas.

Costumamos sempre nos lembrar dos comandantes, professores, instrutores e monitores que povoaram nosso convívio ao longo de três anos na EPCAR, mas nos esquecemos das pessoas simples que também foram parte importante dessa nossa passagem: faxineiros, cozinheiros, jardineiros, servidores em geral e, com certeza, as lavadeiras.

Falando das lavadeiras, deixamos nossa homenagem e reconhecimento a essas pessoas especiais na nossa jornada na EPCAR.

1973

Os Estados Unidos da América se retiravam do Vietnã; as rádios do Brasil tocavam: *Gostava tanto de Você* (de Tim Maia), *Ouro de Tolo* (de Raul Seixas), *Retalhos de Cetim* (de Benito Di Paula), *Uma Vida só ou Pare de Tomar a Pílula* (de Odair José) e *Esse Cara* (de Maria Bethânia); e nos cinemas estreavam: *Golpe de Mestre*, *Amarcord*, *Cenas de um Casamento*, *O Exorcista* e *Papillon*.



23º TROFÉU LIMA MENDES

10 a 19 de maio de 1973

Oscar, Schneider

Tradicionalmente os alunos do terceiro ano, mesmo que não ganhem todas as modalidades esportivas, sempre conquistam o Troféu Lima Mendes na contagem geral dos pontos.

Assim, depois de termos conquistado o segundo lugar, a poucos pontos do primeiro no ano anterior, tínhamos certeza de que, em 1973, chegara a nossa vez.



Infelizmente, o esperado destino vitorioso, por uma série de fatores adversos e tropeços esportivos, não nos sorriu naquele ano.

Assim, em 1973, os alunos do segundo ano – Turma 72 – conseguiram vencer a competição, quebrando um tabu de mais de vinte anos.

Não obstante, a nossa Turma 71 deixou alguns recordes individuais registrados na história esportiva da EPCAR, mas nunca conquistou o Troféu Lima Mendes.



Além dos recordes, deixamos também a “vitória” mais pitoresca que se tem notícia na história da Lima Mendes. O fato ocorreu em pleno Estádio Olímpico, na prova de 3 mil metros.

Um dos representantes da nossa turma na prova não tinha desempenho para competir, mas resolveu completar o time e largou junto com o pelotão de atletas.

Ele era tão ruim, que tomou uma volta dos demais competidores e, quando ia tomar a segunda, o pelotão entrou na reta de chegada com ele “liderando” a prova com uma volta a menos.

Naquela época não havia contagem eletrônica das voltas e o encarregado do controle se enrolou. Resultado: ele acabou cruzando a linha de chegada em “primeiro lugar”, caiu com a bunda no chão como “geleia”, mas acabou levando a medalha de ouro na prova, para a surpresa de todos!

EM UMA FORMATURA QUALQUER

Oscar

Durante os três anos que passamos na EPCAR, de segunda a sexta-feira, havia uma formatura geral no Pátio da Bandeira, logo após a última aula do turno da manhã e antes do almoço. Nessa formatura, dentre as atividades rotineiras, que incluíam a passagem de serviço, o hasteamento da bandeira, a divulgação de avisos e o desfile militar, não era raro ocorrer uma revista de uniforme.



Os oficiais faziam a inspeção fileira por fileira, aluno por aluno, às vezes acompanhados de alguém que anotava as alterações observadas sobre cada aluno, de modo que a correção pudesse ser cobrada mais tarde, outras vezes sozinhos, apenas advertindo diretamente cada aluno sobre as discrepâncias encontradas.

Em pé sob o sol do meio-dia, umas cinco horas depois do café da manhã e próximo ao almoço, acabamos nos acostumando a ver um ou dois alunos “apagarem” em forma de vez em quando. O aluno fraquejava, ia perdendo as forças e os colegas de cada lado na formatura o sustentavam até que chegassem os enfermeiros que ficavam a postos, para levá-lo até a enfermaria. Um desses “apagões”, no entanto, ficou marcado na memória. Dessa vez, o aluno, em vez de ir “desmontando” sobre as pernas, a tempo de ser sustentado pelos colegas ao lado, simplesmente caiu para a frente, com o corpo reto como uma tábua, sem tempo para que alguém o sustentasse e sem qualquer coisa para amortecer a queda, só parando quando seu nariz encontrou o chão de cimento. Essa foi, realmente, uma queda espetacular!

Mas, voltando à revista de uniforme, na verdade, não era só a condição do uniforme que era verificada nessas ocasiões, a barba e, principalmente,

o cabelo cortado, também eram pontos focais da inspeção. Quanto à barba, o que parecia ser uma chamada de atenção, muitas vezes era interpretado como estímulo e satisfação. Imagine um jovem de 15 ou 16 anos, ansioso para tornar-se adulto, escutar a advertência “Tá barbado!”, quando na verdade só tinha um ou dois pelos no queixo. Era um êxtase!



Numa dessas formaturas, o Major Silveira, Comandante do Corpo de Alunos, ia passando pelos alunos e apontando as deficiências observadas: “Falta brilho na fivela! (do cinto)”, “O bibico tá sujo!”, “Corta o cabelo!”. E todos ouviam em silêncio, até que ele passou por um companheiro e disse: “Engraxa esse borzeguim!”. Ele já ia passando para o próximo aluno

quando ouviu o companheiro retrucar: “Não pega mais brilho, não!”. O Major interrompeu a caminhada, deu um passo para trás, parou em frente ao companheiro que tinha respondido, o encarou e perguntou: “Como é que é, alhuuno?”. O companheiro adotou uma posição de sentido exemplar e, mantendo a seriedade no rosto, respondeu: “Esse borzeguim não pega mais brilho do que isso, não, senhor!”, ao que o Major respondeu: “Passa na minha sala depois do almoço. Leva graxa, escova e flanela. Vamos ver se pega ou não pega mais brilho!”.

No almoço que se seguiu à formatura todos procuravam “orientar” o aluno dizendo que, se aquele borzeguim brilhasse mais na sala do Comandante, ele estava ferrado. Entretanto, ele não se fez de rogado, almoçou rapidamente, passou no alojamento e, munido das “ferramentas” indicadas, rumou para a sala do Comandante.

Chegando lá, bateu na porta, pediu licença e entrou com as “ferramentas” em punho. O Major mandou que se sentasse e foi logo dando as instruções para o brilho certo: (1) passe a escova para tirar o pó; (2) espalhe a graxa; (3) comece a lustrar com a escova; (4) dê o brilho final com a flanela. O companheiro cumpriu todas as instruções com empenho, mas o borzeguim continuava sem brilho. O Major mandou que o companheiro repetisse o processo, mas o borzeguim, estranhamente, não pegou mais brilho. Sem entender por que o calçado não pegava brilho, o Major resolveu assumir a tarefa e pediu que o companheiro lhe passasse o borzeguim.

Aí pegou! O companheiro arregalou os olhos e meio hesitante entregou o borzeguim ao Major, que, ao segurá-lo, entendeu o que estava ocorrendo. Com medo de que o borzeguim pegasse mais brilho na sala do Major, o aluno trapaceou: ao passar no alojamento para buscar as “ferramentas” aproveitou para encharcar o borzeguim de modo que ele não pegasse mais brilho de jeito nenhum!

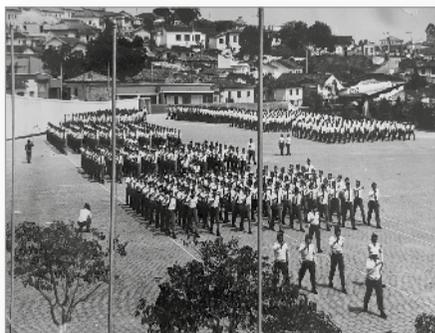
Assustado por ter seu artifício descoberto, o companheiro aguardou o tamanho da punição, mas acabou dispensado e seguiu só com um “puxão de orelhas”.

No fim, o “fato” virou história, assim como muitos outros acontecimentos durante todas as formaturas diárias e também aquelas realizadas em datas festivas com a tropa trajando uniformes especiais.

Com a tropa em movimento então... quantas histórias... alunos que ficavam trocando de posição enquanto marchavam, outros que faziam o

companheiro do lado ou da frente tropeçar. E tinha aquele companheiro que levou muito tempo para aprender a marchar com passo certo e movimento de braço coordenado, mas nunca conseguiu mover o corpo no mesmo ritmo dos demais. Assim, enquanto a tropa marchava, principalmente quando estávamos com o capacete branco, quem estava de fora via todas as cabeças baixarem em um movimento uniforme e simultâneo, enquanto só um capacete branco subia e vice-versa. Dizem que ele era de outro planeta, Marte talvez!

Estas são apenas algumas das histórias sobre formaturas contadas ao longo do tempo, aquelas que eu lembro, mas teve muito mais.



O INESQUECÍVEL FESTIVAL DE 1973

14 a 16 de junho de 1973

Cunha, Oscar, Pires, Ramalho (72-131)

A Turma de 71 realizou o grande festival de música da EPCAR – eles falam com orgulho do evento, e com razão. Foi uma festa inesquecível. Este humilde Ramalho (72-131) que vos fala foi o quinto colocado no Festival, com a música Angélica. Apesar de ser 72, fui acompanhado por uma banda totalmente integrada pelo pessoal de 71: Porciúncula na guitarra, Renhe na base, Vianna na bateria e Galuzzo no baixo.

Cantar com quatro veteranos “dando lance” atrás de mim e chegar em quinto lugar não foi uma tarefa das mais fáceis, mas a turma de 71 era bastante sociável, em contraste com a terrível turma de 70.

Quanto ao Festival, não tenho palavras para expressar. Foi realmente uma das fases mais alegres da história da EPCAR. Um evento moderno, totalmente aberto à participação civil, sem frescuras, sem babaquices. Uma festa civilizada em pleno regime militar.

Nunca me diverti tanto na vida. Isso tudo foi possível por dois motivos: o primeiro, e aqui rendo minha homenagem, pela simpatia natural da turma de 71, cujo único defeito era não gostar muito de 72; e o outro motivo foi a visão do Comandante da EPCAR, o militar mais culto que já conheci na vida: Brigadeiro Oswaldo Terra de Faria.



Os ensaios foram cheios de peripécias dignas de lembrança. Tinha um maluco na turma de 71, um tal de Capella, que era encarregado da cenografia

ao mesmo tempo em que chefiava a equipe de eletricitas. Passava o tempo todo correndo como um doido, carregando fios, ferramentas e o escambau.

O Capella também desenhou a logomarca do Festival, que foi usada no material de divulgação. Tinha também um diabo de um cachorro pequinês que não ia com a cara dele de jeito nenhum. O cãozinho disparava a latir como um alucinado quando avistava o nosso amigo, perturbando e irritando todo mundo em volta, mas ninguém tinha coragem de dizer nada. E o que fazia aquele monstrinho pulgento no palco?

O “animalzinho” pertencia à mãe da artista convidada: ninguém menos que Eliana Pittman, cuja progenitora a acompanhava aonde quer que fosse. A mãe dela, a tal de dona Ofélia, muito cinicamente, fingia não ver o “rebu” que o mascote dela fazia no palco, atrapalhando o trabalho dos outros.

O fato é que alguém mais enfezado, talvez o próprio Capella, encostou um fio desencapado na bunda do bicho e a confusão que se seguiu foi digna de registro. A velha botava fogo pelas ventas e ameaçava processar o Ministério da Aeronáutica e o diabo a quatro, enquanto tentava consolar o raio da miniatura de cachorro. Deu trabalho para acalmar a dona Ofélia e o cachorro, que se chamava Zé Roberto!

Encerrados os preparativos era hora do Festival! A comissão de seleção das músicas foi liderada pelo Beato, Diretor de Relações Públicas da SAEPCAR, e a recepção aos convidados coube às professoras da Escola.

O Festival era aberto à participação de civis, de modo que tivemos a oportunidade de conhecer jovens artistas de diversas cidades mineiras. Foi o caso de um tal de Junqueira que apareceu por lá. Baixinho, pinta de índio americano, violão e mochila. Foi baixar em Barbacena e logo de cara entrar em entendimento com uma jovem aspirante a cantora de Sete Lagoas, igualmente inscrita no Festival. Conheceram-se e não pararam mais de se beijar. A gente só via o casal atracado nos cantos: beija, beija, abraça, beija... Alguém chegou a comentar que ninguém via o tal cantor ensaiando, aliás, nem a menina. O negócio era “amasso” o tempo todo e o violão sempre jogado em um canto.

Quanto à namoradina dele, não me lembro o que aconteceu, nem se cantava sozinha ou com algum grupo. Só sei dizer que a apresentação do Junqueira foi para ficar na história. Quando chegou sua vez de entrar, o cara pisou no palco com uma segurança tamanha que fez calar o auditório. Ajeitou o banquinho, seu violão cravejado de enfeites de

prata e os lisos e negros cabelos de Sioux caindo pelos ombros, respirou fundo e dedilhou as cordas do instrumento calmamente, começando a cantar com sua voz de taboca rachada. Ganhou uma vaia tão estrondosa, que o cinema quase veio a baixo! Quando finalmente desistiu de tentar se fazer ouvir, ergueu o violão e fez uma expressão patética de desafio irônico, o que deixou a turba ainda mais enfurecida. Éta tempo bom! A galera vaiava e ria até não poder mais.



Tinha um pessoal da Faculdade de Medicina que apresentou uma música chamada *Samba-Ki*, conquistando o segundo ou o terceiro lugar, não lembro bem. Sei que nos ensaios não dirigiam a palavra a nós, porque éramos militares e eles não queriam se misturar. Afinal, eram todos da oposição, representantes da resistência esquerdista de Barbacena. Resistência constituída por saudáveis descendentes de latifundiários da região, dos mais reacionários e prepotentes do País. Entraram sem falar com a gente e saíram sem se despedir. Tenho “absoluta certeza” de que hoje em dia dedicam suas vidas ao “atendimento gratuito das populações carentes”.





O show de Eliana Pittman abrilhantou o Festival. Além da demonstração ímpar de profissionalismo e versatilidade, ela esbanjou amabilidade e simpatia. A todo momento interagiu com a audiência e, em certo momento, ao pedir que alguém lhe desse um aconchego, deve ter se surpreendido com a agilidade do Petrocchi, que não se furtou, subiu ao palco e atendeu ao pedido da artista. Dizem que ela teve um affaire com um companheiro da Turma 71, mas isso é outra história.

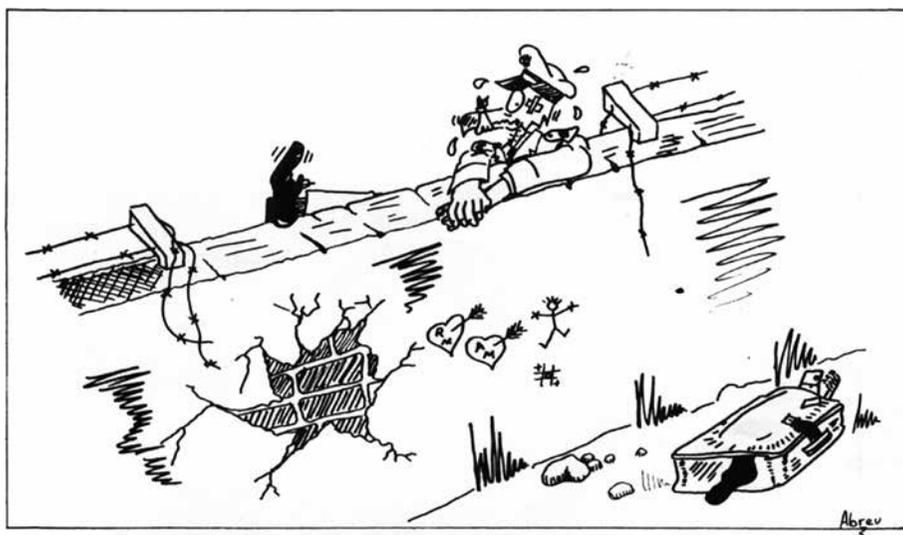
Teve show do guitarrista Porciúncula no intervalo. Porciúncula era o veterano mais simpático da Escola. “Porci” era meio aluno e meio hippie. Extremamente popular, manso e engraçado, tocava guitarra como ninguém. Deu show de solo no intervalo e foi aplaudidíssimo.

Porciúncula tratava a todos de “brother”, o que não vinha a ser muito de acordo com o Regulamento Disciplinar da Aeronáutica, mas no fim acabava sendo respeitado e querido por todos, incluindo superiores e colegas.

Teve também o “show” do Vianna. Convidado para participar de um dueto com um dos membros do júri no intervalo, antes do anúncio do resultado do Festival, “acabou” com a bateria ou, pelo menos, com o prato da bateria: a empolgação do Vianna era tanta, que acabou “sobrando” para o prato, que voou longe enquanto ele tocava com muita energia.

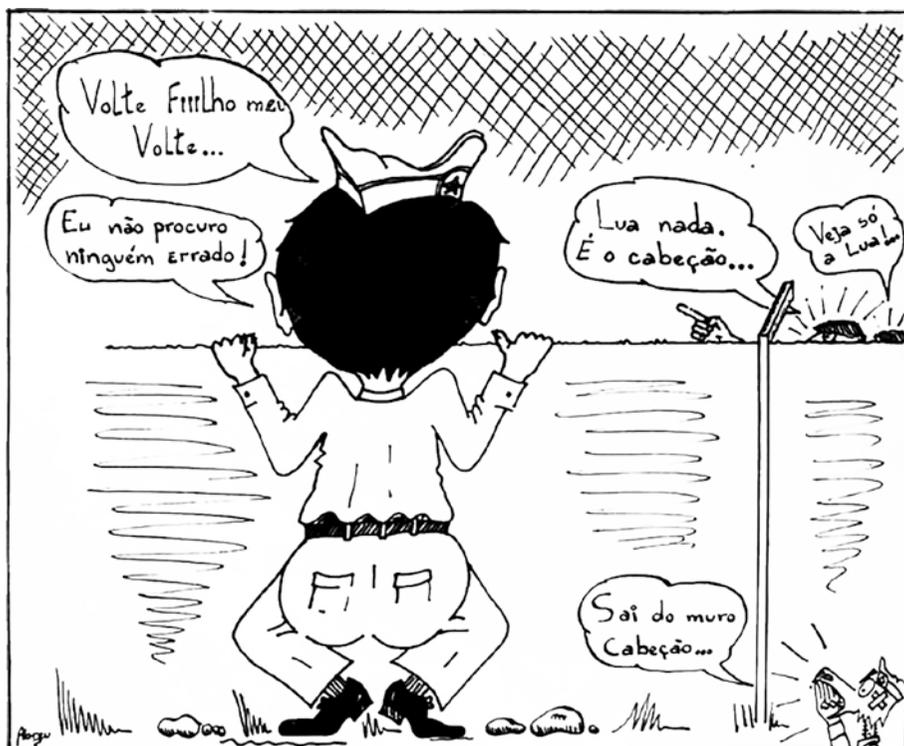
Outro astro da escola era o mulato Jorge da Silva: exímio cantor e ótimo violonista. Da Silva era da turma de 73 e, ainda no primeiro ano, conquistara a simpatia de todos. Sua música O Jangadeiro, em parceria com o Xavier da Turma 72, venceu o Festival e fez o público delirar com o anúncio e acompanhá-lo enquanto cantava o refrão: “Quem é que bate os sinos além da bruma do mar? Jangadeiro, jangadeiro...”

Depois do Festival ficou sobrando um refletor de luz que ninguém sabia a quem pertencia. Andava de mão em mão e nunca aparecia o dono. O troço foi ficando por lá, mas a turma de 71 deu um destino bastante saudável ao tal holofote: certa noite resolveram assustar os colegas que tinham saído de “VI”. A coisa começou por volta das 22:30, quando a galera fugitiva começava a voltar da rua. Quando um infeliz apontava no alto do muro, eles ligavam o refletor em cima do coitado, que ficava cercado por um halo de luz fortíssima, completamente cego e atarantado pela intensidade do foco. Enquanto a vítima dançava no alto do muro com aquela enorme “lua” em sua volta, sem saber se caía para frente ou para trás, uma voz saía das trevas: “Aí, hein, fulano! Setenta e um número tanto! Dando VI! Sim, senhor! Que coisa feia!”.



Alguns dias depois resolveram aprontar para cima do Tenente Fernandes, oficial useiro e vezeiro em aproveitar suas noites de serviço para ficar agachado atrás do muro a surpreender o pessoal pulando de volta.

O holofote entrou em cena outra vez. Naquela noite alguém avistou o Tenente Fernandes agachado e deu um alarme silencioso. Então, sabe-se lá quem deu a ideia de usar o refletor para pregar uma peça no oficial. O recado foi passado de porta em porta no H-8. Tudo sendo preparado no maior silêncio, e o Tenente lá atrás do muro sem desconfiar de que seria alvo de uma grande sacanagem.



Quando tudo estava pronto, apontaram o refletor para cima dele e ligaram a luz. O homem ficou doidinho da silva, protegia os olhos com os braços e tentava entender o que estava se passando. Enquanto isso, um coro de mais ou menos trezentas vozes de todo o H-8, em uníssono, bradou: “SAI DO MURO, CABEÇÃO!”.

Embora não sendo veterano, fui testemunha ocular dessa segunda entrada em cena do refletor. Sei que deu cadeia para muita gente da turma de 71. Quanto ao refletor, ninguém sabe que fim levou.

HAVERÁ CABANGU ESTE ANO?

19 e 20 de julho de 1973

Cunha, Doerl, Oscar, Padilha, Theodoro

A sessenta e seis quilômetros de Barbacena, encravada na Serra da Mantiqueira, fica a Fazenda Cabangu, local de nascimento do Pai da Aviação e Patrono da Aeronáutica Brasileira, Alberto Santos Dumont. Na EPCAR, historicamente, o nome da fazenda era associado ao ápice do treinamento militar, quando oficiais, graduados e alunos, eram divididos em dois grupos com objetivos antagônicos de defender e de tomar a Fazenda. O empenho era tanto, que em uma ocasião o grupo encarregado do ataque ao “inimigo” no topo de um morro ateou fogo no capim seco da escarpa para desalojar os “inimigos”. O resultado foi a fuga desesperada dos sitiados, tendo alguns deles abandonado mochila e fuzil no fogo que tomou conta do morro. Acontecimento como esse talvez tenha determinado a suspensão desse tipo de treinamento – o último foi realizado em 1968.

A pergunta se repetia durante todo primeiro semestre de cada ano: haverá Cabangu esse ano? Não houve em 1969, 1970, 1971 e 1972. Porém, logo no início das aulas de 1973, fomos informados de que naquele ano seria realizada uma Marcha a Cabangu, como parte das comemorações alusivas ao Centenário de Nascimento de Alberto Santos Dumont. Nada parecido com as versões anteriores.

A Marcha, marcada para os dias 19 e 20 de julho, consistiria de percurso a pé entre a Escola e a Estação Ferroviária de Barbacena, de trem entre Barbacena e Santos Dumont e novamente a pé entre a Estação Ferroviária de Santos Dumont e a Fazenda Cabangu. O pernoite em Cabangu seria realizado em barracas para duas pessoas.

No decorrer daquele primeiro semestre, os exercícios físicos se intensificaram e as caminhadas a pé com o 10º uniforme, fuzil, cantil, embornal e mochila com metade dos apetrechos para o acampamento (como a barraca era para duas pessoas, cada um levava metade do material necessário) passaram a ser mais frequentes. Era a necessária preparação para o que nos esperava.

As provas de julho foram antecipadas e iniciamos a fase final da instrução

com vistas à manutenção do armamento e a montagem e desmontagem das barracas. Ao mesmo tempo, preparávamos com afinco o uniforme para a Marcha, pois, além da desgastante caminhada, participaríamos de uma importante solenidade no dia 20 de julho, na Fazenda Cabangu, antes do regresso à Barbacena.

O ápice do treinamento ocorreu em 6 de julho de 1973: uma marcha de oito quilômetros sobre estrada de terra, em condições similares àquelas que enfrentaríamos na Marcha a Cabangu.

Enfim chegou o tão esperado 19 de julho de 1973. A correria começou antes do nascer do sol, até que, devidamente uniformizados para a viagem, ainda na suave escuridão da madrugada, descemos para um café da manhã reforçado no rancho. Após a breve refeição, completamente equipados com fuzil, cantil, embornal e mochila com metade de uma barraca nas costas, entramos em forma no Pátio da Bandeira. Àquela altura todos já haviam formado duplas para dividir as barracas.



Animados nem tanto pela marcha, mas pela certeza das férias que se iniciariam no regresso à EPCAR, começamos a caminhar em forma, até a Estação Ferroviária de Barbacena e lá embarcamos no comboio para Santos Dumont. Partimos sacolejando no balanço do trem, embalados por um ambiente alheio à austeridade da Escola. Explodíamos de alegria e descontração, animando a alma para o que nos esperava à frente, mas logo a curta viagem chegava ao fim.



O alvoroço agora era para desembarcar, recompor o uniforme e o equipamento individual, entrar na formação prevista e iniciar a jornada. Ao toque da corneta, tomamos posição, acompanhados pelos oficiais e graduados, e partimos rumo à Fazenda Cabangu em duas longas fileiras de cada lado, serpentando pela estrada de terra, vermelha e poeirenta.



Como dizem, é no treinamento que se descobre o que pode dar certo ou errado, e que surgem soluções para os problemas. Foi durante os treinamentos que sentimos um desconforto nos ombros causado pelo atrito do fuzil e sua bandoleira, assim como os tirantes da mochila, que chegava a causar bolhas e ferimentos. Uma das soluções encontradas foi colocar uma toalha de rosto dobrada sobre o ombro, por baixo da gandola. No entanto, ficava muito volumoso e não foi aprovada. Então, voltamos à variação da ideia da toalha, que tinha sido usada em outras ocasiões, inclusive no Desfile de 7 de setembro de 1972 em São Paulo: consistia em substituir a toalha pelo absorvente íntimo feminino “Modess”. Isso mesmo, a faixa adesiva do “Modess” facilitava a fixação no ombro ou na parte interna da gandola do 10º uniforme e sua “maciez” era ótima para aliviar o atrito e as dores nos deslocamentos. No entanto, o atrito constante causava o desgaste do absorvente e ele tinha que ser substituído regularmente, além de deixar farelos de algodão na roupa, que tinham de ser eliminados após cada troca. Mesmo assim, foi a melhor solução encontrada e, por isso, muito utilizada pelos alunos, o que deve ter causado uma “crise de abastecimento” de absorventes íntimos em Barbacena.

Outra dificuldade surgiu durante a própria Marcha, qual seja a quantidade de poeira da estrada de terra que entrava pelos narizes e bocas. A solução foi usar um lenço cobrindo parte do rosto, como os cowboys nos filmes de faroeste.



Quanto mais caminhávamos, mais o cansaço e as dores no corpo se acentuavam, e a esperança de que tudo ia acabar logo residia nas “precisas informações” que recebíamos ao longo da estrada, naquele mineirês bem carregado e típico do interior, em resposta aos nossos questionamentos sobre quanto faltava até Cabangu. “É logali dispois da curva” e continuavam surgindo curvas e mais curvas. “É pertin, dispois du murundu” e continuavam a aparecer mais e mais subidas e descidas. Ou “Óia só, logali, um tirin dispingarda” e a tal espingarda devia ser de longuíssimo alcance!



Bem, mas nem todos passaram por isso, o Comandante do Corpo de Alunos, no auge de sua autoridade, fez o percurso sentado em um jipe.



E foi assim, depois de horas a bordo de um trem repleto de histórias e aventuras e uma árdua marcha a pé de vinte quilômetros, com algumas paradas para descanso e alimentação pelo caminho, que chegamos ao nosso destino: a Fazenda Cabangu.

Ali acampamos no dia 19 de julho, à tarde, após cinco horas de caminhada. Nossa presença abrilhantaria a comemoração do Centenário de Nascimento de Santos Dumont no dia 20, com a presença do governador de Minas Gerais e de outras autoridades governamentais e das Forças Armadas, que, logicamente, não fariam a mesma caminhada que nós.

Chegamos com a doce ilusão de que era hora de comer e dormir. Nada disso! Ainda tínhamos de montar a barraca junto com o companheiro que transportara a outra metade dela, limpar o equipamento, tomar banho, jantar e, aí sim, “tentar” dormir.

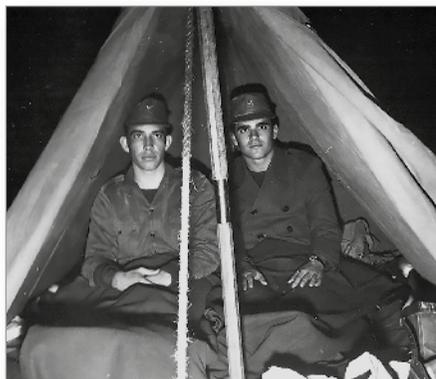


O local indicado para as barracas ficava em uma colina, logo em um terreno inclinado. Com a noite se aproximando, as barracas foram montadas paralelas, com a entrada voltada para a parte mais baixa da colina. Dormimos diretamente sobre o mato, mas alguns forraram o piso com um enorme saco plástico que haviam trazido na bagagem. Outros ainda rechearam esse saco plástico com folhas, em uma tentativa de tornar a noite de sono mais confortável.

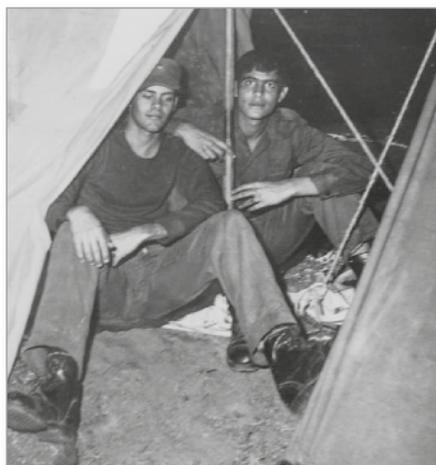




Barraca montada, a próxima etapa era o banho com água de um cano suspenso a uma temperatura que variava de muito fria a congelante. Após o rápido banho, colocamos a farda para o jantar. Depois de alimentados, era hora de nos prepararmos para dormir, algo um pouco difícil, apesar do cansaço.



Como o terreno era inclinado, deitávamos e pouco tempo depois havíamos escorregado para fora da barraca, com o frio nas pernas a nos despertar. Alguns chegaram a colocar o fuzil atravessado na entrada da barraca escorando os pés, mas isso não deu muito certo. Poucos conseguiram dormir, mas isso não durou muito tempo. O pessoal da Turma que fazia parte da PA revezou em turnos de plantão durante a noite. Dois deles resolveram aproveitar que estavam acordados para perturbar quem estava dormindo e soltaram as cordas que sustentavam uma das barracas em que os ocupantes ressonavam. Estes, por sua vez, acordados e com frio, sem disposição para remontar a barraca, resolveram soltar as cordas da barraca vizinha e daí iniciou-se uma reação em cadeia.



Quase ninguém dormiu mais, o que era fácil de comprovar pelo intenso movimento no acampamento durante a noite e a madrugada. O pessoal acordado se reuniu ao redor de uma improvisada fogueira, para bater papo, contar histórias e cantar sambas-enredo.

Amanheceu e tudo recomeçou. A higiene matinal, rápida e malfeita, serviu para acordar o espírito ao primeiro contato com a água gelada. Desmontamos as barracas e, uniformizados, seguimos para o improvisado “rancho”. O café da manhã estava servido. Bem alimentados, nos preparamos para a solenidade que viria a seguir.



Fazia parte da solenidade a inauguração do Museu Casa de Cabangu, dedicado à memória do Pai da Aviação, o lançamento do selo comemorativo do Centenário de Nascimento de Alberto Santos Dumont, oportunidade em que os alunos foram introduzidos à numismática e à largada da corrida de revezamento da equipe de atletas da Escola, levando o fogo simbólico da Fazenda Cabangu à cidade de Santos Dumont.



Na tarde do dia 20, após a cerimônia e com muita pressa, deixamos a fazenda: já era tempo de férias! Cabangu era a última atividade do semestre, restava apenas o desfile pela cidade de Barbacena na chegada, a caminho da EPCAR.



O IOGURTE DO RANCHO

Pires

O toque de alvorada era às 05:40, mas quem quisesse degustar iogurte no café da manhã tinha de chegar no máximo às 06:00 no Rancho, pois acabava rápido. Aliás, nesse horário já tinha fila de espera para se servir.

Pensando nisso, um digno companheiro barbacenense do apartamento 118 do H-8, que não abria mão do seu iogurte matinal, acordava costumeiramente antes do toque da alvorada, o que desagradava seus companheiros de apartamento que se reviravam na cama com a barulhada do apressadinho a se arrumar, enquanto aguardavam o toque da alvorada.

Cansados dessa situação, os companheiros do apartamento decidiram, secretamente, que a “baruiada” matinal tinha que ter um fim. Não sabemos de quem foi a ideia, mas resolveram gravar o toque de alvorada e colocar o aparelho debaixo da cama do apressadinho para tocar às 04:00.

No dia estabelecido, tudo pronto, o gravador “tocou” na hora combinada e o apressadinho logo se levantou, lavou o rosto, vestiu a farda e partiu para o rancho, enquanto os companheiros do apartamento, acompanhavam à distância o desenrolar da história.

Resumindo, o apressadinho chegou ao rancho, viu tudo apagado e ficou sem entender nada. Resolveu, então, procurar um relógio para conferir as horas e teve uma “transcendental” surpresa!

Revoltado, mas ainda sem entender bem o que tinha ocorrido, voltou para o apartamento e se deparou com os risos abafados dos companheiros debaixo das cobertas. Foi nessa hora que, pela primeira vez na vida, o ouvimos proferir um sonoro palavrão!

O SUSTO DO MARRAIO

Dias

Certa noite, o Aluno de Dia estava em seu apartamento no H-8 quando um companheiro de quarto entrou e eles começaram a colocar o papo em dia. Durante a conversa, o Aluno de Dia resolveu “brincar” com o companheiro e sacou a arma de serviço, uma pistola semiautomática Colt 45, deu um golpe de segurança nela e, em seguida, retirou o carregador.

Quase tudo certo, mas na ordem inversa, o que tornou a medida perigosa em vez de segura, visto que, ao dar o golpe de segurança, a arma foi carregada com um projétil que permaneceu na câmara, pronto para ser disparado, mesmo depois de o carregador ser retirado da pistola.

A situação ficou ainda mais perigosa quando o tal Aluno de Dia começou uma “brincadeira” que consistia em apontar a arma para o companheiro ameaçando atirar, enquanto ele insistia para que o Aluno de Dia parasse com a “brincadeira” e não apontasse a arma para ele, mesmo sem saber que a arma estava pronta para atirar. Nesse ínterim, o pensamento do Aluno de Dia alternava, velozmente, entre apertar o gatilho ou não.

O dilema e os apelos do companheiro pela razão acabaram por fazer com que o Aluno de Dia resolvesse conferir e, ainda sem o carregador na pistola, dar um novo golpe de segurança na arma. Nesse instante, para sua surpresa e desespero, o projétil que se encontrava na câmara da arma foi ejetado no ar e caiu no chão próximo aos dois. O movimento não fez muito barulho, mas na cabeça do Aluno de Dia foi como uma explosão de sons: tudo soou bem alto e a situação foi várias vezes repassada na sua mente em frações de segundo.

Por muito pouco, um incidente de proporções graves, que poderia causar danos irreversíveis ou até ceifar a vida de um companheiro, não ocorreu. O susto do Aluno de Dia, quando viu o projétil saltar da arma fazendo piruetas no ar, está vivo na sua memória, quase cinquenta anos depois, assim como a certeza de que a mão divina não permitiu que uma tragédia escandalosa marcasse para sempre a vida dos dois amigos.

A INVASÃO DO COLÉGIO AGRÍCOLA

Lobianco, Oscar

Em uma noite de sábado, o Aluno de Dia recebeu uma ligação informando-o de que estava havendo uma grande briga envolvendo alunos da EPCAR, que estariam em minoria, e “camofos” em um baile no Colégio Agrícola. O Aluno de Dia, assim que desligou o telefone, avisou ao Subcomandante de EPCAR, Coronel Brasil, enquanto a guarda avisava nos alojamentos o que estava acontecendo na cidade e, quase que imediatamente, uma quantidade incrível de alunos das três turmas começou a sair dos alojamentos, pular o muro da EPCAR e rumar para o Colégio Agrícola, a fim de se juntar aos alunos que estariam por lá.

O Coronel Brasil e o Aluno da Dia também seguiram para o Colégio Agrícola, mas os alunos que vinham da EPCAR tinham chegado primeiro e a situação já havia se acalmado, agora com um número bem superior de alunos do que de “camofos”.

Foi tenso, mas depois ficamos sabendo que pelo menos dois alunos que estavam no baile, ao tomarem conhecimento de que os alunos tinham sido informados na EPCAR de que estaria ocorrendo uma briga no Colégio e que, em consequência, tinham se mobilizado e estavam indo com disposição para “quebrar-tudo”, resolveram sair e acalmar os ânimos, esclarecendo que tudo estava bem e que a ligação deveria ter sido um trote.



A visão dos dois deve ter sido bem assustadora. O Colégio Agrícola ficava no topo de uma elevação e os dois desceram para deter os alunos que chegavam de todas as direções, pulando o muro do Colégio e subindo em direção ao prédio principal onde se desenrolava o baile.



Ânimos acalmados, uma parte dos alunos da nossa turma aproveitaram que estavam na cidade e foram parar no Gino's, dentre eles um companheiro que, na pressa de ajudar o pessoal que estava no Colégio Agrícola, saiu da EPCAR nu, com uma capa de chuva por cima do corpo, e de vez em quando abria a capa em plena pista de dança!

Logo nos primeiros dias da semana seguinte, o Tenente-coronel Tigre Maia reuniu os alunos no cinema e passou a história a limpo. Citou nomes de vários alunos que teriam participado da confusão e ficou por isso mesmo, mas não por muito tempo..

RECONCILIAÇÃO NO COLÉGIO AGRÍCOLA

Capella

Algum tempo depois, os alunos foram “convidados” pelo Comandante da EPCAR, Brigadeiro Oswaldo Terra de Faria, a comparecer ao Colégio para acordar um “armistício” definitivo. Sobrou para o Bombonato, Presidente da Sociedade Acadêmica (SAEPCAR), que não tinha nada a ver com o ocorrido, e os demais membros da diretoria da SAEPCAR representarem os alunos nesse encontro, que, se não encerrou os confrontos, pelo menos baixou muito a poeira.

Nesse encontro no Colégio Agrícola, um dos alunos conheceu uma moça de Juiz de Fora, muito inteligente e bonita e, ao longo das semanas seguintes, eles foram se conhecendo melhor, o que culminou com um convite para que o aluno fosse a Juiz de Fora conhecer a família dela. Apesar do alerta de perigo acionado, o aluno desconsiderou-o e aceitou o convite. Afinal, que mal teria em conhecer a família da garota? No entanto, mesmo com o alarme desligado, o subconsciente fica martelando e instigando a imaginação com pensamentos constrangedores.

Chegou o dia de conhecer os pais da moça. A família morava em um apartamento muito bem mobiliado, dentro dos requintes da alta sociedade mineira, com quadros imensos de cada geração. Tapetes finos, cristaleiras, enfim, tudo ao redor demonstrava que a origem da família era muito sólida tanto financeira, como socialmente. O aluno se sentia uma bactéria no meio de um organismo equilibrado e bem superior. Ao entrar na sala principal, defrontou-se com os pais e irmãos da moça que lá se encontravam, impecavelmente vestidos, à espera dele, na posição típica da uma família tradicional: mãe sentada, com uma filha ao seu lado; o pai em pé, atrás da poltrona da mãe, e os irmãos espalhados ao redor, como uma pinça de caranguejo. Parecia que estavam posando para uma foto de família!

Bem à frente dos pais, duas cadeiras totalmente estranhas ao ambiente os esperavam. A moça indicou que o aluno se sentasse em uma delas e ela sentou-se na outra, antes mesmo que ele pudesse cumprimentar, pelo menos, os pais dela. O aluno sentou-se meio a contragosto, o que deve ter ficado claro pela sua expressão, mas resignado, visto que não conhecia os protocolos e as regras sociais daquela família.

A moça, então, apresentou seus pais, ou seria melhor dizer, leu o

currículo (nome, sobrenome, distinção aristocrática, profissão e uma infinidade de atributos dignos de uma árvore genealógica inglesa com direito a brasão).

Após esse ato extremamente formal, ela passou a descrever os poucos atributos que ela conhecia do aluno, se bem que não existia muito mais a dizer, ou seja, que era aluno da EPCAR, natural de Santos, São Paulo, Diretor de Apoio da Sociedade Acadêmica, e só! Foi então que o aluno pôde se manifestar, complementando a descrição com as informações relativas à sua origem familiar. Nada tão pomposo quanto a família dela!

As primeiras reações partiram dos irmãos e da irmã que se aproximaram e cumprimentaram o aluno. Em seguida saíram, permanecendo na sala somente a moça, seus pais e o aluno, que, àquela altura, percebeu a fria em que havia se metido. Estava como um equilibrista sob uma linha fina entre dois edifícios quando sobreveio a enxurrada de perguntas, todas relacionadas ao seu futuro e ao futuro da moça. A mãe mantinha um diálogo aristocrático, barroco, entremeado com entonações graves, e o pai, mais duro, incisivo e cômico do que pensava um jovem impregnado de testosterona até o topo da cabeça, questionava a intimidade no relacionamento com a filha dele e, em seguida, repetia a pergunta para a filha. Tratava-se de um ardiloso interrogatório, com nuances de tortura física e mental! E pensar que o aluno nunca pensara ou demonstrara interesse em manter um relacionamento firme e duradouro com a moça!

O aluno resolveu, então, expor as circunstâncias em que conhecera a filha deles durante a reunião de conciliação no Colégio Agrícola. Foi pior! Os pais queriam saber os fatos que levaram àquela reunião, visto que, ao que parecia, a filha não havia falado nada para eles e, depois de ouvirem atentamente, questionaram a posição do aluno sobre os entevos, exigindo que ele manifestasse de que lado estava.

Foi nesse momento que o aluno percebeu que “não haveria qualquer acordo de paz” ou “de pais”. Percebeu que ele e seus companheiros de EPCAR eram considerados, pelo menos por aquela família, alienados e alienígenas à tradição aristocrática familiar mineira. O aluno resolveu encerrar o assunto, esclarecendo que devia estar havendo um mal-entendido, pois sua aproximação com a filha deles se restringiria ao nível da amizade e ele havia comparecido àquele encontro nessa condição.

O pai e a mãe arregalaram os olhos e voltaram o olhar para a filha, como a dizer: “Não foi isso o que você falou?”. O aluno aguardou, em silêncio,

que os pais dessem o próximo passo ou até que, finalmente, decidissem colocar um ponto-final na conversa. A mãe, após alguns segundos de completo silêncio na sala, que pareceu uma eternidade, olhou fixo para o aluno e agradeceu sua sinceridade. Em seguida, dirigiu-se ao marido para dizer que não via inconveniente algum no relacionamento, nos termos apresentados. O pai olhou sério para o aluno, resignou-se e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

Assim, o incidente no Colégio Agrícola acabou dando origem a uma sólida amizade que perdurou até os anos 2000, quando os pais da moça faleceram. Tanto o aluno quanto a moça se casaram e constituíram família, ela, com certeza, com alguém da tradicional sociedade mineira.

Essa história expõe a destacada educação social e intelectual dos Alunos da EPCAR, a despeito de suas diversas origens, que os capacita a se relacionar, com destaque, em qualquer ambiente social ou casta.

A UNHA ENCRAVADA

Galvão

Levantei-me, lavei-me, vesti-me e calcei o bute novo. Antes tive todo o cuidado de colar um esparadrapo sobre a unha encravada do meu pé direito.

Quando viu o esplendor do meu magnífico bute novo, o Beato (71-070), no auge de toda a sua corpulência, pisou no meu pé e falou “é pra selar o bute novo”. Sorri, mas senti a dor profunda que vinha da unha encravada. Logo depois uma pessoa do apartamento ao lado, apareceu sorrateiramente, vagarosamente e “hienicamente”, como é sua maneira de ser, deu um vigoroso pisão sobre o pé. Novamente senti (e senti muito) a dor profunda. Mesmo assim, consegui esboçar um belo sorriso, todo amarelo.

Por fim consegui, ainda mantendo as aparências, fugir do apartamento, que mais parecia uma imensa sala de torturas.

Ao passar pelo apartamento 207, saiu um certo gaúcho muito conhecido meu e maliciosamente colocou o seu adorável casquinho sobre a minha nova, porém doente ferradura. Dor imensa e pavorosa subiu-me até o cérebro. Já não sorri.

Estava ainda conversando com o tal gaúcho, quando um parvo mineiro veio e me batizou, e muito bem batizado, o bute de maneira direta e traiçoeira. Em vez do famoso sorriso, fiz uma careta e resmunguei qualquer coisa. Dessa vez perguntaram-me o que havia. Deixei ambos falando sozinhos e me arrastei para o rancho.

A unha latejava! Apoiei-me nas paredes do Cassino, respirei fundo e recebi uma pisada em cima do meu dilacerado, horrivelmente dolorido pé... Era um certo italiano muito gordo, cheio de bobeira... “Ma che! Mamma mia! Sapato novo eu não perdo, batizo!”. Chamei-o de bobo e segui arrastando-me para o rancho. Lá chegando, consegui apanhar o meu lanche e sentei-me à mesa. Uma pessoa de voz muito forte, dona de um sorriso maravilhoso, mas que naquele instante pareceu-me cheia de sadismo, sem querer, colocou a cadeira sobre o meu já afamado pé.

Ó, sorte ingrata! Ó, vida malfadada! Esta dor que me sobe à garganta, imensamente... xinguei-o de maneira sutil e indireta.



Levantei-me da mesa e, quando entregava a bandeja, um certo Sargento de bigode acomodou-se sobre... já sabem, a minha unha encravada. Doce palavrão! Ótima invenção humana que serve para desabafar dores incontidas!

O Sargento me enquadrou em 18 artigos e três ou quatro parágrafos do RDAER (Regulamento Disciplinar da Aeronáutica). Expliquei-me e fui tomar o meu cafezinho.

Colegas do 3º, 2º e 1º anos, meus companheiros e admiradores, pisavam-me o pé enquanto escutavam, em revide, palavras que nem Jece Valadão, Nelson Rodrigues ou Jorge Amado conheciam...

Por fim, a formatura. Já havia acertado um bom tapa em um certo baixinho metido a besta que teve a ousadia de “batizar o meu bute novo”.

No auge da minha violência, quando os instintos animais haviam chegado ao máximo, chega o Tenente e diz que na posição de descansar devemos nos apoiar também no pé direito, enquanto dava um bom pisão no dito cujo. E aí...

E aí eu... bem, o resto os senhores já sabem, Senhor Coronel e caros membros do Conselho de Instrução... pois é...

100 DIAS

30 de agosto de 1973

Oscar

Adquirimos o costume de escrever em um quadrado marcado a giz, no canto direito superior do quadro negro, a contagem regressiva dos dias que restavam para o último dia de aula. O número era precedido da sigla “HS”, abreviatura da expressão “Haja Saco”.

Atualizada diariamente, tal contagem, raramente, era apagada pelos professores, que a entendiam como uma manifestação legítima da nossa expectativa pelo fim do ano, a entrada de férias e a despedida da EPCAR. A apresentação no regresso de férias seria em março do próximo ano, na Academia da Força Aérea.

O último ano dessa contagem criou uma expectativa especial com relação aos cem dias para o fim do ano letivo. A data foi celebrada com o apoio da Sociedade Acadêmica e do Comando da Escola, que organizaram a apresentação de uma equipe de patinação artística e um baile no dia 25 de agosto (sábado) e um almoço especial, com a presença dos professores, no dia 30 de agosto (quinta-feira), data em que atingimos o HS-100.



INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

7 de setembro de 1973

Oscar

Depois do “show” na Avenida Paulista no ano anterior, que fora destaque nas revistas e nos jornais, os cidadãos barbacenenses aguardavam ansiosos o desfile na data magna da Pátria em 1973.

Era nosso último desfile pelas ruas de Barbacena, sob os olhares de amigos e amores que conquistamos naqueles três anos e que levaríamos para o resto de nossas vidas.



A emoção da despedida que se aproximava estava presente, mas não decepcionamos... o desfile foi o mais garboso que Barbacena havia assistido! Mais uma vez fechamos o desfile do Dia da Pátria na cidade e, para nós da Turma 71, aquela foi a última oportunidade de marcharmos juntos pelas ruas e avenidas daquela simpática e acolhedora cidade.



IX NAE

Outubro de 1973

Oscar (Adaptação de texto da “Revista Senta a Pua 71”)

A IX NAE que, dessa vez, seria disputada no Colégio Naval (CN), em Angra dos Reis (RJ), tinha uma característica muito especial: o troféu atribuído anualmente ao campeão geral da competição seria disputado pela última e definitiva vez. A Escola que o conquistasse naquela edição da NAE teria a posse definitiva do troféu. Nos anos subsequentes seria atribuída uma taça para cada modalidade esportiva da NAE.

Movidos pelo desejo e a esperança de sermos os eternos guardiões do cobiçado troféu, que nos últimos dois anos fugiu às nossas mãos, treinamos duramente e com um afincamento jamais visto durante os meses que antecederam a competição. A disposição dos atletas, o incentivo dos companheiros e a dedicação dos treinadores eram o estímulo para cada exaustivo dia de exercícios!

Quanto mais próximo o dia de início da competição, mais o semblante dos atletas brilhava, em largos sorrisos de confiança e otimismo. Com esse espírito embarcamos rumo a Angra dos Reis.

Após urna viagem agradável e alegre, chegamos ao CN, à beira da Serra do Mar que parece abraçá-lo. A simpática e atenciosa recepção dos alunos daquele Colégio fez com que nos sentíssemos “em casa”, o que contribuiu para aliviar qualquer tensão que porventura ainda restasse. Antes da abertura da competição, houve tempo para relaxar pela baía de Angra dos Reis em um barco da Marinha. Naqueles passeios nossas vistas se deleitaram com as belezas naturais da baía e as obras da Usina Nuclear de Angra.

Ainda tivemos outros momentos de diversão proporcionados pelos alunos do CN, que, nos intervalos das competições, nos brindaram com “shows” da equipe de ginástica acrobática, e do “pelotão elétrico” – sincronismo e coordenação no movimento com armas sob luz negra.

Chegou a hora de competir e torcer! A maior torcida, com certeza, era do CN, que sediava as competições, a da EsPCEX e a da EPCAR se limitavam aos atletas que não estavam competindo naquele momento, mas nem por isso a nossa era menos barulhenta ou vibradora. Gritos de incentivo, quase brados de guerra, músicas com letras alteradas para dar um pouco de sarcasmo aos cantos entoados e saudáveis discussões davam um tom alegre, envolvente e febril que incentivava os competidores, proporcionando um colorido todo especial àquela festa!



E foi assim, quase em êxtase, que atingimos o clímax de toda a competição no jogo decisivo de basquete entre a EPCAR e o CN. Dessa vez nada nos deteria diante da iminente conquista da IX NAE e do Troféu em definitivo.



Vencemos! Foi uma explosão de alegria! Cantávamos e gritávamos com toda a intensidade! Uma esplendorosa demonstração de júbilo e felicidade dos instrutores, monitores e alunos!

O regresso para Barbacena com o Troféu conquistado em mãos foi glorioso! A vitória era de todos da EPCAR, mesmo daqueles que não tiveram a felicidade de assistir à IX NAE, somente acompanhar os resultados que eram imediatamente transmitidos a eles.

No regresso, a vitória foi comemorada com uma volta dos atletas pela cidade de Barbacena, sendo saudados por onde passavam, compartilhando a alegria pela conquista definitiva do Troféu NAE.

“VI” DE PERUCA

Capella

Uma das coisas mais constrangedoras de quando se dava um “VI” era ter que se esconder ou sair correndo ao surgir algum sinal de que a PA estava por perto, para não ser pego na cidade quando deveria estar na Escola. Chegava a ser ridículo ter que abandonar, de repente, uma conversa com amigos, com a namorada ou uma paquera para não ser “capturado”. Todos temos alguma lembrança de se esconder embaixo de mesa ou em um banheiro, no matagal, e por aí vai. Era um saco!

Além das saídas não autorizadas para a cidade, tinha um boteco bem em frente ao muro do H-8 onde, às vezes, a gente se reunia para tomar umas cervejas e passar o tempo. Por que não? Alguns eram naturalmente despreocupados, mas com outros a cerveja descia aos trancos com a preocupação de o Oficial de Dia resolver dar uma incerta por cima do muro e se deparar com os alunos sentados no boteco ou a PA aparecer por lá.

Entretanto, a mente do aluno é extremamente criativa e eis que um deles resolveu se descaracterizar durante o VI para ver o que aconteceria. Vestiu-se com uma jardineira (calça comprida com alças) e colocou na cabeça uma peruca velha de cabelos encaracolados que havia trazido de casa e, na madrugada de um sábado, horário em que os alunos deveriam estar “na caminha”, resolveu circular pela cidade, no melhor estilo dos jovens rebeldes daquela época, tal qual um hippie. Passou pelo pessoal da PA sem ser reconhecido ou sequer abordado.

Passou a usar a “fantasia” regularmente, durante todo o ano, quando resolvia sair ou permanecer na cidade em horários que não eram permitidos e apenas uma vez um dos alunos da patrulha olhou para ele fixamente, como se o achasse familiar, mas seguiu adiante sem interpellá-lo.

Enfim, a história da peruca se encerrou no Teatro do fim do ano, quando o aluno se apresentou com o mesmo traje que circulava na cidade pela madrugada e nunca mais pôde dar VI cabeludo!



UM BANHO DE CULTURA

Bernardo, Cunha, Kleber, Oscar

O Brigadeiro Oswaldo Terra de Faria havia assumido o comando da EPCAR em 1972 com o firme propósito de elevar o nível cultural e intelectual dos alunos da EPCAR.

Começou pelo idioma pátrio: na primeira prova bimestral de português, introduziu uma redação não avaliada para aferir a capacidade de os alunos se expressarem por escrito, e o resultado foi decepcionante. Em uma das redações, por exemplo, a palavra Aeronáutica foi escrita com “l” – “Aeronaltica”. Além de ortografia e gramática, a concatenação de ideias nos textos, em geral, deixava muito a desejar. Foram, então, contratados professores de português para ministrar aulas de reforço aos alunos no período das 19:00 às 21:00.

A avaliação bimestral de português passou a incluir uma redação e questões relacionadas à leitura de um livro por bimestre, tais como *Ubirajara*, de José de Alencar, *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, *O Retrato*, de Érico Veríssimo, *Fogo Morto*, de José Lins do Rêgo, e *Coronel de Barranco*, de Cláudio Araújo Lima. *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, uma história sobre eleições municipais, chegou a ser distribuído ao final de 1973, mas foi recolhido em seguida, antes de ser lido, talvez porque o autor tenha feito umas declarações inoportunas que acabaram determinando o veto ao livro.

No programa semanal de atividades, foram introduzidas palestras no cinema às sextas-feiras. Em uma delas, o orador tinha o especial talento de envolver a plateia e assim o fez naquele auditório, com a presença de praticamente todo o efetivo. Tratava-se de João Álvaro de Jesus Quental Ferreira, conhecido como Procópio Ferreira, pai de Bibi Ferreira.

A Divisão de Avaliação passou a adotar o Grau EPCAR. Os graus absolutos obtidos nas provas eram distribuídos em uma curva de Gauss que tendia as notas finais para uma média preestabelecida. Na teoria era ótimo! Com a correção, as notas baixas eram elevadas, mas, por outro lado, as notas altas minguavam, e isso desestimulava os mais estudiosos.

Todas essas novidades, e outras tantas no período de 1971 a 1973, acabaram motivando o Theodoro a adaptar a letra da *Canção do Soldado*, de Inezita Barroso, e criando a *Turma Cobaia*, em alusão às “experiências” e “inovações” que nossa turma vivenciou naqueles três anos de EPCAR!

TURMA COBAIA

Nós somos a turma cobaia, Bibico padrão Gravata marraia. O comandante não é o Cachorrão, Mas em compensação É o Tigre Maia.	tem conferência toda sexta-feira. Aboliram o paradão, mas em compensação tem a redação.
Perdemos a Lima Mendes, Pro segundo ano Poder ganhar. Oito aulas por dia, E ainda por cima Grau EPCAR. O que eu falo não é besteira,	A nossa turma foi a única que fez Logo de início recusou japonês. Entrou apenas um, tava disfarçado Foi o Azevedo... veio camuflado.

Obs.: trechos da letra resgatados pelo Antunes e o Dantas, além do próprio autor.

Com o apoio irrestrito do Brigadeiro Oswaldo Terra de Faria, Comandante da EPCAR, e de sua esposa, dona Zilah, os anos de 1972 e 1973 foram repletos de atividades sociais e culturais organizadas, principalmente, pela Sociedade Acadêmica (SAEPCAR), com o intuito de contribuir para a formação do futuro oficial da FAB. Tínhamos uma excelente e motivada equipe na SAEPCAR, liderada pelo Bombonato, seu Presidente, em 1973.

Nesse âmbito tivemos, dentre outras atividades, os tradicionais Baile do Bicho, Baile de Aniversário da Escola, Baile do Aviador, Baile dos Cem Dias e Baile do Adeus; o Almoço dos Cem Dias; concursos literários; apresentações de patinação artística e musicais. Do erudito ao popular, de orquestra sinfônica e coral a conjunto de rock, de Wilson Simonal e Eliana Pittman aos Mutantes e um festival de música popular brasileira – 1º Festival Águia de Ouro.

Nesses mesmos anos foi impulsionado o Cine Clube, reativado o Grêmio de Radioamadores e o Grupo de Teatro, produzido e mantido no ar um programa em uma emissora local. O professor Mauro de geociências era o “faz tudo” da TV EPCAR: montava a programação e fazia as entrevistas.



E assim, no último ano da EPCAR, recebemos um “banho de cultura” que foi muito bem aproveitado em nossa formação intelectual!

Algumas coisas ficaram mais marcadas para uns do que para outros, como, por exemplo, a performance daquela jovem ruiva, com seus 25 anos, à frente de um conjunto de rock psicodélico formado durante o Movimento Tropicalista: Os Mutantes, em 20 de outubro de 1972.



A uma certa altura do show, Rita Lee despertou o imaginário da jovem e masculina audiência ao declarar ao microfone, em um intervalo entre duas músicas, que iria trocar de roupa ali mesmo, no palco. A surpresa durou poucos instantes. Ela usava uma saia comprida com diversas cores e, simplesmente, segurou a saia pela cintura e rodou trocando o colorido da frente pelo que estava na parte de trás. Troca de roupa realizada! Para a decepção dos alunos.

Estranhamente, por mais que esse período tenha tido tanto destaque, não existem fotos ou registros das citadas atividades nos livros históricos da Escola. Elas vivem somente na memória daqueles que tiveram o privilégio de viver esses momentos.

O ALBATROZ QUE VIROU GAVIÃO

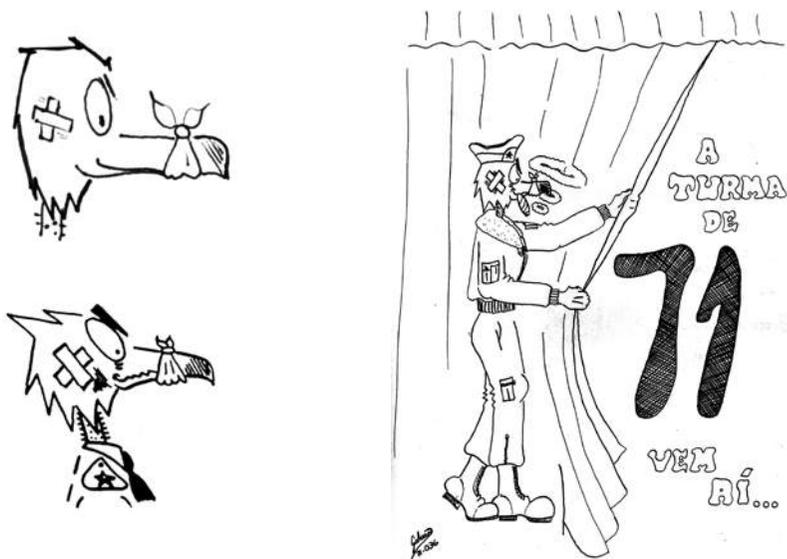
Galvão

A ilustração original que representa a nossa turma (o pássaro com mordança), na verdade, surgiu em 1972 pelas mãos do Aluno 72-212 Abreu, baseado na figura de um albatroz, e destinava-se a ilustrar as páginas da revista mensal “O Albatroz”, tradicionalmente dirigida pelos alunos do terceiro ano da EPCAR.

Em 1973 nossa turma assumiu a direção da revista e o Abreu continuou a contribuir com seus desenhos do albatroz ambientados em diversas situações caricatas, chegando a fazer quase todas as ilustrações da nossa revista Senta a Pua, distribuída no fim do ano.

O Galvão aprendeu com o Abreu a desenhar aquele albatroz e chegou a fazer a ilustração da página que antecede as fotos individuais da nossa turma na Senta a Pua, quando o albatroz, vestido de macacão e blusão de voo, abre as cortinas anunciando a Turma 71.

Mais adiante, quando a Turma foi para a AFA, por achar que a imagem que representa uma turma de cadetes deveria parecer menos coitadinha e submissa, o Galvão eliminou a mordança do bico e o curativo do rosto, e redesenhou o bico do albatroz para parecer com um gavião, tornando a mascote mais agressiva.



COMPANHIA DE TEATRO METRO TIGRE MAYER

Capella, Dantas, Menescal, Oscar, Pires

Depois de terem sido brindados com uma diversidade de manifestações artísticas ao longo do ano, chegara a vez de a Turma 71 demonstrar seus próprios dotes artísticos. Assim, a Companhia de Teatro Metro Tigre Mayer, com produção do Beato e apoio técnico do Capella (cenógrafo, eletricitista e técnico de som), resolveu encenar uma peça teatral composta por esquetes sobre o dia a dia na Escola, bem como sátiras dos comandantes e mestres, a ser apresentada bem no fim do ano letivo, para não dar tempo de os responsáveis serem presos!

Belmar, Dantas, Cruz, Elael, Graça, Menescal, Oliveira, Pimentel, Rosas, Saraiva, Souza, além do Beato e do Capella, foram alguns dos “artistas” do elenco, e da vida real.

Cruz fez o papel do leão da “Companhia Metro Tigre Mayer”.



Menescal, de tanto ficar dando palpite sobre a interpretação dos personagens durante os ensaios, acabou sendo “intimado” a subir ao palco representando o Tenente Duque.

Capella interpretou ele mesmo, com a jardineira jeans e a peruca encaracolada com que passou o ano dando VI na madrugada, sem ser reconhecido pelas patrulhas na cidade. Coitado, nunca mais pôde usar o traje que o salvou tantas vezes!

Dantas fez duas participações: a primeira imitando o Sargento Salvador (“O senhor aí, meu nobre, paga déissssss!”) e a segunda era uma performance inesquecível do Tenente-coronel Tigre Maia, Comandante do Corpo de Alunos, que estava escondido no cinema, sem que ninguém

soubesse, e assistiu à interpretação sarcástica do Dantas em silêncio.

No dia seguinte o Coronel Tigre Maia mandou chamar o Dantas na sala dele, logo após o almoço: o ingrato horário das audiências para apuração de transgressões cometidas pelos “convidados”. O Dantas seguiu para a sala do Comandante do Corpo de Alunos miudinho, esperando uma punição exemplar pelo seu desempenho no dia anterior. Que nada! O Coronel levou na esportiva e até elogiou sua interpretação.



Foram muitos artistas e vários esquetes hilariantes interpretados quase no improviso, por falta de tempo para ensaio, que encerraram com o Graça atravessando o palco arrastando uma corda no pescoço, carregando um estandarte ilustrado com aspectos da passagem da Turma na EPCAR.

003 – UM NOVO DIA PARA DORMIR

Padilha

O som distante do corneteiro tocando a alvorada soava como música em meus pensamentos e embalava meus sonhos, debaixo do cobertor no apartamento 122, naquela manhã fria e nebulosa de Barbacena quando, de repente, um empurrão do companheiro de apartamento me acordou e quase me fez cair da cama, confirmando que a parte do toque da alvorada não tinha sido sonho.

Resolvi continuar dormindo e pedi para ele trazer do rancho um pão com manteiga e uns iogurtes de morango. Voltei para os meus sonhos, invariavelmente muito eróticos para comentar, pois envolvia uma senhora por demais conhecida.

Algum tempo depois, em um momento de êxtase no sonho, o companheiro regressou e anunciou haver atendido ao meu pedido do “serviço de quarto” e me mandou levantar rápido porque já havia tocado o som para reunir para a formatura das 07:00 no Pátio da Bandeira. Apesar de meus esforços para acordar, a voz dele foi se esvaindo e sumindo... sumindo... os barulhos das portas dos apartamentos batendo foram ficando cada vez mais distantes, e a voz sensual da minha companheira de sonhos voltava, quando, de repente, escuto um grito. A voz rouca e aveludada dos sonhos tinha se transformado em um grito gutural do Tenente Duque: “Aluno, tá dormindo de novo! Acorda, que já são 07:30! Tá anotado! Tu vais para a audiência com o Tenente Fernandes! Levanta logo e vai para a aula!”.



Acordei gaguejando, trôpego, meio perdido com a lembrança do sonho e ainda assustado com o grito, quando logo veio outro: “Levanta logo, seu dorminhoco! Todo mundo na sala de aula e você aqui igual a uma Bela Adormecida, e ainda faltou à formatura das 06:45! Vou lá para a sargenteação e quero te ver passar em cinco minutos!”.

Ainda tonto de sono, pulei dentro do borzeguim, passei aquele gelo líquido que escorria da torneira na cara, guardei o cobertor extra no armário (a cama era do tipo “santo sudário”, em que se dorme sobre a cama arrumada para a revista do dia seguinte), coloquei os iogurtes no bolso da japona, apostilas debaixo do braço, bibico na cabeça e, comendo o pão com manteiga, andei aqueles malditos 400 metros no frio cortante que separavam o último dos apartamentos no H-8, o famoso 122 “trampolim da vitória”, assim chamado porque era onde todos paravam antes de dar VI, até as salas de aula.

Dia vai, dia vem, o Quadro de Avisos anunciou meu nome ao lado da data e hora que deveria me apresentar em audiência para responder pela falta cometida. A questão agora era saber quantos “P” (dias de prisão) eu ia tomar dessa vez. “LS” (Licenciamento Sustado) nem pensar, isso era para novatos, “D” (dias de detenção) era coisa do passado. Eu estava na casa dos “P”, era um veterano do pelotão de presos, também chamado de pelotão “curva de rio”, porque era onde todo o lixo e seres “boiantes” paravam. O pior de ser punido com prisão eram as chamadas de hora em hora no fim de semana.

Na data e hora determinadas, me apresentei ao Tenente Fernandes com a melhor continência possível e ele, sem tirar os olhos dos papéis na mesa, mandou que eu entrasse e fechasse a porta. Em pé, ao lado dele, o Tenente Duque me olhava com cara de carrasco que vê o condenado subir o patíbulo antes do enforcamento.

Os diversos papéis na mesa eram todos sobre mim, e não eram menções elogiosas do meu comportamento. O Tenente Fernandes começou a audiência me chamando a atenção por ter sido pego dormindo depois da alvorada, de novo. E com “de novo” ele queria dizer que perdera a conta de quantas vezes eu tinha sido pego dormindo depois da alvorada e em sala de aula, só faltava dormir em forma. Minha Ficha Individual era repleta de infrações disciplinares dessa natureza.

Tentei argumentar que o meu apartamento era muito longe e não dava para escutar direito o toque do corneteiro, mas não colou. “O que tem

uma coisa a ver com a outra? Todo mundo escuta e acorda na alvorada! No seu apartamento tem mais sete alunos que levantam na hora certa! Será que depois de três anos você ainda não aprendeu?”. Foram algumas “chamadas” que tive de escutar de um Tenente impaciente com meu comportamento e ele prosseguiu: “Olhando aqui na tua ficha, vejo que há apenas quinze dias você dormiu no teu plantão das 02:00 às 04:00 e não acordou o aluno escalado no plantão seguinte, das 04:00 às 06:00, que, por sua vez, não acordou o corneteiro. Com isso, a alvorada foi atrasada, provocando um grande tumulto na rotina da Escola!”.

O Tenente Fernandes lembrou-me que, naquela ocasião, havia sido punido com 4P e agora, apenas 15 dias depois, lá estava eu de volta na audiência por ter dormido depois da alvorada.

Como ele não sabia mais o que fazer comigo, resolveu com o Coronel Tigre Maia me atribuir uma “missão”. Quando ouvi o nome do Comandante do Corpo de Alunos, pensei logo: “agora mesmo é que estou lascado!”

Bem, aí me atribuiu a tal “missão”: como o meu apartamento era o último, da porta eu tinha uma ampla visão de todo o corredor de acesso aos apartamentos. Daí eu seria dispensado das formaturas da manhã para tentar identificar quem estava surrupiando coisas nos apartamentos do H-8.

O argumento do Tenente tinha uma certa lógica: como todos os alunos sabiam que eu tinha “dificuldade” de acordar na alvorada, o autor dos furtos não iria estranhar a minha presença no H-8 enquanto todos estavam na formatura.

Mas não era “só” isso. Para encerrar, fui “premiado” com 3D pela última dormida, apesar dos meus insistentes pedidos para que ele considerasse que eu já estava cumprindo a missão quando fui pego dormindo pelo Tenente Duque.

Dispensado, ia saindo da sala sob o olhar desconfiado do Tenente Duque que, no íntimo, devia estar pensando, com razão, que eu ia aprontar, quando o Tenente Fernandes me fez uma última recomendação: “Não é para dormir direto, não! É para acordar na alvorada e ficar de olho no movimento!”.

003 – LICENÇA PARA DORMIR

Padilha

Saí da audiência meio zozzo ainda, mas já achando que tinha ganhado na loteria. Agora eu tinha um salvo-conduto para faltar àquela maldita formatura de 06:45! Ela era a culpada de tudo! Sim, ela me obrigava a acordar às 05:45 para disputar a água quente com os companheiros do apartamento e caminhar naquele “gelo” da manhã de Barbacena por meio quilômetro até o rancho, antes de atender ao maldito toque de reunir para a formatura. Agora eu estava dispensado de tudo isso, tinha entrado no paraíso dos golpistas, em pleno planeta Terra, era como se eu estivesse eternamente no pelotão dos dispensados, sem estar doente ou com frieira nos pés... tinha coisa melhor?

Naquela mesma noite adiantei o pedido do “serviço de quarto” para o café da manhã do dia seguinte com meu surpreso companheiro de apartamento: “Amanhã você me traz dois pães com manteiga e dois iogurtes, um de morango e outro natural.”

Minha rotina melhorou muito, dormia a sono solto e só acordava com o anúncio da chegada do “serviço de quarto”. Me arrumava e saía cambaleando até a sala de aula, sem deixar de demonstrar meu contentamento quando passava pelo Tenente Duque, sentado na sargenteação no início do H-8. Batia continência e piscava o olho para ele enquanto via de soslaio sua boca espumando de raiva como se estivesse chupando uns dois ou três Alka-Seltzer ao mesmo tempo.

A vida para mim virou uma grande câmera lenta, tudo era mais fácil, meu humor melhorou e até a suga, da qual eu insistia em escapar, passei a frequentar de vez em quando para fazer uns polichinelos.

Tudo ia muito bem, até que um dia o famigerado Quadro de Avisos novamente anunciou meu nome na lista de audiências. O que seria agora? Uma revisão completa nos últimos dias e nada: ninguém me pegou nos incontáveis VI's, nas escapadas das corridas, nas dormidas em sala de aula, nas faltas à suga, nada. Estava tudo em ordem, barba feita, cabelo no padrão, fivela no Kaol, borzeguim no brilho. O que poderia ser? Mas chegou o dia e lá fui eu na audiência com o Tenente Fernandes.

Entrei na sala e o Tenente mandou fechar a porta. Pronto, devia ser alguma coisa grave, pois o Tenente sempre recebe todo mundo de porta

aberta! Alguns segundos depois, que pareceram uma eternidade em que lembrei de tudo que tinha feito de errado, o que não era pouco, o mistério se revelou: “E a missão que te dei? Os furtos continuam e você não me trouxe nome nenhum!”. Ato contínuo o Tenente Duque resmungou: “Fernandes, ele está enganando a gente! Esse sacana está se aproveitando para dormir e não está espionando nada! Todo dia, depois da formatura de 07:00, ele passa por mim com cara de cínico como se estivesse passeando no parque!”.

Tentei argumentar, sem sucesso, que passava as manhãs em alerta, mas que era difícil vigiar tantos apartamentos. Eu escutava um barulho aqui, outro acolá, mas, quando ia ver, tratava-se de eco.

Com o Tenente Duque bufando, o Fernandes pediu calma e resolveu me dar mais umas semanas para encontrar alguma pista do responsável pelos furtos. E agora? Quanto tempo eu ainda iria resistir com o Tenente Duque fazendo fuxico para o Tenente Fernandes? Tinha que ficar mais esperto, quem sabe eu acabava pegando o responsável pelos furtos de verdade?

Os dias iam passando e eu acordava cada vez mais tranquilo. Bastava me cuidar para quando o Tenente Duque estivesse escalado de Oficial de Permanência ao Corpo de Alunos, porque, nesse dia, ele ia direto ao meu apartamento de manhã cedo para conferir se eu estava, realmente, cumprindo a missão que me tinha sido atribuída.

Tudo ia muito bem, até que o Aluno de Dia me deu o recado do Tenente Fernandes para passar na sala dele no primeiro intervalo. Cheguei na sala e nem houve muito diálogo, o Tenente me dispensou da missão, apesar dos meus apelos por mais um tempo de mamata, quer dizer, de missão. Meus dias de alegria e moleza acabaram! Para o deleite do Tenente Duque!

003 – LICENÇA PARA DIRIGIR

Padilha

Sábado seria minha prova prática para a obtenção da carteira de motorista na Praça do Globo, mas o fusca do Sargento da autoescola quebrou e eu precisava de um carro para fazer a prova. Não perdi a viagem, tinha perdido a tranquilidade para dormir até mais tarde, mas apelei para o Tenente Fernandes: “Tenente, será que o senhor não podia me emprestar o seu corcel para eu fazer a prova de direção?”.

O Tenente contou até dez e retrucou admirado: “Eu não acredito! Você é mesmo muito cara de paul! Como é que você tem a coragem de pedir ao seu Comandante de Esquadriha o carro emprestado para fazer prova de habilitação?”.

Depois dessa resposta, eu tinha certeza de que ia ter de encontrar outro carro, mas não me fiz de rogado e voltei à carga argumentando que havia pedido para ele por ser a única pessoa que eu tinha intimidade para pedir o carro emprestado. E não é que deu certo?

O Tenente Fernandes se sensibilizou com o inusitado pedido e se comprometeu a passar na Praça, no sábado, depois de fazer compras, entre 11:00 e 12:00, para que eu pudesse usar seu carro na prova. Perdi uma moleza, mas resolvi um problema!

No sábado, às 11:30, o Corcel I “saia e blusa”, bege e marrom, chega na Praça. O Tenente Fernandes estaciona, desembarca com a patroa e vem em minha direção com a chave na mão: “Cuidado com as compras que estão no banco de trás, eu vou tomar um café.”.

Meia-hora depois, com a carteira de motorista na mão, devolvi o carro e agradeci.

003 – NUNCA MAIS OUTRA VEZ

Senta, que o Tigre é manso!

Padilha

Os dias foram passando e os oito alunos do apartamento 122 (Carneiro, Cunha, da Costa, Fiuza, Kaminski, Lobianco, Padilha e Pastrello) foram para o Rio fazer o temido exame de saúde para admissão à AFA no CEMAL. Com todos aprovados, na volta a Barbacena, comemoramos com galeto e muito vinho no Roselanche.

Dos oito, eu analisava as condições para me formar e seguir para a AFA. A parte do ensino era mole, tinha passado em tudo, mas restava a parte disciplinar e nesta eu estava perigando. Tinha ingressado no insuficiente comportamento, o temido “insufa”, com um total de 35 dias de prisão, considerando a conversão de dois dias de detenção (D) em um de prisão (P) e os dias de prisão propriamente ditos. Sem contar os licenciamentos sustados (LS) que não entravam nessa conta, cinco dias de prisão a mais do que o máximo permitido para ser matriculado na AFA. Minha esperança era que o regulamento dizia que as punições deixavam de ser contabilizadas doze meses depois de cumpridas, e eu contava com esse artifício para diminuir oito dias de prisão do total, relativos a duas punições que eu tinha recebido no fim de 1972 por estar brincando com um extintor de incêndio em sala de aula e por dormir durante o plantão no alojamento. Sem contabilizar esses oito “P”, eu voltaria para o bom comportamento com 27 dias de prisão, desde que não aprontasse mais nada.

Na data prevista, eu voltei para o bom comportamento, totalizando 27 dias de prisão, o que permitiria seguir para a AFA se, e somente se, não fosse pego em alguma transgressão disciplinar até a conclusão do curso, que estava muito próxima. Bastava resistir por menos de dois meses, mas o pior aconteceu: claro e óbvio que tinha de ser o Tenente Duque que, na sua sanha rotineira, matinal e obsessiva, adentrou o apartamento 122 no dia 19 de outubro de 1973, às 06:30 de uma radiante manhã de sexta-feira na Serra da Mantiqueira e se deparou comigo roncando no apartamento vazio. Logo eu, o ex-agente secreto do Tenente Fernandes.

A reação dele foi um grito, uma espécie de uivo neandertal com cuspe, saído das profundezas daquele ser vestido de Tenente com faixa

de Oficial de Serviço no braço! Gesticulando furioso, o Tenente Duque vociferava impropérios naquela língua presa dele, quase ininteligível pelo seu descontrole: “Pladlilha, seu velme! Dolmindo de novo! Eu sabia que você estlava dolmindo! Levanta agola e vai pla folmatula! Tá anotado! Agola eu te pleguei! Vai pla audiência com o Felnandes! Levanta, aluno!”. Enquanto ouvia seus gritos furiosos, me dei conta de que me esquecera de olhar a escala de serviço na véspera! Dei chance para o azar!

Dei um pulo da cama como uma mola retesada que é solta dentro de uma meia. Além do susto, eu sabia que estava acabado. Aprovado com distinção no Departamento de Ensino, aprovado no exame de saúde e reprovado pelo Pelotão de Presos!

Passsei os dias que se seguiram fazendo contas, mas não tinha jeito: 27 “P” nas costas, nenhuma punição para deixar de ser contabilizada antes 31 de dezembro de 1973 e re-re-reincidente em falta desta natureza, eu ia levar, no mínimo, uns 6 “P” e voltaria para o “insufa”, o que acabava com o sonho de seguir para a AFA.

A audiência foi rápida e o Tenente Fernandes, santo homem, quebrou meu galho: três “P”, mas, mesmo assim, voltei para o “insufa”! Estava com um total de trinta dias de prisão de novo! Não ia para a AFA, nem concluir o curso da EPCAR pelo comportamento. Era o meu fim, nem o diploma de segundo grau eu ia ter!

Caminhava arrastando os pés pelo Pátio da Bandeira, desanimado, imaginando as etapas do desligamento, andando pelas seções a colher assinaturas de “nada consta”, era uma questão de tempo. A punição tinha sido publicada no Boletim Interno, naquela maldita quarta parte “Justiça e Disciplina”, de onde meu nome parecia não sair.

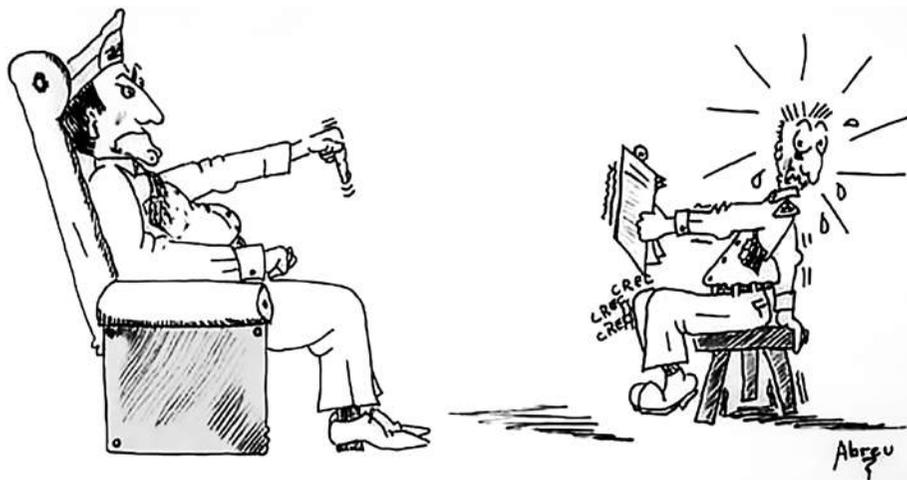
Todo dia eu acompanhava o Boletim Interno e triste vi que no dia 24 de outubro de 1973 “cantou” minha aprovação no exame de saúde que havia sido realizado em 2 de outubro. E nada de publicarem meu desligamento.

Um dia, andando pelo Pátio da Bandeira, enquanto cumpria a punição de três dias, um companheiro me avisou que eu tinha sido convocado para audiência com o Comandante do Corpo de Alunos na manhã do dia seguinte. Se ele não me avisa...

Chegou o dia da verdade. Audiência com o temido Tenente-coronel Tigre Maia, Comandante do Corpo de Alunos, só podia significar uma coisa: eu ia ao encontro da morte ou do desligamento, que àquela altura era quase a mesma coisa. Só o nome do sujeito já dava medo, me imaginei dentro de uma jaula e que um tigre avançava em minha direção e me

rasgava com as garras enormes!

Me preparei para o pior e, na hora marcada, apareci na porta da “jaula”, quer dizer, do gabinete do “felino”. Ele me mandou entrar e sentar enquanto atendia o telefone e, naquele momento de tensão, a placa de madeira sobre a mesa, com a inscrição “Corpo de Alunos – Comandante” em metal dourado, parecia uma guilhotina.



O Tigre desligou o telefone e foi logo dizendo o que eu já sabia: “Você está com 30 dias totais de prisão, sem perspectiva de deixar o insuficiente comportamento até abril do ano que vem, o que significa desligamento sumário!”. Felizmente para mim tudo tem um “mas”... “mas como é que eu desligo um aluno aprovado pelo Departamento de Ensino e no exame de saúde para a AFA, no fim do terceiro ano, sem direito ao menos ao diploma de conclusão do curso?”.

Gelado e lívido, boca seca, coração a uns 300 bpm, eu só assentia com a cabeça enquanto ele continuava. Afinal, quando a gente dá de cara com um felino de grande porte, o melhor é ficar quieto, torcendo para que ele desista do ataque. E ele recuou! Senti que eu tinha uma chance quando ele perguntou: “Você quer mesmo seguir para a AFA?”. Juntei as últimas forças e a saliva na boca e respondi com firmeza: “Quero, Coronel! Com certeza!”.

O que veio depois me fez relaxar tanto, que quase me borrei todo na frente do “felino”. Ele me propôs um voto de confiança, tornaria sem efeito os 3 “P” que estava cumprindo e, com isso, voltaria ao bom comportamento, atendendo às condições para me formar e seguir para a AFA, desde que eu

não cometesse nenhuma transgressão disciplinar nos trinta dias de curso que ainda restavam, ou ele cancelaria a “anistia” e me desligaria.

Topei imediatamente e jurei de pé junto (e dedos cruzados) que ele não teria mais notícias minhas até o fim do ano. Tudo “resolvido”, dei meia volta e sumi da vista dele antes que se arrependesse.

Eu não podia acreditar que, na beira do precipício, fui salvo pelo gesto paternal do grande “felino”. Tigre Maia havia me salvado da guilhotina! Na hora de assinar meu desligamento, alguma coisa guiou aquelas “garras” e mudou o meu destino.

Nessa história quem se deu bem, por tabela, foram os outros alunos que estavam no Pelotão de Presos. Para não ser injusto com os demais, ele resolveu anistiar a todos. Fui até o Aluno de Dia e anunciei a boa nova, mas ele, desconfiado, principalmente considerando quem trouxe a notícia, me mandou entrar em forma no Pelotão de Presos.

Entrei em forma conforme determinado, afinal seria por pouco tempo, e rindo de orelha a orelha falei para o companheiro ao lado que o Tigre Maia tinha me anistiado, com o compromisso de que eu me comportasse até o fim do ano e, para ser justo, resolveu anistiar todo o Pelotão de Presos.

A confirmação do que eu havia anunciado veio logo em seguida. O Capitão Senna foi quem transmitiu ao Aluno de Dia a ordem do Comandante do Corpo de Alunos anistiando todo o Pelotão de Presos. Os alunos do Pelotão deviam se apresentar aos seus esquadrões depois do almoço.

Confirmada a boa nova, o companheiro não titubeou e, feliz da vida, mandou logo um convite para darmos um VI naquela noite para comemorar na “Vovó” – a cerveja era por conta dele! Surpreso e tentado a aceitar o convite, mas consciente do compromisso assumido com o Tigre Maia em troca da anistia, hesitei por três segundos e mandei ele passar no apartamento 122 depois do silêncio. Afinal, fazia um tempo que não via a Maria Alice!

Chegamos de volta na madrugada e no dia seguinte, logo após a alvorada, ainda de ressaca, chamei pelo amigo que gentilmente atendia ao “serviço de quarto” e perguntei se ele tinha certeza de que o Tenente Duque não estava de serviço. Ele confirmou que o Duque estava de serviço no dia anterior, então naquela manhã deveria ser o Tenente Sérgio ou o Tenente Olney. “Nesse caso, me traz um pão e dois iogurtes de morango, que eu vou ficar dormindo!”.

E nessa batida, só Deus sabe como cheguei ao fim do ano disciplinarmente incólume, consegui meu diploma de conclusão do curso e segui para a AFA.

O “NAVIO NEGREIRO”

Lobianco, Oscar

O aluno da EPCAR pode até ser desprovido de juízo, mas não de criatividade. Inventaram uma competição “sui generis”, que ocorria em todo final de curso, na noite da cidade, chamada de Navio Negroiro.

O nome nos remete ao poema de Castro Alves, um dos mais conhecidos da literatura brasileira, mas na verdade não tem nada a ver com a tragédia dos africanos arrancados de suas terras e transportados como animais em navios, para trabalharem como escravos.

Na verdade, ninguém sabe dizer porque atribuíram esse nome à disputa.

Eram escolhidos três postos de controle em locais movimentados do centro da cidade onde ficavam os “juízes”, o principal era nas proximidades da Praça dos Macacos, geralmente em frente ao restaurante A Brasileira. O objetivo era passar com uma moça em frente aos três postos de controle, e o total de pontos obtidos na passagem dependia de quão desprovida de beleza era a moça e a atitude durante a passagem: lado a lado, de mãos dadas, abraçados etc. Quanto mais “íntimo”, mais pontos! Quem somasse mais pontos nas passagens ganhava o troféu.

A competição era “honestá”, mas o campeão daquele ano apelou! Em uma passagem só, nos três postos, “estourou a banca” e os “juízes” encerraram a competição declarando-o vencedor na hora!

Dizem que ele deu uma grana para uma pedinte feia e desdentada desfilá com ele em frente aos três locais onde ficavam os “juízes”. Ele chegava abraçado com a “senhora”, fazia uma declaração de amor, entregava-lhe uma flor, pedia em casamento e tacava-lhe um beijo naquela boca desdentada! Não teve jeito. Depois dessa ninguém tirou dele o troféu! O prêmio teve um “bom fim”!

ALUNO TEM CADA UMA!

Oscar (Extraído da Revista “O Albatroz”)

Na sala de aula, perguntaram se “atora” podia ser usado como feminino de ator. Diante da resposta negativa do professor, depois de uma exaustiva reflexão intelectual, um dos alunos saiu com esta: “Atora é feminino de O TOURO”. Outro dia perguntaram se existia algo que neutralizasse os efeitos da Bomba A e o mestre respondeu que, de acordo com algumas fontes, as radiações da Bomba H neutralizam as radiações da Bomba A. Até aí, tudo bem, mas o aluno prosseguiu: “Quer dizer então que um cara morto com a Bomba A pode ressuscitar com a Bomba H?”.

Na aula de física, o mestre explicava um problema, quando o aluno comentou: “Mestre, eu nem esquento a cabeça com isso!”, ao que o mestre respondeu: “Também pudera, com uma cabeça desse tamanho seria preciso uma energia muito grandel!”.



Ao ser pego pelos companheiros estudando química durante uma projeção cinematográfica, o aluno justificou: “Só estou testando a vista, afinal de contas a inspeção de saúde do fim do ano está aí!”.

Comentava-se sobre a grande quantidade de pássaros que pousavam na árvore em frente à sala do Aluno de Dia e um dos alunos, no auge de sua sabedoria, comentou: “uma verdadeira ALCATEIA, senhores!”.

Teve aluno que preencheu o campo “Em caso de acidente avisar a” da

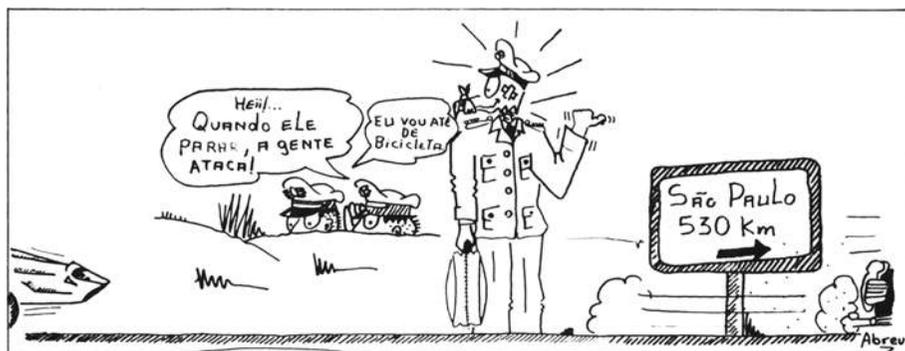
ficha confidencial com “Não quero que avisem ninguém, porque minha mãe sofre do coração!”. E tem aquele que, ao ser perguntado pelo psicólogo se era descendente de italiano, respondeu: “Não, sou descendente de meu pai e de minha mãe mesmo!”.

Toca a corneta para a educação física e o aluno, rápido como um raio, sai do apartamento ainda se vestindo, corre, entra em forma no Pátio da Bandeira ainda amarrando o cordão da maratona e veste a camiseta... que não era camiseta. Na pressa, ele havia trazido uma fronha no lugar!

Tinha aluno que vivia inventando de tudo. O pior é que um dia um deles deixou todo o H-8 sem luz, com sua invenção de um “chuveiro elétrico”.

Ao passar o serviço: “Passo o grupo de alunos ao serviço do corpo de dia... quer dizer, passo o Aluno de Dia ao serviço do grupo... digo, passo o Corpo de Alunos ao serviço do grupo de dia... Pô, passo qualquer coisa!”.

Em um lindo fim de semana, o aluno pediu carona a uma Kombi e acabou indo parar no cemitério de Juiz de Fora. Arrego! Pegar carona em carro funerário é demais! Por outro lado, teve aluno que acabou pedindo carona à Kombi da PA, porque não parava nenhum carro.



Tinha aluno que comprava roupas largas só para dizer que estava emagrecendo. E teve aquele aluno que foi à praia no Rio de Janeiro de abrigo olímpico completo, sabonete e toalha. Ê, matuto! Outro foi à farmácia comprar Copertone (bronzeador) para um amigo que, sugestivamente, era chamado de “Tronco de Amarrar Onça”. Na hora da compra, ele se enrolou com o pedido e acabou comprando hipertônico (que é fortificante). Logo para quem! Arrego para a memória!

NOME OU APELIDO?

Oscar

Um apelido é instituído em um indivíduo a partir de sua característica física ou comportamental, da região ou do local de origem, do próprio nome ou por qualquer outro aspecto que tenha se destacado em alguma oportunidade.

Costuma-se dizer que, quanto mais o indivíduo reage ao apelido, mais ele “pega”. Eu não discordo de quem partilha essa opinião, mas a verdade é que existem apelidos que “caem como uma luva” e daí não adianta reagir ou não reagir, porque ele vai acompanhá-lo para o resto da vida.

Em um grupo de jovens alunos que conviviam diuturnamente durante três anos, seria natural que surgissem apelidos e também que eles caíssem em desuso por um motivo ou outro, ou até que se perpetuassem, chegando, em alguns casos, a ofuscar o verdadeiro nome do amigo, que passava a ser tratado pelo apelido, em vez do nome.

Os apelidos nos remetem àquele tempo de convívio na EPCAR e aos companheiros aos quais estão associados, mesmo que seja muito difícil lembrar a origem ou a razão deles. Selecionei alguns que considero mais conhecidos. Talvez não nos lembremos de todos, mas conseguiremos, com certeza, associar boa parte dos apelidos àqueles que compartilharam e compartilham nossa história.

E aí, será que a memória ajuda a lembrar de quem são estes apelidos: Abacaxi; Aranha; Arataquinha; Azarão; Babão; Barão; Barbunda; Barril; Batráquio; Bebê Johnson; Bitolado; Boa Fase; Bobina; Bode; Bom Velhinho; Brigadeiro; Bronquinha; Caçapinha; Cachorrão; Cagalhão Parrudo; Canivete; Cantil; Capa Égua; Caveira; Cevert; Charles Bronson; Chat Noir; Chaveco; Coquinho; Curirica; Dimanche; Donga; Siroco; Formiga; Fóssil; Galo Rouco; Garibaldo; Gasparzinho; Gato Félix; GBO; Giabra; Índio; Jabá; Jacaré; Japonês; Jotão; Judeu; Loup Garroud; Magro; Maluco; Manequim; Belo; Matuto; Memeia; Mico; Moita; Molu; Mon Frer; Morcego; Nariz; Padeiro; Padre; Pardal; Passarinho; Patão; Patinho; Pé na Cova; Peixe; Peninha; Pignarigão; Pinda; Piruzinho; Português; Queixada; Racumin; Ratão; Recruta Zero; Rei da Bobeira; Rei do Mal; Roger Ranger; Saguí; Sapão; Sapo-boi; Saquinho; Schultz; Serotô; Tafeiro; Tarado; Tché Belo; Testa de Latão; Troão; Tronco de Amarrar Onça; Velha; Velho; Zé Galinha; Zé Vaca e Zêta.

DOS PROFESSORES, A LEMBRANÇA...

Aguiar, Alberto, Aldo, Antunes, Aurélio, Bragança, Cosme, Cunha, Dalmar, Dantas, Edvaldo, Galvão, Martins, Mártire, Neiva, Oscar, Padilha, Parente, Professor Fonseca, Schneider

Cinquenta anos passados e ainda nos lembramos de alguns nomes, apelidos e aspectos pitorescos e peculiares sobre nossos mestres que valem a pena recordar, sem esquecer o imenso respeito que tínhamos por todos, responsáveis que foram por nossa formação acadêmica e moral.

O célebre Foguetinho (Tenente Djalma), do PAVITEC... o Vernier (Fernando Camargo), de topografia... a Patativa da Mantiqueira (Fernando Victor), de história, um dos maiores tribunos da cidade e orador oficial nas solenidades da EPCAR.

O Escovão (Henrique), pelo bigode. Alto, magro e sempre de terno, fumava um cigarro atrás do outro durante a aula. Era filho do professor Allevato, chefe do ensino fundamental.

O Jackson, de física. Tinha cara de cientista e era uma ótima pessoa!

A Janine, de francês, casada com o Messie Tibô (Philippe), professor e coordenador de francês.

O Quincas P.D. (Joaquim), de português, no 3º ano. O apelido era herança da Turma 68.

O Butano (João Batista), de química inorgânica no 2º ano... o Batatinha (Nelson)... a Ameba (Sueli)... o Carequinha (José Mauro).

O Machadinho (Machado), de química. Dizia que o famoso Antoine Henri Becquerel andava com uma substância radioativa no bolso, ou algo parecido com isso, e concluía: “Aí Becquerel se fudeu!” E nós, a “mundiça”, caíamos na gargalhada.

O Manhães, de matemática no 1º ano. Muito divertido, principalmente quando apagava o quadro negro e ficava sujo de giz até a boca. Para encerrar a aula dele, era só perguntar sobre a 4ª e a 5ª dimensões... aí já era!

O Márcio Sollero, de moral e cívica, que tinha um dedo indicador torto para o lado, que parecia sob medida para socar o fumo, sempre da marca Irlandez, no cachimbo que fumava durante a aula. No segundo ano, instalaram nas salas de aula um sistema de intercomunicação que, ao ser acionado, estabelecia contato direto com o Coronel Brasil, Subcomandante da Escola, em viva-voz. O Márcio Sollero comentava na aula sobre a

sucessão do Presidente Médici, que o Brasil estava parecendo com cuia de chimarrão, um gaúcho passando para outro... Os alunos sentados próximos do “aparelho” ameaçavam apertar o botão e o professor falava: “Aperta, vocês acham que eu tenho medo?”.

O Ayres Pinto, de química no 1º ano, que não entrava na sala enquanto todos não estivessem de pé e em silêncio. Então, da porta, ele colava seu braço ao corpo, dobrava o antebraço a 90º voltado para frente, punhos cerrados e polegares de ambas as mãos para cima em sinal de positivo e proferia a célebre frase: “Turma G, bomdia-àvontade-obrigado!” (tudo junto mesmo!). Ele tinha uma sobrinha que também era professora de química na Escola: a Heloísa.

O Mauro, de geociências. Era o “faz-tudo” da TV EPCAR! Uma vez perguntou a um aluno por que o gelo, assim como os pinguins, saía da Antártida, mas só os pinguins chegavam ao litoral do Rio de Janeiro, e deparou-se com a resposta “genial” do aluno: “Ora, professor, porque o gelo derrete e os pinguins não!”.

O Araponga (Noé), de português no 3º ano, tinha esse apelido devido à sua voz metálica. Escrevia sob pseudônimo de Eonsissaamil (nome dele invertido). Ele contava a métrica dos versos batendo com os dedos na testa.

O Pupo Nogueira, de literatura portuguesa. Era muito exigente com a disciplina, mas era uma peça rara! Dava parte dos alunos, mas os alunos abusavam da sua paciência. Uma vez ficaram repetindo em sala o nome dele “Pupo” como se fosse um relógio cuco: “Pupo, Pupo, Pupo!”. Em outra oportunidade pediu aos alunos uma proposta de autor ou livro para ser incluído no currículo de literatura portuguesa e prontamente lhe foi sugerido Carlos Zéfiro. Ele respondeu que não conhecia, mas que iria verificar e responder na próxima aula. Nas duas ocasiões “sobrou” cadeira para os alunos engraçadinhos. Escrevia com giz de diversas cores no quadro negro. Ecoa na memória de seus alunos o refrão da música trovadoresca Ai Flores de Verde Pino, do Rei D. Dinis de Portugal, que ele recitava com uma entonação especialmente particular: “Ai Deus, e u é?”.

A Verinha Cascavel (Vera), contratada para ensinar redação, acabou sendo efetivada como professora de português. Ganhou esse apelido porque sibilava mais do que carioca quando pronunciava o “s”. Durante o Festival de Música, contribuindo com a recepção dos convidados, foi impiedosamente torturada pelos alunos que imitavam o som da cascavel

cada vez que ela passava.

A Lenita (Helenita), de matemática no 3º ano. O apelido era só uma questão de rima (rima pobre, por sinal). Filha do prefeito de Leopoldina, era muito interessada e dedicada aos alunos, chegou até a doar umas apostilas para o Melichar fazer o vestibular ao final do 3º ano. Casou-se com um Oficial Intendente transferido para a AFA e acabou reencontrando a Turma 71 por lá.

O Welfane, de física. Mega master em computação, era o chefe do serviço de processamento de dados do Departamento de Ensino. O Anastácio “Bip Bip”, de matemática do 3º ano, era coordenador na mesma área.

O Possas, de português no 2º ano – um eterno declamador de poesias.

O Renzo, de matemática no 2º ano, tinha um sotaque mineiro bem carregado: “Ocês panha ua fôia de papêr prá mode nós fazê um testi”.

O Attademo, de química, que colocava chumaços de algodão embebido em formol no nariz de quem cochilava no laboratório.

O Lídio Nusca e o Conegundes, que passaram anos na EPCAR tramando a derrota política de um grupo dominante em Barbacena e conseguiram: o Nusca se elegeu prefeito e o Conegundes deputado estadual.

Áurea, Imaculada, Terezinha, Maô (Maria Auxiliadora) e a Poderosa Isa, de francês... Enós, de Português no 1º ano... Pe. Eudes, de Filosofia no 3º ano... Fenelon e Miriam, de geociências... Grossi e Conegundes, de matemática... Enéas, de biologia... Samir Mafuz, de física no 1º ano... e o querido Baumgarth.

A professora de química, baixinha, que vivia em manga de camisa e dizia que não sentia frio. E o professor que, ao se aborrecer, ameaçava se aposentar e “ir tocá(r) gado no Mato Grosso”.

O professor de português do 1º ano, que botava uma seta no início tudo que escrevia no quadro e dizia: “tópico”.

O professor de geociências que tinha uma memória fabulosa: guardava toda a apostila na cabeça. Alguns alunos passavam a aula acompanhando para ver se ele errava alguma coisa, mas ele não trocava nem vírgula.

O professor de história do 2º ano, nosso querido Bom Velhinho.

Nosso espirituoso professor de história que, em meio a uma aula, declarou: “estas palavras foram as de D. Pedro gravadas para sempre em fita Crowncoorder da Philips!”.

QUEM VÊ CABEÇA, NÃO VÊ CORAÇÃO

Isnard

O Isnard estava terminando o curso da EPCAR muito bem classificado, mas tinha um problema de visão e não seria matriculado na AFA. Então, ele deu o nome para seguir para a AMAN, uma oportunidade de continuar na carreira militar. Para quem não se lembra, naquela época os alunos aprovados no terceiro ano da EPCAR eram diretamente matriculados no Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAV) da AFA. A admissão para o Curso de Formação de Oficiais Intendentes (CFOINT), também na AFA, era só por concurso.

No fim de 1973, com a vida encaminhada, só uma coisa perturbava muito o Isnard: a voz do Tenente Fernandes repetindo sempre que o via “Aluno Isnard, tesoureiro do Esquadrão!”; talvez só para provocar, porque sabia que o Isnard não gostava, mesmo sendo, realmente, o tesoureiro. O pior é que o Tenente Fernandes era o Chefe da Garagem, e o Isnard costumava frequentar a garagem para conversar com um tio dele, que era mecânico de viaturas. Isso chegou ao ponto em que o Isnard não aguentava mais ver o Tenente Fernandes.

Ele já não tinha mais paciência para ouvir aquela voz, mas um dia o Tenente Fernandes chegou para ele e, de supetão, disse: “Eu paguei a sua inscrição para o Curso de Formação de Oficial Intendente (CFOINT) da AFA! Você vai fazer o curso de Intendente!”. E tratou de tudo para que o Isnard fizesse o concurso.

Na data prevista, o Isnard foi para São Paulo, onde ficou hospedado na casa do Pimentel, fez o concurso e passou para o CFOINT da AFA.

Assim, graças ao incentivo e apoio do Tenente Fernandes, o Isnard fez o curso de Intendente junto com a Turma na AFA.

BAILE DO ADEUS – DESPEDIDA NA CADEIA?

15 de dezembro de 1973

Capella

Semana que antecede ao Baile do Adeus, o último evento do ano. Depois do Baile, aqueles que permanecessem em Barbacena após o licenciamento de férias na semana anterior, viajariam para casa pela última vez depois de três anos de curso na EPCAR. A apresentação de retorno de férias, em 4 de março do próximo ano, seria na Academia da Força Aérea (AFA), em Pirassununga (SP).

A SAEPCAR programou o Baile, com grande antecedência, para o dia seguinte ao último dia previsto de atividade para os alunos, de acordo com o cronograma conhecido da EPCAR, mas os alunos acabaram sendo licenciados de férias uma semana antes, a partir do dia 8 de dezembro, e nem todos permaneceram mais uma semana na Escola para participar do evento. Mesmo assim, o Baile foi um sucesso!

Ao Diretor de Apoio da Sociedade Acadêmica cabia a responsabilidade de preparar, estruturar e decorar o salão de acordo com o tema escolhido: Hawaii. Distribuição de mesas, montagem da decoração, área reservada aos músicos, acessos etc. eram só parte das preocupações e ele não mediu esforços para trazer ao ambiente a sensação dos jardins das ilhas havaianas. A cabeça do Diretor de Apoio estava “a mil” com as tarefas atrasadas.

Tudo isso coincidiu, justamente, com a semana de corte de cabelo. O Diretor se apresentou ao barbeiro conforme previsto, mas convenceu-o a fazer um corte “light”, exclusivo para a festa de despedida e posterior entrada de férias.

Dois dias depois de ter “cortado” o cabelo, na véspera do dia do Baile, a coisa estava “pegando” para a conclusão dos trabalhos e, logo após sair de uma reunião na Sociedade Acadêmica, o Aluno seguia rumo ao salão do Baile com a cabeça fervilhando de pensamentos e prazos exíguos, quando cruzou com o Tenente Ávila, Oficial de Dia. Cumprimentou-o e seguiu rumo ao salão para acelerar as providências, quando ouviu os gritos do Tenente a chamá-lo pelo nome. Retornou para atender ao chamado e foi questionado sobre o corte de cabelo, tendo respondido que já tinha cumprido com a obrigação, bastando conferir o registro de sua presença na barbearia na data prevista. Não satisfeito com a resposta, o Tenente mandou que cortasse novamente o cabelo. O Aluno argumentou que a fila estava grande, pois era o dia em que a barbearia atendia aos alunos do segundo e do primeiro ano, e que não tinha tempo a perder com isso, pois devia concluir a montagem da festa.

O Tenente Ávila não se deu por satisfeito e ordenou que ele fosse imediatamente para a barbearia cortar o cabelo no padrão previsto, “nem que isso demorasse o dia inteiro”. Pensando mais em não decepcionar no último Baile da Turma, com a presença de familiares e namoradas, do que em si próprio e na carreira militar, o Aluno disse para o Tenente que não iria, pois tinha mais o que fazer. Naquele ponto, desafiado pelo aluno que questionava sua autoridade, o Tenente deu-lhe ordem de prisão e o encaminhou à cadeia. A situação era gravíssima. Não se tratava de ficar detido no alojamento, como era usual, mas de seguir para a cadeia propriamente dita.

Foi o Major Aildon que determinou que o retirassem da cadeia e levassem-no à sua sala, onde recebeu uma reprimenda digna de seu ato de insubordinação! Por mais questionável que fosse a ordem superior, o Aluno deveria executá-la. A desobediência a uma ordem direta poderia trazer consequências nefastas para o futuro de um militar.

O Major Aildon autorizou o aluno a se dedicar às tarefas relacionadas ao Baile do Adeus, mas, como punição à sua atitude, determinou que este ficasse detido na EPCAR na semana seguinte ao baile, suspendendo seu licenciamento de férias, a despeito de sua família ter viajado até Barbacena para comparecer ao Baile e acompanhá-lo na volta para casa.

As coisas não ficaram boas com o Tenente Ávila, que, coincidência ou não, foi escalado de serviço de Oficial do Dia em dias alternados na semana seguinte e, numa dessas peças que a vida nos prega, teve de assistir àquele mesmo aluno sair todos os dias da semana de punição para montar um estúdio de som na casa do Major Aildon, a pedido de sua sobrinha.



Quanto ao Baile, tudo correu muito bem, todos adoraram a decoração e a organização daquela que acabou se tornando uma maravilhosa festa de despedida. No dia seguinte, os companheiros de turma se despediram da EPCAR e partiram para as merecidas férias. No próximo ano, uma nova etapa se iniciaria na AFA.

SAUDADES DE BQ...

Oscar

Ah, que saudades de respirar aquele ar puro da Serra da Mantiqueira... de sentir o aroma de café fresco pelas ruas... de comprar lindas rosas recém-colhidas, de todas as cores, no Roselanche... de dar comida para os macacos da praça... de cruzar com o carinho da Isabelinha a anunciar a presença dos “lindos passarinhos”... de ir ao cinema aos domingos ou simplesmente ficar na cama sem fazer nada... das travessuras juvenis... dos botequins e das vendas ou mercearias por toda a cidade... de ouvir no rádio o “jingle” do Supermercado Irmãos Oliveira ou do Transporte Girassol... do bife à parmegiana do Eldorado, na descida do Olympic... das pessoas simples a passear com a família pelas ruas... de subir e descer aquelas ladeiras... dos amigos... da cidade a fervilhar com os jovens rapazes e moças, amigos ou namorados, a cruzar pelas ruas, em uma explosão de alegria ao término das aulas, como uma revoada de andorinhas ao entardecer. Éramos jovens repletos de sonhos, sem maldade, vivendo em harmonia num tempo que nunca sairá de nossas lembranças.



Quando chegava o fim de semana, os alunos que não viajavam já sabiam que o “point” da paquera era o centro da cidade. Os alunos faziam ponto, principalmente, na calçada do restaurante A Brasileira (o melhor misto-quente com suco de laranja da cidade!) e da Bota de Ouro, na altura da Praça dos Macacos, enquanto as garotas ficavam no vai e vem à espera de um convite para conversar ou passear lado a lado, o limite do primeiro contato. Daí as coisas poderiam evoluir para um passeio de mãos dadas e até o namoro, com o conhecimento e consentimento dos pais da moça, é lógico!



Nas manhãs de sábado sempre havia um grupo de rapazes aguardando, na porta dos colégios, o término das aulas das moças para acompanhá-las.



Entretanto, a paquera não era só no passeio público, ao ar livre, havia outros locais que guardamos saudade, onde os rapazes e as moças se encontravam: Pingo do Céu (Pedro Cimino), Tio Patinhas, Mister Babu, Tyrannosaurus e a boate Sarcófago, por exemplo.

Tinham ainda os bailinhos nos clubes Andaraí, Barbacenense e Olympic, que começavam por volta de 20:00. E como não destacar as noites dançantes no Hironnelles, palco de shows de grandes artistas e sinônimo de boa música e boa comida em Barbacena, assim como o Gino's Il Candelabro, que, além das sextas-feiras dançantes, ainda servia comida italiana e internacional, com destaque para as pizzas e lasanhas, durante toda a semana.

Ainda havia as oportunidades ocasionais como, por exemplo, em abril, na festa do jubileu da Basílica de S. José Operário – o “Jebeleu” –, as festas juninas, quando os alunos da EPCAR formavam casais com as alunas do Colégio Imaculada Conceição para dançar quadrilha, e, em outubro, a competição entre as escolas militares irmãs (a NAE), quando os colégios da cidade eram convidados a participar da nossa torcida.

ISABELINHA

Cunha, Oscar (Adaptação de texto da “Revista Senta a Pua 71”)

Como lembrar de Barbacena e da EPCAR e não mencionar Isabelinha? Ela era uma querida companheira de caminhada pela cidade, sempre lembrando a nossa condição de aluno da Aeronáutica.

A Isabelinha que conhecemos era uma mulher de cabelos brancos, despojada de luxo ou riqueza, mas vaidosa ao seu modo. A boca pintada com um batom vermelho vivo complementava sua usual indumentária: sapato de salto, meias grossas, vestido e casaco de veludo surrado, uma bolsa em uma das mãos e o guarda-chuvas na outra.

Assim trajada, seguia sem destino pelas ruas e ladeiras da cidade, sempre acompanhada do fiel companheiro Nabão, um cão vira-latas de aparência cansada, exibindo sua destacada cultura: em voz alta recitava poemas e proferia discursos ao vento, chamando a atenção de todos ao seu redor que, às vezes, paravam só para escutá-la



Se visse algum aluno da EPCAR, em grupo ou solitário, interrompia o que estivesse fazendo e ia logo exclamando: “Lindos passarinhos, azuis, da cor do manto de Nossa Senhora!”. E a quantos ela via repetia essas palavras em voz alta para que todos a ouvissem e percebessem seus “adorados meninos” passando.”

Essa espontaneidade de manifestações surgia em qualquer circunstância que avistasse os alunos: seja no pátio da Escola ou na cidade, marchando, passeando, paquerando, ou... dando VI. Era um verdadeiro perigo!

O fato é que nenhum aluno lhe passava despercebido. Se havia alguma ligação entre ela e os alunos, era de pura afeição. Não por esta ou aquela Turma, mas por todo o Corpo de Alunos, que para ela era imutável, mesmo com o passar dos anos. Ela era testemunha das alegrias que nos entusiasmavam e das tristezas que nos deprimiam.

Isabelinha pertencia àquele grupo de pessoas que não viam a realidade da vida. Sua inocência permitia-lhe ver somente aquela parte doce e afetiva que se vive. Isso lhe proporcionava o sorriso fácil e constante que nos dirigia em suas invariáveis e elogiosas palavras. Trazia na voz uma tonalidade que sensibilizava e atraía, identificava e afeiçoava. Com ela não se conversava sem sorrir.

Na certa que sua figura bizarra, de traços que lembravam sua antiga beleza, de palavras que sugeriam cultura, a todos impunha indagações sobre a razão que a levou a ser o que era: uma personagem incorporada às lembranças que levamos da EPCAR.

Isabel Vidal, a nossa querida Isabelinha, faleceu em dezembro de 2000 com 85 anos. Seu velório, na Igreja Nossa Senhora da Boa Morte teve a participação de amigos e de uma grande comitiva de alunos da EPCAR que lhe prestaram uma última e justa homenagem.

Sua história foi registrada no livro *Bela Isabel, Isabelinha*, de Márcia Paschoallin.



BALANÇO FINAL

Fernando, Oscar (Extrato da “Revista Senta a Pua 71”)

Nossa mente voa livremente... flashes daqueles tempos vão se apresentando... estórias completas, outras não... momentos alegres, outros nem tanto... solenidades e formaturas intermináveis sob chuva ou sol, com os desmaios habituais, ainda que fôssemos superiores ao tempo... muito VI... Gino's Il Candelabro... Sovon's... “Bacteria's Bar”... carona proibida na estrada... brigas nos bailes do Olympic e do Barbacenense... os shows de Wilson Simonal, de Rita Lee e Os Mutantes, o I Festival de Música Popular Brasileira da EPCAR, com show de Eliana Pittman... como foi intensa a atividade cultural! Recordamos os amigos, mestres, instrutores, comandantes. Reviver aqueles tempos é viajar na imaginação para a EPCAR e, sem dúvida, para Barbacena e os “camofos”, termo às vezes pejorativo, às vezes carinhoso, com que nos referíamos aos nascidos na “Cidade das Rosas”.

Decorridos três anos, 121 companheiros (17 no primeiro ano, 26 no segundo e 78 no terceiro) não conseguiriam atingir o êxito final – ora por reprovação em exames de saúde, ora por outros e inesperados motivos. Assim, sentiam-se como águias de asas partidas, sendo forçados a outros caminhos, podendo ser belos e dignos, porém longe de ser aquilo com que sonhavam quando ingressaram na EPCAR.

Outros sete companheiros resolveram abreviar o caminho até os ares, optando por seguir para o Curso de Formação de Oficiais Aviadores da Reserva de 2ª Classe (CFOAR/2), em Natal (RN), em vez da Academia da Força Aérea (AFA).

E pensar que, no início do curso, éramos apenas “ilustres desconhecidos” e, ao final, tanta coisa conhecíamos uns dos outros (até quem gostava de misturar feijão com goiabada). Para sempre seríamos pequeninas partes de vida de cada um, como diversas circunferências que se cortam. Ao fim do último ano letivo, venturoso para muitos e de desilusão para outros, constatamos que esta havia sido, acima de tudo, uma feliz oportunidade de adquirir novas experiências e de construir boas e sólidas amizades.

Mil rumos se apresentaram, separando vidas que em três anos conseguíamos unir. E cada um seguiu seu próprio destino que, por vezes, acabou por se confundir com o dos outros. Na vida de cada um, porém, nunca se apagou a chama dos verdadeiros e nobres ideais formados durante aqueles anos de

convívio, alimentando um estado de espírito que no jovem jamais pode faltar.

No período conturbado em que vivemos, de transformações sociais inevitáveis, em que os nobres valores sofrem tremendos impactos de um mundo em crescente evolução, é confortante saber que muito ainda se pode esperar de uma geração que ingressou na EPCAR em 1971.

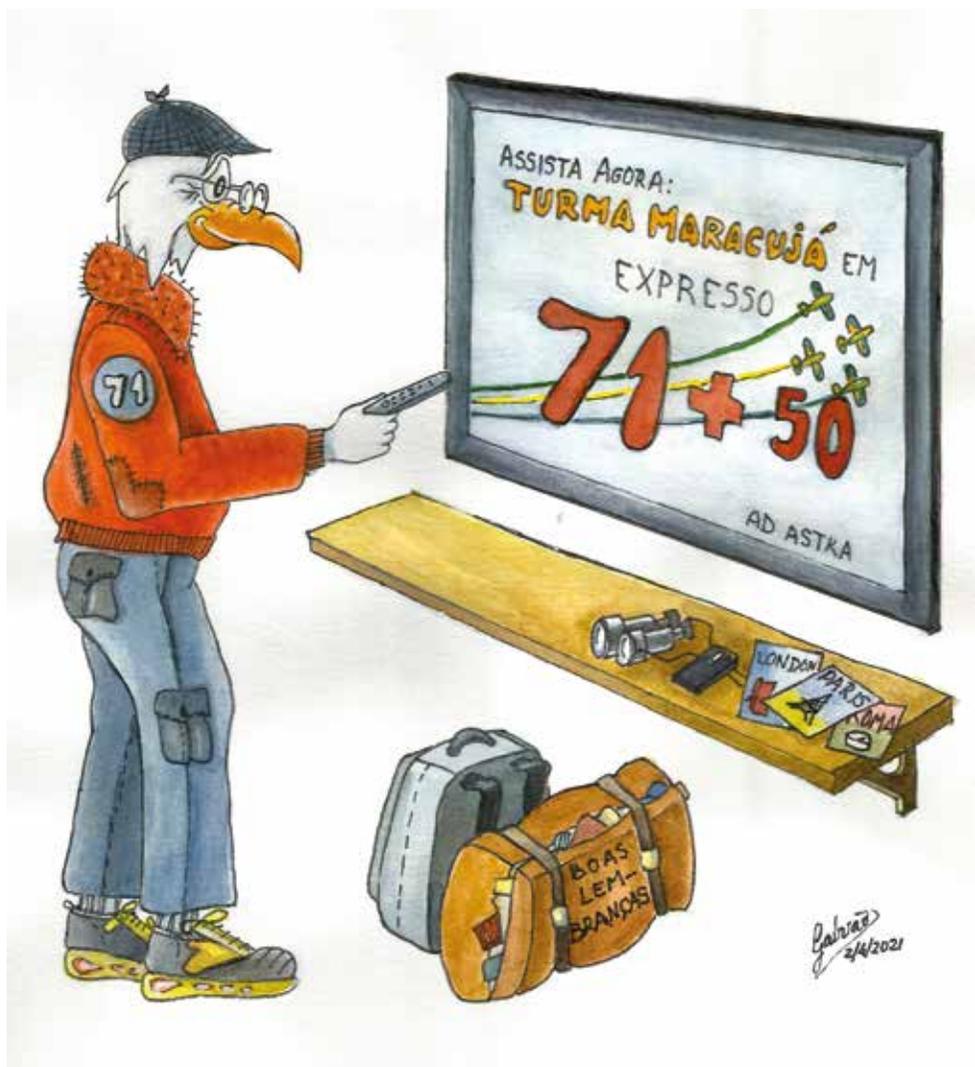
Em nossa memória ainda vive a lembrança daquela nossa estreita convivência. Nunca estaremos separados...

Amamos a Paz, cumprimos as ordens, contribuímos para o progresso, e para concluir a última cerimônia na EPCAR, desfilamos garbosamente. Foi assim que, sob os brados do juramento eterno à Bandeira Nacional, a Nação sobrepôs o manto sagrado da cidadania sobre nossos jovens ombros e a Pátria, a maioria de seus novos filhos.

Ao término do Curso, dos 321 alunos inicialmente matriculados na Turma 71 da EPCAR, apenas 200 (62%) foram matriculados na AFA.



A TURMA 71+50 VEM AÍ...





71-001 Aldo



71-002 Bombonato



71-003 Padilha



71-004 Andrade



71-005 Neiva



71-006 Guaianás



71-007 Lima Mendes



71-008 Zanqui



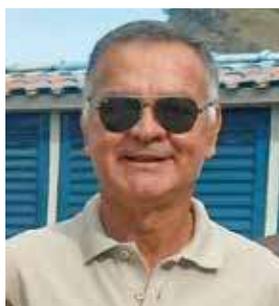
71-009 Bonatti



71-010 Pinheiro



71-011 Barbosa †



71-012 Benedito



71-013 Barros



71-014 Audálio



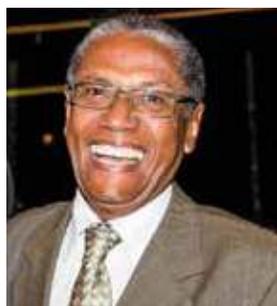
71-015 Medeiros



71-016 Ferrato



71-017 Marcelino



71-018 Soeiro



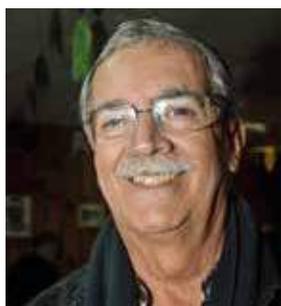
71-019 Amazonas



71-020 Saraiva



71-021 Dalton



71-022 Lobianco



71-023 Sérgio



71-024 Airton



71-025 Cruz



71-026 Mário



71-027 Cirus



71-028 Ferreira



71-029 Paulo



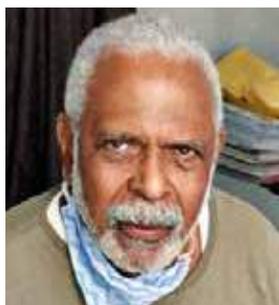
71-030 Rati †



71-031 Rodrigues



71-032 Birolli



71-033 Lisboa



71-034 Fajardo



71-035 Vianna



71-036 Galvão



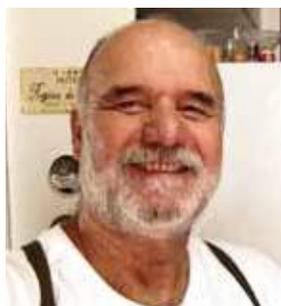
71-037 Prado



71-038 Alvarenga



71-039 Bevilaqua



71-040 Berni



71-041 Pires



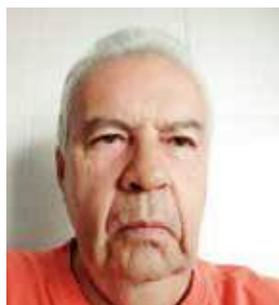
71-042 Quintas



71-043 Alberto



71-044 Pierre



71-045 Autran



71-046 Moreira



71-047 Aguiar †



71-048 Góes



71-049 Frantz



71-050 Clenezio †



71-051 Coutinho



71-052 Zeidler



71-053 Rafael



71-054 Paniagua



71-055 Arlindo



71-056 Tamarindo †



71-057 Loreto



71-058 Sidnei †



71-059 Dalmar



71-060 Videira



71-061 Mendonça †



71-062 Falcão



71-063 Marcato †



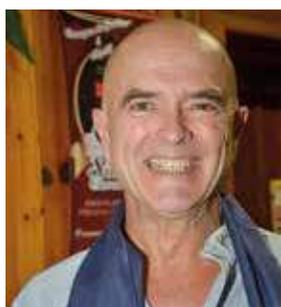
71-064 Carneiro †



71-065 Fiuza



71-066 Da Silva



71-067 Casemiro



71-068 Parentoni



71-069 Chaves



71-070 Beato †



71-071 Odilon



71-072 Cunha



71-073 Constâncio †



71-074 Dull



71-075 Jayme †



71-076 Machado



71-077 Jayro



71-078 Souza †



71-079 Galluzzo



71-080 Freitas



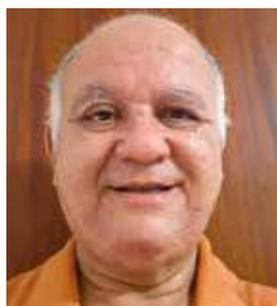
71-081 Torquato



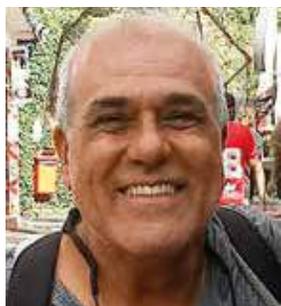
71-082 Rócio



71-083 José



71-084 Lázaro



71-085 Elael



71-086 Dantas



71-087 Afonso



71-088 Hrasko



71-089 Pastrello



71-090 Domingos



71-091 Neves



71-092 Renildo



71-093 Thales



71-094 Mauro †



71-095 Newton



71-096 Aluizio



71-097 Gerhard



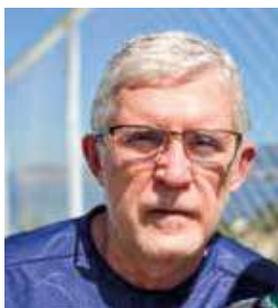
71-098 Araújo



71-099 Cesário



71-100 Guedes



71-101 Junqueira



71-102 Hassan



71-103 Santoyo



71-104 Tancredo



71-105 Doerl



71-106 Ernesto †



71-107 Ortiz



71-108 Táboas



71-109 Nascimento



71-110 Listo



71-111 Praça



71-112 César



71-113 Nunes



71-114 Getúlio



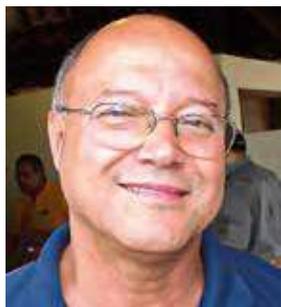
71-115 Carvalho †



71-116 Rael



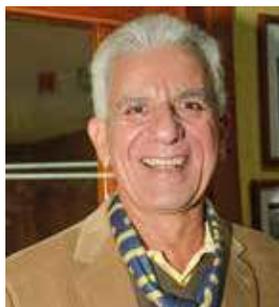
71-117 Vidal



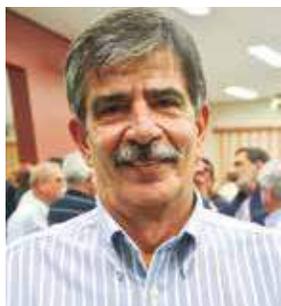
71-118 Porto



71-119 Mandarinino †



71-120 Russo



71-121 Barreto



71-122 Cefas †



71-123 Edson



71-124 Edvaldo



71-125 Reinaldo †



71-126 Loraydan †



71-127 Turmina



71-128 Duarte †



71-129 Assis



71-130 Carmo



71-131 Coelho



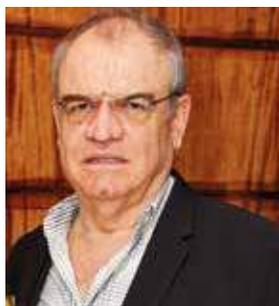
71-132 Osmar



71-133 Pimentel



71-134 Bunn



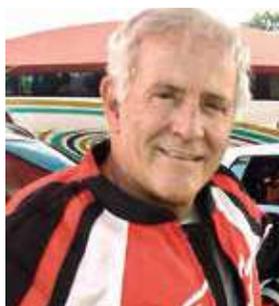
71-135 Camargo



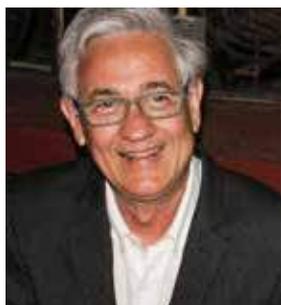
71-136 Prudêncio



71-137 Quaiatti †



71-138 Isnard



71-139 Benevides



71-140 Duque



71-141 Moço



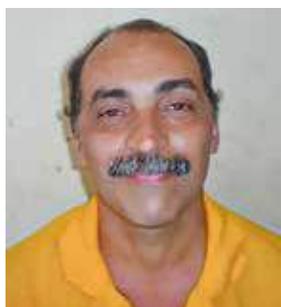
71-142 Franco †



71-143 Bomfim



71-144 Nestor



71-145 Graça



71-146 Nilson



71-147 Sebastião



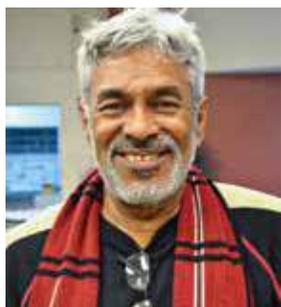
71-148 Walter



71-149 Pais



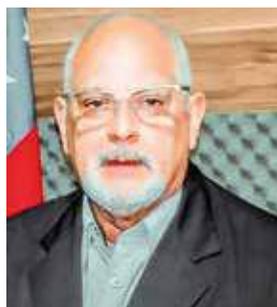
71-150 Villasboas



71-151 Soares



71-152 Lima



71-153 Macedo



71-154 Cantidiano



71-155 Marinho



71-156 Sampaio



71-157 Pintor



71-158 Destro



71-159 Junger



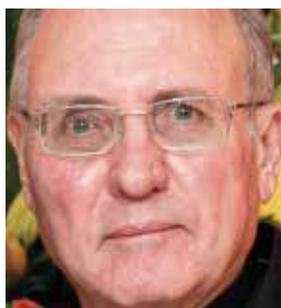
71-160 Theodoro



71-161 Menescal



71-162 Romulo †



71-163 D'Agostino



71-164 Alírio



71-165 Ribeiro



71-166 Maranhão



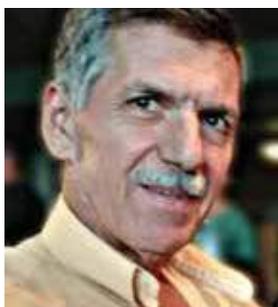
71-167 Ângelo †



71-168 Meireles



71-169 Petrocchi



71-170 Ferraresi



71-171 Dias



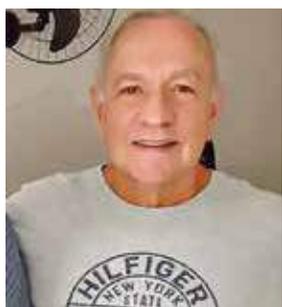
71-172 Pêgas



71-173 Holanda



71-174 Ferreirinha



71-175 Eitel



71-176 Nonato



71-177 Murilo



71-178 Detoni †



71-179 Bernardes



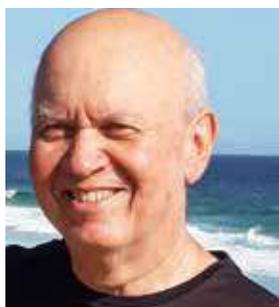
71-180 Koppe



71-181 Garcês †



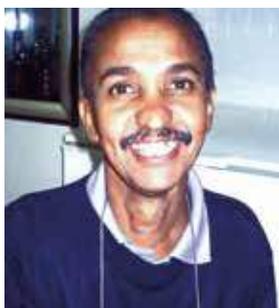
71-182 Cardozo



71-183 Rosset



71-184 Bezerra



71-185 Venício †



71-186 Antunes



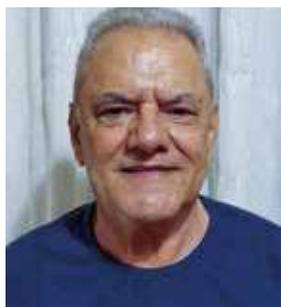
71-187 Borges



71-188 Naves †



71-189 Dulcílio



71-190 Couto Junior



71-191 Wagner †



71-192 Martins



71-193 Campos



71-194 Miguel



71-195 Samuel



71-196 Respino



71-197 Robson



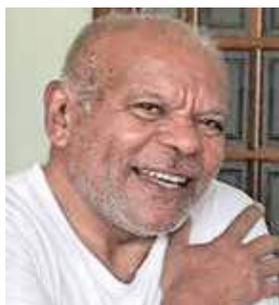
71-198 Correia



71-199 Beschoren



71-200 Ivan



71-201 Couto



71-202 Moura



71-203 Jorge



71-204 Melichar



71-205 Elmo



71-206 Luiz Carlos



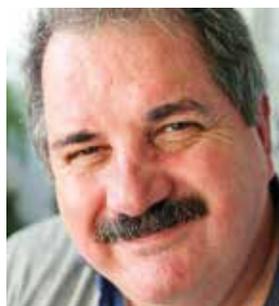
71-207 Renhe



71-208 Rosas



71-209 Lúcio



71-210 Palomar



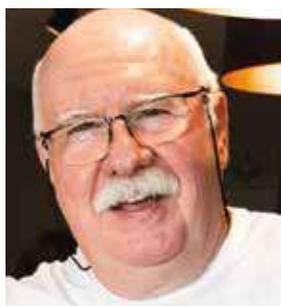
71-211 Santos



71-212 Peixoto



71-213 Cosme



71-214 Oscar



71-215 Aurélio



71-216 Elmar



71-217 Bernardo



71-218 Malcher †



71-219 Secca



71-220 Luiz †



71-221 Resende



71-222 Pehrson



71-223 Azevedo



71-224 Roberto



71-225 Milan



71-226 Ricardo



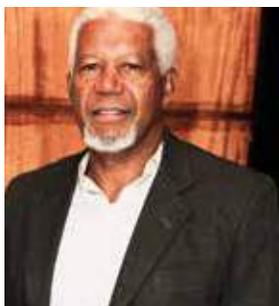
71-227 Donato †



71-228 Vaz



71-229 Lipp



71-230 Lourival



71-231 Lage



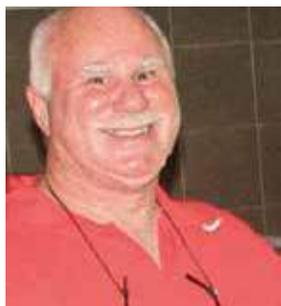
71-232 Capella



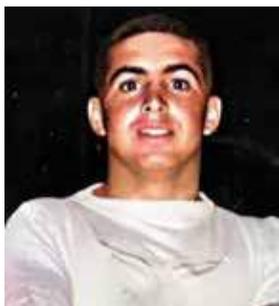
71-233 Silva



71-234 Ronaldo



71-235 Benvindo



71-236 Leão †



71-237 Claudio



71-238 Schneider



71-239 Ubirajara



71-240 Marciano



71-241 Flores †



71-242 Madeira



71-243 Miranda †



71-244 Aiub



71-245 Jarbas



71-246 Oswaldo



71-247 Magalhães



71-248 Severiano



71-249 Junior †



71-250 Reis †



71-251 Bigeli



71-252 Feitosa



71-253 Cássio



71-254 Noro



71-255 Dos Santos



71-256 Venzon



71-257 Potter



71-258 Lauro



71-259 Marcus †



71-260 Belmar



71-261 Da Costa



71-262 Porciúncula



71-263 Fernando



71-264 Rieta



71-265 Martire



71-266 Hélio



71-267 Velasco



71-268 Bragança



71-269 Belarmino



71-270 David



71-271 Pereira



71-272 Cleto †



71-273 Pach



71-274 Bourrus



71-275 Donizett



71-276 Baptista



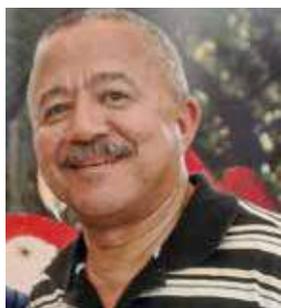
71-277 Pinto †



71-278 Mota †



71-279 Wilson



71-280 Carlos



71-281 Jerson †



71-282 Armando



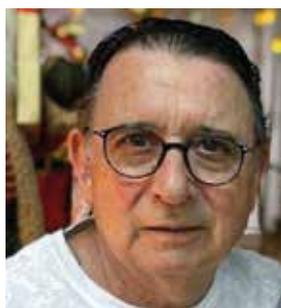
71-283 Davidson



71-284 Gomes †



71-285 Tosta



71-286 Danúbio



71-287 Emanuel



71-288 March



71-289 Curado †



71-290 Edimar



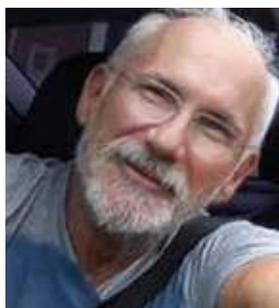
71-291 Fernandez



71-292 Bispo †



71-293 Wilton



71-294 Willie †



71-295 Bittencourt



71-296 Nélio †



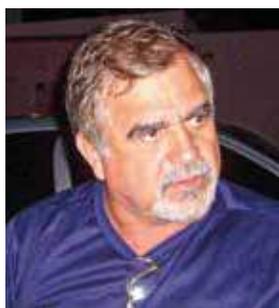
71-297 Elias



71-298 Melo



71-299 Tavares



71-300 Rene



71-301 Antônio



71-302 Vieira



71-303 Eustáquio



71-304 Ary †



71-305 Francisco



71-306 Aderson †



71-307 Amauri



71-308 Parente



71-309 Oliveira †



71-310 Jailton



71-311 Tito



71-312 Fredo



71-313 Passos



71-314 Silvestre



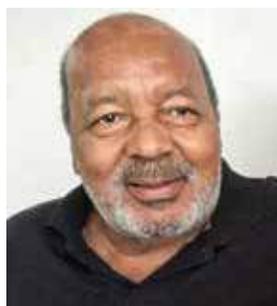
71-315 Cabral †



71-316 José Luiz



71-317 Almeida †



71-318 Élcio †



71-319 Luiz Fernando



71-320 Ruy †



71-321 Kaminski

